

VIAGEM LITERÁRIA



45 ANOS
45 CONTOS



E-BOOK

EDIÇÃO GRUPO 300 PORTUGUÊS

ESCOLA BÁSICA DE 1.º E 2.º CICLOS DE BORBÁCIO BENTO DE CRUVEIA



PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO
GRUPO DISCIPLINAR 300 – 3.º Ciclo - PORTUGÊS

NOTA DE ABERTURA

Helena Borges

PREFÁCIO

Maria de Fátima M. de Ornelas de Gouveia Soares

TEXTOS

Alunos do 3.º Ciclo HBG
Antigo aluno HBG
Docentes HBG
Encarregado de Educação HBG
Avós de alunos HBG
Assistente Operacional HBG
Equipa dos Serviços Administrativos HBG

ILUSTRAÇÕES

Alunos do 7.º ano de escolaridade
Turmas 1 e 3 sob orientação do Grupo 600

EDIÇÃO DE IMAGEM

António Manuel Silva
Ricardo Gouveia

COMPOSIÇÃO GRÁFICA E REVISÃO

José António Sousa
Emanuel Pestana
António Miguel Jardim

CAPA e CONTRACAPA

Helena Borges

Edição única

EDIÇÃO EM E-BOOK

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
ESCOLA BÁSICA 2.º e 3.º CICLOS DR. HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA

MARÇO de 2024

NOTA DE ABERTURA

A antologia que vos apresentamos resulta da iniciativa do grupo disciplinar de Português, do 3.º ciclo, enquadrada numa homenagem ao patrono da Escola Básica de 2.º e 3.º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia, produto final de um conjunto de atividades em torno da exploração e análise das crónicas daquele que à escola o nome deu.

Considerada a imprescindível regionalização do ensino, os docentes de Português consideraram a inclusão no currículo de 3.º ciclo de uma unidade temática dedicada às crónicas de Horácio Bento, mais do que fundamentada pela expressão literária da mensagem reflexiva em género de crónicas com características jornalísticas, a ponto de ser inegável que a construção da atualidade se consegue fazer a partir dela. O facto de os textos se situarem na primeira pessoa e no testemunho do próprio cronista estimulou a relação de proximidade com os leitores alunos.

Em contexto de sala de aula, os nossos alunos sentiram-se bafejados por um século que não é já o seu, mas que transpira identidades tão facilmente reconhecíveis dos seus antepassados e sobre o qual puderam trocar impressões na sala de aula e em família. Por terem lido, pelo menos, um livro de Horácio foram transportados, com toda a certeza, para tantos outros mais. Por se terem deliciado, produziram um conto.

Tendo em conta a abordagem, a obra benteana foi apontada como um exemplo da distinção que existe entre a linguagem jornalística e a linguagem literária e da possibilidade de coexistência de ambas, pois enquanto nos romances se verifica um recorrente transcrever da linguagem castiça e vernácula do povo, nas crónicas jornalísticas, fundamentalmente nas que alegam a identidade madeirense, esta transcrição é muito mais subtil e tem a função de reforçar os aspetos socioculturais que o cronista considera serem típicos da sua terra.

Assim, surgem nos seus textos diversos regionalismos e passagens ilustrativas das particularidades dialetais madeirenses conjugadas com a escrita do português corrente – e até coloquial – acessível, na generalidade, ao comum dos leitores, todavia, sempre matizadas por construções fráscas estilizadas e subtis que identificam referências como o dialeto, a gastronomia, as festividades, as atividades tradicionais, o folclore, a música, o clima, entre outras.

Felicitemos e agradecemos a todos quanto, sob diversas formas, com a sua criatividade e energia literária integraram esta iniciativa escrevendo um conto ou algumas outras palavras de homenagem fomentando a voluptuosidade da produção escrita, da estética criativa e do trabalho cooperativo.

No ano em que a H.B.G. celebra 45 anos, jubilemo-nos com 45 contos!

HELENA BORGES

Delegada do Grupo Disciplinar
Coordenadora do Departamento de Línguas

PREFÁCIO

ESCOLA DR. HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA

45 anos

A Escola do Futuro

1978 - 2024

São 45 Anos de Vida que neste ano temos o orgulho de celebrar
destacando o nome do patrono

Foi um convite inesperado que não tive forma de rejeitar – tratava-se do meu Pai. O meu Pai, conhecido pelo Aquilino Ribeiro, também madeirense, foi desde muito jovem um devorador de livros, quer em prosa quer em poesia. E, falando do nome do patrono dado a este estabelecimento, cito o nome do meu Pai, grande professor e educador de quem ainda hoje o nome é lembrado com saudade e respeito.

Ele deixou um pouco do seu legado às centenas de discípulos que, como jornalista, escritor, professor, romancista, crítico literário, conferencista, desde muito jovem seguindo os trilos do Pai, continuou dando o seu melhor contributo. Francisco Bento de Gouveia, o meu avô, na juventude já fora aluno no liceu (onde é hoje se encontra o Museu Arte Sacra - no Largo do Colégio), e ele e os colegas - Álvaro Favila Vieira, Octávio de Marialva, Manuel Ferreira Rosa, Conceição Carvalho, entre outros, fundaram conjuntamente os jornais estudantis "Os Novos", "O Desporto", o "Correio da Madeira", (onde o meu pai publicou os primeiros versos sob o nome de Ceres ou Trevo), na "Gente nova", no "Diário da Madeira", (onde o meu avô Francisco Bento de Gouveia exerceu a função de primeiro diretor e aí publicou imenso, desde entrevistas a roteiros de viagens entre os Açores e Brasil articulados com o Orfeão Académico de Lisboa.

Há 45 anos a escola era apenas conhecida como Escola da Cruz de Carvalho e, mais tarde, ainda em vida do meu pai, por volta de 1980, deram-lhe então o nome de Escola Básica de 2.º e 3.º ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia, pois antes se teria chamado de Escola Preparatória.

Recordo com saudades, pesar e alguma pena o ver o grupo de pequenos jovens que na altura ainda quiseram ainda ver o meu pai, embora ele tivesse estado cerca de 5 meses em coma profundo no hospital central no 5º andar. O seu legado ficou.

Depois de todas estas recordações, falemos de Educação, verdadeiramente aquilo para que fui convidada.

Este belíssimo edifício moderno, sempre todo ele impecavelmente apresentado, é uma escola que alberga cerca de 1300 jovens que diariamente ali têm as suas aulas e outras atividades formativas.

Mas tudo isto tem apenas os nomes daqueles que à escola deram o seu bom nome com o cimentado trabalho nas direções que a comandaram, desde a inicial comissão instaladora e primeira presidência: a Dr.ª Maria Fátima de Freitas Andrade, a Dr.ª Maria José Teixeira Duarte Menezes e o Padre Isidro Rodrigues. Mais tarde assumiram as presidências a Dr.ª Élia Maria Bettencourt de Ornelas, o Dr. Rui Anacleto Mendes Alves, a Dr.ª Fátima Maria Teles e, atualmente, desempenha o cargo de Presidente do Conselho Executivo o Dr. Carlos Manuel da Silva Gomes de Mendonça que, com o apoio de um leque fabuloso e dedicado de colegas tornam a escola no grande edifício humano que arquiteturalmente ocupa uma extensão até junto da Fábrica do Mel do Ribeiro Seco.

A partir de novembro de 1980, o nome foi alterado para Escola Preparatória Dr. Horácio Bento de Gouveia. Nesse ano o escritor ainda era vivo e não sentiu vaidade, porque ele, de facto, não era vaidoso, mas ficou muito comovido com a atitude do Governo e do Exmo. sr. Presidente Dr. Alberto João Jardim, que, curiosamente, fora também seu aluno no Liceu.

Nos anos 80, depois de muitas alterações ao edifício da escola, que dantes estava organizado em blocos de edifícios), ampliou os seus espaços com uma biblioteca, uma cantina, edifícios para prática de desportos e um jardim e até uma bio-horta. A Dr. Fátima Teles, que durante os últimos anos presidiu na Direção, foi a obreira desta fase de escola modelar com todo o demais corpo docente, obra de que

se devem orgulhar, por ser ter transformado numa escola de excelência que muitos querem frequentar.

Também eu fui professora e trabalhei em vários estabelecimentos no continente, mas nunca tive o prazer que sinto ao entrar na vossa escola.

Vagueei, entretanto, pelas páginas do livro que comemorava os então 30 anos da H.B.G. e nele fiz descobertas deveras interessantes.

Sugiro-vos atrevidamente uma passagem por ele, para que possam rever as páginas 51 e 52 do livro “HBG 30 Anos de Memórias 1978 - 2008” - O Sucesso Escolar, página 56; os Quadros de Mérito - páginas 73 e 74; O programa atlante no HBG, página 86; A Associação de Pais - páginas 90, 91, 92 e 93; e no capítulo VII – a Vida e Obra de Horácio Bento de Gouveia - páginas 104, 105, 106, 107 e 108; tal como os Depoimentos de Irene Lucília Andrade, entre outros.

Atualmente, a Escola conta com cerca de 206 professores no seu corpo docente e cerca de 1330 alunos no corpo discente. Um número tão elogioso tanto quanto trabalhoso.

Os resultados orgulhosos ditam o enorme trabalho educativo que ali se faz. Alimentam-se almas e espíritos brilhantes.

Não poderia terminar sem admiravelmente indicar, para conhecimento de todos, a orgulhosa panóplia de projetos e iniciativas que são propiciadas na melhor escola do mundo.

Apraz-me mostrar-vos que nesta escola se desenvolvem vários projetos e iniciativas regionais, nacionais e internacionais que passo a citar:

1. DA ESCOLA

- 1.2. Ateliê Musical - Banda
- 1.3. Biblioteca
- 1.4. Clube de Fotografia
- 1.5. Clube de Música (Canto e Guitarra)
- 1.6. Clube de Robótica - Sala do Futuro
- 1.7. Clube de Xadrez da HBG
- 1.8. Clube Viver a Vida 1.1.8. Cordofones
- 1.9. Escola Saudável HBG
- 1.10. Grupo de Teatro
- 1.11. Grupo Instrumental
- 1.12. Oficina de Animação

1.13. Projeto de Meditação: "Crescer em Amor"

1.14. Projeto Expressões Artísticas

1.15. Projeto Incluzinha

1.16. Projeto Mindfulness - Atenção Plena

1.17. Rádio Escola

2. REGIONAIS / NACIONAIS

2.1. Agente X na HBG

2.2. Educação Alimentar

2.3. GEA - Terra Mãe

2.4. Jogos Matemáticos

2.5. Ler Com Amor - leituras em voz alta

2.6. Parlamento dos Jovens - Nacional

- 2.7. Parlamento Jovem Regional
- 2.8. Plano Regional de Educação Rodoviária
- 2.9. Projeto "Aprender com o Cinema"
- 2.10. Projeto "Ca(u)sa Animal HBG - Adota uma vida. Aquece a tua!"
- 2.11. Projeto Eco-Escolas: Eco HIBG
- 2.12. Projeto Escola Azul

- 2.13. Projeto História da Madeira
- 2.14. SOS Morcegos
- 3. INTERNACIONAIS
- 3.1. Clube Europeu
- 3.2. IDiverSE - Jardim das Abelhas; Trilho da Ciência
- 3.3. Projeto Unesco

Esta é a Escola que com orgulho ao meu Pai o nome deu!
Um abraço a todos quanto perpetuam a arte de ensinar, de saber e fazer aprender!

**MARIA DE FÁTIMA M. DE
ORNELAS DE GOUVEIA SOARES**

Licenciada em Filologia Germânica pela UI.

Funchal, 29 de fevereiro de 2024



O MISTÉRIO DE HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA

Era dia 14 de junho. O Henrique e o Bernardo, que estudavam no 7.º ano na Escola Horácio Bento de Gouveia, aproveitavam o último dia de aulas normalmente, mas, durante a aula de História, a professora falou-lhes sobre uma lenda. Essa lenda dizia que Horácio Bento de Gouveia teria escondido um tesouro algures na ilha da Madeira e que apenas um bom aluno da escola o poderia encontrar.

O Henrique e o Bernardo ficaram curiosos e questionaram a professora sobre o tal tesouro. A professora contou-lhes que Horácio Bento de Gouveia tinha escrito uma pista no final do livro *Luísa Marta*. Logo que ouviram o toque do fim das aulas, os dois amigos correram em direção à biblioteca, mas, ao descerem as escadas, o Bernardo tropeçou e a sua mochila abriu-se, espalhando os cadernos por todo o lado.

– Bernardo, estás bem? – perguntou o Henrique.

– Sim. Ajuda-me a arrumar as coisas para chegarmos à biblioteca antes de fechar. – respondeu o Bernardo.

Os dois colegas arrumaram as coisas e correram até à biblioteca. Ao chegarem, perguntaram à bibliotecária onde se encontravam as obras de Horácio Bento de Gouveia, e depois de ela indicar o sítio, correram e lá encontraram o livro *Luísa Marta*.

Depois de folhearem o pequeno livro, descobriram uma pequena mensagem escrita com uma letra manuscrita muito bem desenhada.

– Henrique, olha o que diz aqui: “Encontrarás debaixo da caridade no sítio de Cristo que se situa na vila brava.” – disse o Bernardo.

– Acho que já sei onde está o tesouro! – gritou o Henrique.

– Onde? – perguntou o Bernardo.

– Vê, quando fala em caridade, deve tratar-se de uma igreja e, quando fala de vila brava, de certeza que se refere à Ribeira Brava. Portanto, o tesouro está na igreja da Ribeira Brava. – respondeu o Henrique.

O Bernardo e o Henrique correram para a paragem e viram que o próximo autocarro da Rodoeste passaria ali por volta das dezasseis horas.

Uma hora depois, os dois amigos encontravam-se em frente à igreja, ansiosos por entrar e explorar aquela pista.

– Debaixo da caridade – disse o Bernardo, apontando para a caixa das esmolas.

O Henrique viu que por trás da caixa havia uma pequena abertura de onde retirou uma pequena folha que dizia: “Onde nasci encontrarás e, não te esqueças, tudo vem do fundo”.

– Lembras-te onde é que o Horácio Bento de Gouveia nasceu, Bernardo?

– Claro que sim, quando fizemos o trabalho de Português sobre o autor, pesquisámos e ficámos a saber que nasceu em Ponta Delgada, uma freguesia de S. Vicente. Assim, deve estar num lugar “profundo” de São Vicente, mas essa viagem fica para amanhã que já está a ficar de noite.

Na manhã seguinte, depois de uma noite em branco por causa da ansiedade, Bernardo e Henrique apanharam o autocarro e dirigiram-se para São Vicente. Chegados lá, entraram numa padaria para tomar o pequeno-almoço e aproveitaram para perguntar ao padeiro qual seria o sítio mais profundo daquela freguesia e ele respondeu que eram as grutas de São Vicente. De imediato, os dois amigos correram para lá.

Depois de muitas voltas pelas grutas, entre estalactites vulcânicas e túneis, e várias horas depois, Henrique gritou:

– Está aqui uma caixa!

Os dois amigos pegaram na caixa e contaram até três. Ao abri-la, viram um livro intitulado *Canga* de Horácio Bento de Gouveia. Olharam um para o outro, pois achavam que o tesouro seria algo tipo ouro, mas depois compreenderam que aquele livro os enriqueceria de outra forma, contando histórias de uma Madeira antiga.

Nuno Mendes Baptista, 7.º 2



UMA TARDE NA H.B.G.

Numa tarde ensolarada, na Escola Horácio Bento de Gouveia, um grupo de amigos do oitavo ano decidiu explorar a horta ao lado do P1. António, João e Fernando começaram a sua busca à procura do mais improvável, mas, depois de quase vinte minutos de procura, não encontraram nada. O tempo foi passando e nada aparecia, até que o Fernando encontrou uma porta trancada e enferrujada junto ao material de agricultura. Com uma pá e uma enorme pancada o João consegue arrombar a porta.

Conforme a porta ia abrindo, uma escadaria enorme e uma luz imensa ia iluminando os olhos de cada um dos amigos. Ao descer as escadas, deparam-se com umas enormes estantes de livros de vários autores e edições distintas. O grupo ficou deslumbrado com aquela biblioteca secreta. Os jovens ficaram boquiabertos, sem acreditar que uma biblioteca tão grande como aquela estivesse debaixo de uma simples horta. Como bons alunos, cada um se agarrou a um livro e ficaram a tarde quase toda a ler. Quando já se estavam a preparar para sair, começaram a ouvir passos e viram uma sombra no chão da vasta escadaria. Ao tentar esconder-se, o António esbarrou num livro que caiu no chão e fez um alto barulho por conta do qual a funcionária, que descia as escadas, apressou o passo e apanhou os alunos em flagrante. Estes ficaram desolados por terem sido apanhados naquele lugar restrito. Infelizmente, a funcionária levou-os para o Conselho Executivo onde foram repreendidos e obrigados a fazer trabalho comunitário dentro da escola, como trabalhar na horta nos tempos livres e limpar o lixo espalhado pelo chão.

Nunca mais se esqueceram daquele dia e daquela biblioteca, por isso prometeram que, mesmo saindo daquela escola, iriam voltar só para recordar o quão importante fora aquela descoberta.

O tempo foi passando até que já estavam no décimo primeiro ano, mas o grupo continuava formado pelos mesmos amigos. Um dia, enquanto estavam todos juntos a escrever um conto para entregar à professora de Português, o Fernando começou

a lembrar-se da escola HBG, onde andara do quinto ao nono ano. Foram-se lembrando das várias brincadeiras e atividades que tinham feito enquanto estiveram naquela escola. Quando, repentinamente, o João recordou a biblioteca secreta que tinham explorado três anos antes. Os amigos ficaram tão entusiasmados com essa lembrança que decidiram planejar um reencontro, marcando-o para a semana seguinte.

Chegara o grande dia de recordar memórias. Já estavam todos à frente da escola HBG, prontos para entrar e o porteiro, como já os conhecia, permitiu a sua entrada, certificando-se de que ninguém os perturbaria enquanto explorassem novamente a biblioteca secreta. Quando começaram a descer as escadas, a emoção subia cada vez mais. Estavam todos muito animados por ter a oportunidade de voltar a explorá-la. Logo que chegaram perto das estantes, cada um agarrou num livro.

A partir daí, foi livro atrás de livro, sem parar, mas, quando o António puxou um livro grosso de capa vermelha brilhante, abriu-se uma porta escondida. Os rapazes ficaram sem saber o que fazer, pois não queriam arranjar problemas, mas a curiosidade falou mais alto do que qualquer bom senso. Assim, ao entrar naquela sala, o grupo deparou-se com outro livro de capa preta com o nome Horácio Bento de Gouveia escrito a dourado. Os três rapazes ficaram de queixo caído com aquela descoberta. Agarraram-no de imediato com muito cuidado, começando logo a explorá-lo. Repararam que o livro falava sobre o patrono daquela escola e as aventuras e desafios que passara ao longo da sua vida. O João teve a ideia de tirar foto a todas as páginas do livro para poderem ler em casa, pois a escola já estava quase a fechar.

Os três rapazes foram embora, ficando, sem qualquer sombra de dúvidas, muito agradecidos pela oportunidade de fazerem uma descoberta como aquela e poderem ler o livro de uma personalidade tão importante como Horácio Bento de Gouveia.

Salvador Abreu Ramos Rodrigues, 7.º4



VISITA À TURMA DO 7.º 6

Horácio Bento de Gouveia, o patrono da escola com o mesmo nome, resolveu fazer uma visita a esse estabelecimento de ensino. Decidiu visitar uma turma por cada ano e, quando chegou a vez do sétimo, os alunos do sétimo seis ficaram surpreendidos por serem a turma escolhida.

Quando Horácio Bento se aproximou da porta da sala, o sétimo seis encontrava-se na aula de Português. Horácio Bento disse, da porta:

– Ora, muito bom dia, Senhora Professora e caríssimos alunos! Será que posso entrar?

– Sim! – responderam quase todos ao mesmo tempo.

Depois de Horácio Bento entrar na sala de aula, a professora de Português apresentou-se e disse aos alunos para se apresentarem. Começou na primeira fila:

– Olá, eu sou o Camacho!

– Olá, eu sou a Ana!

– Bom dia, sou o Faustino.

E seguiu-se por aí adiante, até a turma toda se ter apresentado. Horácio Bento respondeu:

– Muito prazer a todos! Proponho que formem grupos, trabalhem em conjunto e façam um desenho alusivo à escola e, ainda, escrevam sobre o que mais gostam da escola.

Os alunos começaram a trabalhar e o Senhor Horácio Bento ficou, entretanto, a falar com a professora Maria José de Português.

Algum tempo depois, os alunos terminaram os trabalhos e entregaram os mesmos ao escritor que observou:

– Muito bem, estão todos de parabéns! Os trabalhos estão fantásticos!

– Pelo que vejo, os seus alunos são muito trabalhadores! – comentou Horácio Bento à professora que respondeu a rir:

– São trabalhadores, mas também muito barulhentos!

A turma começou a rir com a observação da professora.

Uma das alunas, a Joana, levantou a mão e propôs a seguinte ideia:

– E que tal se fôssemos todos tirar umas fotografias à frente da escola? Assim ficamos todos com uma recordação.

– Boa ideia! – respondeu Horácio Bento, olhando para a professora, que abanou a cabeça num gesto afirmativo.

Os alunos desceram todos muito animados e cheios de energia. Foram os primeiros a chegar à entrada da escola e tiveram de esperar pelo Senhor Horácio Bento e pela professora.

Após algum tempo de conversa e de barulho entre os alunos, a professora pediu-lhes que se acalmassem e se organizassem. Sorridentes, os alunos seguiram as orientações.

– Mas quem vai tirar a fotografia? – perguntou a Ana.

A professora respondeu amavelmente:

– Pedimos ao Senhor Juvenal!

O funcionário aproximou-se, pegou no telemóvel que a professora já tinha preparado e disse:

– Podem sorrir! - O Senhor Juvenal tirou várias fotos. – Ficaram engraçadas!

– Obrigado! – agradeceram os alunos, a professora e o Senhor Horácio Bento.

Começaram a despedir-se do escritor que, entretanto, voltou a entrar na escola para visitar a turma seguinte.

Horácio Bento de Gouveia agradeceu a todos e, dirigindo-se à professora de Português, pediu:

– Depois mande-me as fotos por e-mail!

A professora voltou a reunir todos os alunos, encaminhando-os novamente para a sala de aulas, para não chegarem atrasados à aula seguinte de Geografia, pois, entretanto, já tinha dado o toque de entrada.

Ana Francisca Sousa Gomes, 7.º 6



UMA AVENTURA NATALÍCIA NA HBG

Era uma vez, Horácio Bento de Gouveia, um professor e escritor nascido numa ilha. Este homem trabalhava como bibliotecário na escola HBG.

Era quase Natal e o bibliotecário tinha como tradição oferecer contos de Natal aos estudantes da escola, mas fazia-o de uma forma fantástica!

Durante os dias natalícios, ocupava-se em escrever os contos que iria oferecer, pois quem os escrevia era ele e sem ajuda porque ninguém podia descobrir o seu segredo: era ele o Pai Natal. E como ninguém podia descobrir esse segredo ele tinha uma sala secreta, a “A fábrica do Pai Natal”, pois era o local onde escrevia os contos. Com tanto trabalho, ele começava a ficar cansado, pois escrevia e embrulhava os livros, precisava de ajuda, mas não queria contar o seu segredo.

Certo dia, Horácio Bento de Gouveia arrumava alguns livros nas prateleiras da biblioteca da escola, mas devido ao cansaço e sono acumulado acabou por adormecer. No dia seguinte, os primeiros alunos a lá chegarem, depararam-se com o bibliotecário adormecido em cima da mesa. Este grupo de alunos e amigos achou estranho e decidiram acordá-lo. O bibliotecário estava um pouco ansioso, cansado e sem saber o que fazer.

Os amigos ficaram muito desconfiados e como gostavam de aventuras e eram muito curiosos, procuraram saber o porquê de o bibliotecário ter ficado a dormir na escola.

Um aluno perguntou ao bibliotecário o motivo pelo qual ele tinha dormido na escola e este respondeu-lhe que tinha adormecido por causa das horas extras. Os amigos não ficaram convencidos e decidiram investigar.

No dia seguinte, o grupo de amigos foi outra vez à biblioteca a fim de encontrar algo suspeito: olharam à volta e encontraram uma porta com livros. Por acaso, a porta estava destrancada e eles, curiosos, entraram e depararam-se com uma mini

fábrica de livros, toda decorada com decorações natalícias, deixando-os espantados. Eles aproveitaram para explorá-la e descobrir o porquê de estar escondida na biblioteca.

Perceberam que durante todos aqueles anos, quem tinha escrito os contos de Natal fora Horácio Bento de Gouveia, o bibliotecário.

O grupo de amigos saiu da mini fábrica e foram falar com ele. Perguntaram-lhe porque tinha ali uma fábrica escondida. O bibliotecário esperou que todos os outros alunos da escola saíssem da biblioteca para poder explicar àqueles alunos o seu segredo.

A sós, o bibliotecário disse-lhes que não podiam contar nada daquilo que iria desvendar e os amigos prometeram não contar a ninguém. O bibliotecário começou por revelar que tinha aquela fábrica porque escrevia e entregava os contos para todos os alunos da escola no Natal, pois era o Pai Natal. Acrescentou, também, que estava a ficar cada vez mais cansado de escrever e trabalhar, ou seja, precisava de ajuda e como os amigos eram muito aventureiros, perguntaram se podiam ser os seus ajudantes. O bibliotecário aceitou a proposta, mas o segredo deveria manter-se.

No dia seguinte, o grupo de amigos vestiu-se de elfos e começou a embrulhar os livros para entregar antes do Natal, a todos os alunos da escola.

No dia da entrega dos contos, o Pai Natal e os elfos estavam muito felizes pelo seu trabalho.

A partir desse Natal, até ao último que passaram na HBG, os amigos e Horácio Bento de Gouveia, o bibliotecário, continuaram a fazer e a entregar os livros que todos adoravam, mas sem nunca ninguém descobrir o segredo.

Mariana Rodrigues Carvalho, 8.º 12



O RAPAZ E O PEIXINHO DOURADO

Era uma vez um rapazinho que tinha como objetivo melhorar e unir a turma. Este tinha uma amiga que o ajudava nos seus planos e desabafava com ela.

Os dois amigos pertenciam à mesma turma da escola HBG.

O rapaz tinha um animal de estimação peculiar, um coelho que falava e tinha poderes mágicos, mas não os sabia usar corretamente.

Na turma do rapaz, todas as semanas, cada aluno tinha a responsabilidade de cuidar do animal de estimação da escola. Mas, desta vez, era o jovem a cuidar do peixe dourado durante uma semana. Quando chegou a casa, cuidou do peixe, mas o seu coelho ficou muito ciumento porque ele não lhe dava atenção. Então, o coelho tentou usar os seus poderes para fazer mal ao peixinho, mas aconteceu algo inesperado. O Douradinho agora falava como o coelhinho e ele não conseguia reverter o feitiço. O rapazinho viu isso e ficou chocado e pensou como a turma reagiria ao animal falante. O rapaz contou à amiga o acontecimento, mas teve de falar sobre o segredo do seu coelhinho falante e mágico. A amiga achou-o maluco e não lhe deu ouvidos.

Passados alguns dias após o peixe falar, este começou a crescer rapidamente. O rapaz viu isso e perguntou-lhe o que estava a acontecer. Ele não sabia, então o rapaz perguntou ao coelho. Este não conseguia reverter o feitiço, mas disse-lhe que para o reverter tinha de entrar no mundo da escrita, pois o Horário Bento de Gouveia lia livros de feitiços e poderes mágicos. Para abrir o portal da escrita, ele tinha de colocar todos os livros que gostou de ler em círculo e repetir as seguintes palavras: “Entrai no mundo fabuloso da escrita e encontrai o Dr. Horário Bento de Gouveia”. O rapaz fez esse género de ritual, abriu um portal no chão e entrou nesse mundo com o peixe e com o coelho.

Eles chegaram ao mundo da escrita, no qual, os livros voavam, dançavam e as letras pairavam no céu. Avistaram o Dr. Horário Bento de Gouveia. Era difícil andar

por lá porque era preciso pular de nuvem em nuvem e, sempre que se aproximavam, ele afastava-se em direção ao seu castelo. Tinham de ir mais rápido porque o aquário estava a partir-se e o peixe dourado estava a crescer cada vez mais. O peixe pedia constantemente ajuda, mas o rapaz dizia apenas para esperar até chegar ao castelo.

Quando chegaram, estava à porta do castelo um gigante feito de nuvem que os proibia de passarem para o outro lado, caso não adivinhassem a adivinha. O enigma era o seguinte: “Escreve, mas não sabe ler, nasce grande e morre pequeno.” O coelhinho e o rapaz estavam indecisos entre a caneta e o lápis, porque ambos escrevem, mas o coelho deu a sugestão de ser o lápis porque ele nasce grande e morre pequeno. O rapaz disse ao gigante a sua resposta. O gigante deixou-os passar porque acertaram na adivinha. Ao subir as escadas, viram o Dr. Horácio Bento de Gouveia e explicaram-lhe rapidamente a situação do peixe. Ele reconheceu o coelhinho, o seu antigo animal de estimação, mas teve de o pôr numa loja de animais porque não tinha condições. Horácio Bento de Gouveia disse que o seu antigo animal de estimação era igual aos outros, mas como ele gostava de ler livros de feitiços, um dia experimentou fazer as suas magias e acidentalmente acertou nele.

Horácio Bento de Gouveia já estava enferrujado nos poderes porque ele nunca mais tinha feito feitiços depois do coelhinho. Porém, como ele gostava de ajudar os outros, agarrou na sua varinha, apontou para o peixe dourado, disse as palavras mágicas e o Douradinho parou de falar e voltou ao seu tamanho normal. O jovem agradeceu-lhe, mas fez um último pedido ao Horácio: tornar a sua turma melhor e unida. Este aceitou a proposta, mas ele tinha de cuidar muito bem do seu antigo animal. O jovem aceitou a proposta e abraçou-o. Horácio pronunciou umas palavras mágicas para a turma ficar unida.

De seguida, despediram-se e ele abriu um portal para voltarem para casa.

O rapaz chegou à escola com o animal e estava muito contente porque viu a turma unida como ele queria. O rapazinho entregou o animal à professora para outro aluno cuidar. Ele optou por não contar o segredo de Horácio Bento de Gouveia porque a história era inacreditável!

Francisco Xavier Gouveia Caíres, 8.º 12

HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA E O FEITICEIRO

Há muito tempo atrás, numa ilha Atlântica, existia um feiticeiro que tinha como amigo um jovem rapaz. Esse rapaz chamava-se Horácio Bento de Gouveia e tinha nascido também numa ilha.

O feiticeiro era muito conhecido na ilha por ajudar muitas pessoas e por isso tornou-se muito amigo do jovem e prometeu-lhe que seria muito famoso com a sua ajuda.

Os anos foram passando e, num dia de Natal, o jovem estava a enfeitar a lapinha quando apareceu o seu amigo feiticeiro:

– Já pensaste em ser escritor? – perguntou o feiticeiro.

– Não. – respondeu o rapaz.

O feiticeiro convenceu Horácio a seguir essa área e o rapaz agradeceu-lhe.

Algum tempo depois, o jovem revelou ao feiticeiro que andava a escrever várias obras. O feiticeiro disse-lhe que tinha muito talento, mas se outras pessoas descobrissem poderiam fazer maldades.

Certo dia, o rapaz encontrava-se sozinho em casa, mas de repente ouviu um estrondo vindo da cozinha e quando foi até lá apercebeu-se que as obras que tinha escrito foram roubadas e que tinha de contar isso tudo ao feiticeiro para apanhar o ladrão.

No dia seguinte, no jardim da cidade, o rapaz foi ter com o velho feiticeiro e disse-lhe:

– Os meus livros foram roubados na noite passada, o que irei fazer agora?

– Irei ajudar-te, jovem rapaz – respondeu-lhe o velho feiticeiro.

Primeiro, teremos de perguntar a todas as pessoas da cidade se viram esse ladrão e depois vamos visitá-lo.

De seguida, os dois amigos partiram pela cidade dentro, perguntando a todas as velhinhas e velinhos se tinham visto o suspeito. Já de noite, quando já estavam a perder a esperança de encontrar o culpado, foram ter a casa de um velhinho e este disse-lhes que tinha visto um vulto de cor verde a correr com alguns livros na mão. O feiticeiro e o rapaz agradeceram-lhe muito.

O feiticeiro lembrou-se que naquela cidade existia apenas um goblin maldoso que roubava várias coisas de pessoas inocentes e então contou isso ao rapaz e prometeu-lhe que iriam ter uma bela conversa com esse goblin.

No dia seguinte, de manhã, os dois encontraram-se à porta desse ladrão, numa tenda espaçosa com um jardim muito grande com flores nunca antes vistas. Quando o goblin os recebeu à entrada, apercebeu-se que os dois visitantes não estavam muito felizes. O rapaz exigiu-lhe que lhe devolvesse os livros roubados, caso contrário ligaria para a polícia. Então a criatura verde devolveu-lhe os livros. Depois, o feiticeiro lembrou-lhe:

– O crime não compensa. Agora pede desculpa ao pobre rapaz – ordenou o feiticeiro.

– Desculpa. – disse o goblin.

– E que isto não se volte a repetir. – alertou-lhe o feiticeiro.

Passados muitos anos, o feiticeiro ficava cada vez mais orgulhoso com as conquistas e os feitos alcançados por Horácio Bento. Entre estes feitos, o que mais orgulhou o feiticeiro foi a homenagem ao seu amigo escritor. Atribuíram o seu nome à «Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia».

Aos 82 anos, o amigo do feiticeiro morreu, mas o feiticeiro nunca o esqueceu e lembrava-se dele como uma alma gentil e bondosa.

Henrique Ferreira, 8º 8



O LIVRO PERDIDO

Num dia escuro de outono, dois estudantes, um rapaz e uma rapariga, da escola Dr. Horácio Bento de Gouveia foram selecionados para fazerem um trabalho de grupo. O objetivo do trabalho seria criar uma história em que os mesmos seriam os protagonistas de uma aventura extraordinária. Tinha tudo para correr bem, se estes dois jovens fossem amigos, o que não era o caso.

A rapariga tomou a iniciativa de ir para a biblioteca na esperança de encontrar inspiração para o texto. O rapaz, forçado, cedeu e seguiu-a. Já na biblioteca, a rapariga retirou da prateleira um livro. O rapaz, entediado pela sua escolha, começou a manusear o telemóvel. A rapariga, irritada com a sua atitude, disse:

– Mas achas que vou fazer o trabalho sozinha?

O rapaz fingiu não ouvir, mas algo captou a sua atenção. Um livro de lombada grossa, bordado a ouro, com letras garridas. Sem hesitar, o rapaz levantou-se e tirou o livro da estante.

– Podíamos dar uma vista de olhos neste? Bem sei que não devemos julgar um livro pela capa, mas este é diferente.

A rapariga, não querendo ser mal-educada, acenou que não com a cabeça, mas o rapaz ignorou-a, abriu o livro na mesa e começou a lê-lo. Sem dar por isso, já estavam os dois debruçados sobre a mesa a ler o livro, quando, de repente, as luzes da biblioteca apagaram-se.

O professor presente na biblioteca disse para os alunos se acalmarem e não terem medo porque ia ver o que se passava. Os nossos protagonistas, ainda assustados pelo apagão, repararam num brilho estranho vindo do meio do livro. Abismados, estes entreolharam-se, abriram-no na página brilhante e encontraram um texto escrito em latim com uma imagem de um sofá da escola. As luzes voltaram

a ligar-se e rapidamente a rapariga tirou o telefone do bolso e traduziu o texto da folha: “Se as obras perdidas querem encontrar, no bar da escola terão de procurar”. Após tirarem uma foto da página, ambos correram para o bar.

No bar, olharam para a foto e dirigiram-se para o sofá, revistaram-no e encontraram uma página solta, também escrita em latim. A rapariga repetiu o mesmo processo de tradução, desta vez a tradução dizia: “Procurem mais um pouco, estão quase lá, na sala dos professores”. A rapariga olhou para o rapaz e disse:

– Nem penses que vou para a sala dos professores! – advertiu com uma cara séria.

– Vá lá, estava a começar a ser emocionante, não estragues tudo! – disse ele – Não precisas de entrar! Ficas fora da sala e eu trato de tudo. Só tens de ficar no corredor a ver se algum professor vem, pode ser? – a rapariga cruzou os braços e suspirou num tom de desaprovação.

– Se algum professor te apanhar, nem penses que te vou cobrir, percebeste? – disse a rapariga. O rapaz sorriu e acenou com a cabeça e logo a seguir dirigiram-se para a sala dos professores.

– Eu entro e se aparecer algum professor bate na porta, está bem?

– Está bem – respondeu a rapariga.

O rapaz entrou e começou a revistar a sala, olhou para dentro das gavetas, atrás de uma cadeira, dentro de um livro, mas nada! De repente, ouviu bater na porta e escondeu-se debaixo da mesa porque entrou uma professora, mas esta pareceu estar com pressa e dirigiu-se para a reprografia. O rapaz, muito cauteloso para não ser apanhado, ficou imóvel e reparou que o chão tinha um taco de cor diferente. Retirou o taco do chão e deparou-se com uma obra de aspeto bem antigo. Tentou sair, mas a professora entrou novamente na sala.

– O que é que o excelentíssimo aluno faz aqui? – O aluno sem saber o que dizer mostrou a obra à professora e explicou como a encontrou. Entretanto, a colega entrou na sala para o apoiar.

A professora analisou cautelosamente a obra e apercebeu-se que se tratava de uma obra poética escrita pelo Dr. Horácio Bento de Gouveia. A professora ficou surpreendida pelo achado e eles perguntaram:

– Não vamos ficar em apuros, pois não? – questionaram os alunos.

A professora respondeu:

– Vocês encontraram uma obra nunca antes vista! Estou mesmo surpreendida por a terem encontrado. Após as aulas irei publicá-la para que todos a possam ler, sem divulgar quem a descobriu porque fizeram uma excelente descoberta, mas de uma forma incorreta.

Os alunos ficaram entusiasmados pela publicação da obra e finalizaram o trabalho de grupo.

A partir desse momento tornaram-se grandes amigos!

Bernardo Jesus, 8º 8





O HORÁCIO E O LIVRO DE HORÁCIO

Horácio Pinto era um menino mimado pelos pais e o "rei" da turma. Era adorado e amado pelos colegas, aliás, ele era o delegado de turma e o miúdo mais rico da sala. Chegava todos os dias com roupas e acessórios novos, que faziam os colegas, quando o viam, babar de inveja, pois quase ninguém tinha a sua vida de luxo.

Quando Horácio chegava a casa, não tirava os sapatos, metia-se no sofá a comer doces e a rir da vida miserável da empregada, que tinha de arrumar, limpar e cuidar do querido. Antes de os pais chegarem a casa, tratava bastante mal a empregada, que era a única pessoa em casa. Ela e o cão. Os pais, para dar todas as coisas caras ao menino Horácio, tinham de trabalhar.

Perto do Natal, Horácio foi obrigado a ler uma seca de livro chamado *O Natal e a Festa no Campo* de Horácio Bento de Gouveia para apresentação. O rapaz riu e achou piada ao facto de que o autor do livro tivesse o seu primeiro nome, mas, tirando isso, não pensava em lê-lo, pois ler era uma estupidez e algo para pessoas inteligentes e ele não gostava de pessoas inteligentes. Horácio era o fixolas da escola e não iria estragar a sua reputação e popularidade por causa de um livro. Pensava ele.

O tempo passava e Horácio não entregava o trabalho. A professora nem sonhava que ainda não tinha lido o livro. O rapaz acabou por dizer que não conseguira ler o livro, pois os pais precisavam muito dele e tinha de os acompanhar nos inúmeros eventos que frequentavam. O pobre coitado não queria ficar sozinho com uma empregada e reforçou a ideia que não poderia apresentar o trabalho, pois a sua agenda estava muito completa e não teria tempo nem de ler o livro, nem de apresentar o trabalho! A professora acreditou no querido aluno.

– Que rapaz infeliz! – exclamou a professora.

Contudo, tinha um pequeno problema, sem o trabalho, sem essa nota, não conseguiria ter positiva a Português. E a disciplina, de todas, cuja nota seria possivelmente e provavelmente negativa era Português. Então, a professora com muita tristeza no coração disse ao pobre menino que se ele não fizesse o trabalho teria negativa e que não teria a oportunidade de passar de ano. Horácio ficou em choque. Com todo o poder que tinha nunca iria imaginar uma coisa destas. *Como ousa ela?* pensava Horácio.

Não teve escolha. Teve de ler o livro.

Horácio chegou a casa como sempre, deitou-se com os sapatos no sofá a comer os seus deliciosos doces, quando se lembrou que tinha uma tarefa. Pegou na mochila, tirou o livro e folheou as primeiras páginas "O Natal de Jesus". Falava sobre o Natal e a questão católica. Horácio não se interessou. Ele já sabia o que era Natal e sabia do que se tratava, não precisava de um estúpido texto para lhe dizer o que era o Natal. E aquilo que mais certamente lhe interessava nessa época eram os presentes. Nunca passou um Natal sem um presente de que ele não gostasse.

Passadas umas horas, decidiu ler mais um pouco, pois mesmo não querendo mais ler o livro, também não queria reprovar. Depois de um tempo, Horácio tinha lido mais de cinco histórias. Ele estava emocionado, a tristeza do Natal de Horácio Bento de Gouveia sentia-se na lágrima caída no rosto do rapaz onde haveriam de sair muitas mais.

Horácio apercebeu-se que estava cheio de narcisismo e que, com isso, criara uma crescente personalidade horrível. Mas queria mudar e o seu desejo concretizou-se.

No dia seguinte, Horácio chegou à escola, vestindo o seu lindo fato preto e branco e com um sorriso na boca. Já na sala, Horácio fez questão que todos os colegas entrassem e se confortassem nas cadeiras. Depois, começou a apresentação que demorou noventa minutos de aula, com uns a rir, outros a chorar e outros a aplaudir. Pensavam que Horácio não teria a capacidade de fazer uma apresentação tão perfeita e preenchida de cores deslumbrantes e brilhantes. As palavras de HBG inspiraram-no!

Horácio chegou a casa, viu os pais sentados no seu confortável sofá. O rapaz abriu um sorriso e agarrou-se a eles, dando-lhes muitos beijos no rosto. Depois, viu a empregada a sorrir da sua felicidade. Ele aproximou-se e deu-lhe um quente

abraço e pediu desculpas pelo seu comportamento à pobre senhora. Com voz emocionada, disse:

– A única prenda que quero é tirar toda a minha fúria e narcisismo de dentro de mim e ser um menino normal e feliz!

Horácio passou de ano e foi Horácio Bento de Gouveia que o fez abrir os olhos.

Hoje, tem quarenta anos, é bem-sucedido, vive perto dos pais já velhinhos com a sua linda esposa e a sua linda filha de sete angélicos aninhos.

Maria Beatriz C. M. Trigo de Sousa, 7.º 7



A MINHA RAPARIGA, TAL COMO ERA ANTES

Lá estava ela, a minha rapariga de olhos castanhos. A olhar para o dia chuvoso através da janela do apartamento. A minha rapariga de olhos castanhos é muitas coisas, sempre o foi desde os dias em que a conheci. É sonhadora e realista ao mesmo tempo, é preocupada com todos menos consigo própria, mas o mais importante sobre ela é que, apesar de os anos passarem e de as estações mudarem, continua a ser a mesma rapariga que conheci quando andava no nono ano.

A minha maravilhosa rapariga era quase sempre, senão sempre, acompanhada pela rapariga com o cabelo às ondas do mar e pelo rapaz com o cabelo amarelo como o sol.

Quando olhei para ela pela primeira vez, há muitos anos, num dia chuvoso, quando toda a gente estava com a pressa de se mexer nos confusos e movimentados corredores da escola Horácio Bento de Gouveia, achei-a igual a todas as outras que me rodeavam.

Apesar disso, senti qualquer coisa no meu corpo de adolescente a querer fugir. O meu eu de 15 anos não sabia o que isso queria dizer, claro que sabia o que eram paixonetas, só não sabia como agir... nunca tinha tido uma antes.

Com o tempo arranjei coragem, fui falar com a rapariga de olhos castanhos e descobri que não era como as outras, como tinha pensado inicialmente.

Ao longo dos anos percebi que a minha rapariga se tinha tornado minha, para sempre.

A minha rapariga e eu já tivemos os nossos altos e baixos, ela já os teve com a sua rapariga com o cabelo às ondas do mar e com o seu rapaz com o cabelo amarelo como o sol. Eu também já os tive com os meus rapazes indomáveis como as tempestades.

Mesmo assim, todos nós continuamos em conjunto.

Às vezes lembramo-nos do que nos trouxe aqui. Olhares lançados através de corredores e abraços trocados em dias de testes que pareciam que nunca mais acabavam. Mas o que mais nos manteve juntos, não só a mim e a minha rapariga, mas ao nosso grupo todo, foi a lembrança dos dias chuvosos em que ficávamos presos no alpendre da nossa escola a falar sobre as dúvidas do presente e também do futuro que nós não conseguíamos imaginar que ia chegar.

Naquela altura, a minha rapariga de olhos castanhos era assombrada pela ideia do esquecimento, por isso mantinha na sua cabeça os seus sonhos e memórias com medo de os deixar fugir.

Hoje, olha pela janela e vejo nela os mesmos olhares pensativos e sonhadores que usava na cara quando era apanhada pelos nossos professores, que a encontravam no seu pequeno mundo, sem prestar atenção as aulas.

São nestes momentos que a apanho, tal como a apanhavam anos antes, e me lembro que, apesar de os anos passarem e de as estações mudarem, a minha rapariga de olhos castanhos continua a mesma que era antes.

A minha rapariga, tal como era antes e tal como vai continuar a ser, desde os meus dias de escola com ela.

Madalena Romeira, 9.º 4



VIAGEM LITERARIA EM

RARIA EM 45 CONTOS

45 CONTOS VIAGEM LIT

45 CONTOS VIAGEM LITERARIA EM



A VIAGEM NO TEMPO

Lá estava eu a entrar na escola, Dr. Horácio Bento de Gouveia, num dia normal como todos outros. Andava num passo acelerado, pois já estava atrasado, e ainda por cima a aula era de Inglês, com uma professora exigente que não gosta nada de atrasos. Já tinha acabado de subir as escadas e ia em direção à porta da sala, quando, de repente, ouvi um barulho estranho. Nessa fração de segundo, tive que tomar uma decisão rápida. Ou ignorava o barulho e ia para a sala, onde provavelmente iria levar um raspanete da professora Helena Baeta, ou, ia investigar o barulho estranho que estava a vir de um cacifo.

A minha decisão foi claramente a mais inteligente:

– Vou investigar o cacifo.

Aproximei-me e vi que este tinha um cadeado, com um código de quatro números. Eu, como não era adivinho, tentei ver se havia alguma coisa característica no cadeado. Foi aí que reparei que estava escrito na parte de trás do cadeado: “Horácio B.G”. A minha reação foi pesquisar no Google quando é que este havia nascido, pois normalmente as datas de nascimento são o código dos telemóveis. Nesse momento vi que Horácio Bento de Gouveia tinha nascido em 1901. Coloquei esse código no cadeado e este abriu rapidamente. Lá dentro tinha um portal roxo e branco, como nos filmes. Primeiramente, coloquei a minha mão, para saber se era seguro, porém esta trespassou o que eu pensava ser o fim do cacifo. Estava tão pasmado que só mais tarde reparei que a funcionária estava a gritar que eu não podia tocar no cacifo. Contudo, nem tive tempo de responder, o portal fez um barulho estridente, parecido com um trovão, e nesse instante fui sugado para dentro do portal. Passaram-se menos de cinco segundos e acordei numa cama que não era a minha. Estava a tentar aperceber-me do que tinha acontecido, quando repentinamente ouvi uma voz aguda a aproximar-se:

– Ó Horácio, acorda, rapaz!

Se já estava confuso, fiquei ainda mais! Pensei para mim mesmo:

– Horácio? Eu não me chamo Horácio, o meu nome é Santiago!

“Entretido” nos meus pensamentos, a voz voltou, mas aparentava estar mais zangada:

– Horácio Ornelas Bento de Gouveia! Não te chamo mais vez nenhuma!

Olhei rápido para a minha volta e vi um calendário onde estava escrito seis de setembro de 1915. Com o chamamento e o calendário apercebi-me de que tinha acabado de viajar no tempo e tornara-me no próprio Horácio Bento de Gouveia. Levantei-me rapidamente, vesti uma roupa que tinha nas gavetas e fui até á sala onde estava um senhor e uma senhora que deduzi que eram seus pais. Tentei agir o mais normalmente possível e disse-lhes que não tinha fome, e ia a pé para a escola. Saí pela porta e deparei-me com o mar do norte da ilha e a escola ao fundo da rua. Fui a correr para a escola, pois pensei que o portal de volta para casa podia estar lá. Cheguei à escola, procurei, procurei, mas não encontrei nada e fui obrigado pela funcionária a entrar dentro da sala. Duas horas dentro de uma sala com giz e ardósia, em vez de cadernos, lápis e tablets!...

Ausentei-me da sala e voltei para casa com um espírito falhado. Ao longo da minha rua, estavam a passar pessoas do campo, que estavam a pedir ajuda para levar sacos de batatas para o terreno. Já não tinha esperanças de voltar tão cedo a casa; por isso, limitei-me apenas a aceitar o facto de que a minha vida ia passar a ser aquela. Andei uns cinquenta metros com as batatas às costas e pousei-as no terreno dos senhores, quando de repente ouvi o mesmo barulho do portal, vindo detrás de uma árvore. Fui a correr, com todas as minhas forças e deparei-me com o portal roxo e branco dentro da árvore. Coloquei a minha mão e fui sugado de volta para a minha época.

Acordei numa cama igual à minha, ouvindo um despertador. Acho que nunca me senti tão feliz por ouvi-lo! Tinha sido tudo um sonho, mas estava mesmo atrasado para a aula de Inglês.

Santiago Passos Cruz, 9.º 3



E ASSIM SE PASSARAM 50 ANOS

Como era habitual, mais um novo dia de escola na HBG havia terminado e todos os alunos já estavam a ir embora para as suas casas, indo fazer trabalhos de casa ou não, indo dormir cedo, (bem, talvez nem todos!). Foi assim que Rosa e seu grupo de amigos, Mónica, Fabiana e João, decidiram, nessa noite, ficar a jogar até tarde e acabaram só por ir dormir perto da meia-noite, hora que, de acordo com os seus pais, era proibida e na qual aconteciam eventos catastróficos, capazes de apanhar quem mexesse com as regras do universo.

Mas, obviamente, os jovens não acreditavam em nada disto. Então, no dia seguinte, ao acordarem nos seus quartos, perceberam que estavam atrasados.

Rosa preparou-se para a escola. Deslocou-se para a cozinha, como hábito, para tomar o pequeno-almoço, mas, quando não viu a sua mãe em lado nenhum, ficou preocupada e começou a chamar:

– Mãe, onde estás? Pai? Onde foram parar?

Procurou na sala, na lavandaria, e, quando não viu ninguém, no seu quarto de dormir, assustou-se com o pó e o telhado a cair daquele quarto, o que, sem reparar, também estava a acontecer em toda a casa.

Foi então que procurou o seu telemóvel para ligar aos seus amigos e apenas achou uma tela transparente com um botão negro. Embora a medo, decidiu pressioná-lo até que um holograma surgiu por cima da pequena caixa e uma espécie de Siri renovada começou a dizer:

– Bom dia, Rosa. Hoje é dia 4 de janeiro de 2074, e não estás nada atrasada para a escola. Já são oito horas! – respondeu a voz eletrónica, ironicamente. Rosa respondeu:

– Como é possível!? Deve ser alguma brincadeira! Liga à Mónica já! – e assim o fez.

– Mónica, estás aí? Por favor, diz-me que...– e Mônica interrompeu, dizendo:

– Sim, eu sei... Como é que se passaram 50 anos? Já liguei à Fabiana e ao João. Somos os únicos afetados por este desastre. E agora?

– Estamos atrasados para a escola! É melhor irmos. Talvez os professores saibam de algo...Encontro-te na entrada – disse a Rosa.

– Se é que haverá entrada... – diz a Mónica antes de desligar. – Mas ok. Supostamente agora existem carros voadores e podemos usá-los. Portanto, vou buscar os outros e já nos vemos.

Depois de chegarem à entrada da HBG, tão mudada, conseguiram entrar despercebidos. Já não existiam seguranças nem funcionários, só robôs que zelavam pela segurança e entrada dos alunos na escola. Os seus colegas de turma já haviam morrido, os seus professores também... Tudo na escola estava mudado.

– Tenho uma ideia! Que tal procurarmos alguma pista na única coisa que não é tecnológica neste momento? – perguntou, confiante.

– Mas o quê? Não te ponhas com charadas, João! – declarou a Fabiana, já nervosa.

– Os livros! Os livros na biblioteca, é claro! – sugeriu ele e todos acharam uma boa ideia.

Seguiram em passo acelerado para a biblioteca, onde havia poucos livros, no meio de tanta tecnologia. Foi assim que, por de trás de uma estante, num lugar pouco iluminado, estava a seção dos livros mais antigos, ordenados por ano. Deste modo, encontraram um livro de 2024.

– O que é que acham que vamos encontrar de útil aqui? – pergunta Fabiana, já um pouco frustrada!

– Calma! Vamos abri-lo e ver... – diz Rosa, sacudindo o livro cheio de pó. Foi então que, no exato momento em que os amigos abriram o livro, foram teletransportados novamente para dois mil e vinte e quatro sem sequer se aperceberem.

Cada um dos seus amigos acordou no seu quarto, com o alarme, para se prepararem para a escola e todos acharam muito estranho o que havia ocorrido. Talvez fosse um pesadelo coletivo, quem sabe, mas do que tinham a certeza é de que estavam muito agradecidos por terem voltado para casa, na sua própria época, e não terem perdido os seus amigos e familiares... Até dos professores sentiram saudades!...

No fim, aprenderam que devemos valorizar os nossos pais, amigos e origens, e até a escola onde estudamos. Tinham de aproveitar bem o tempo que tinham, pois a vida passa a correr (e, é claro, aprenderam a nunca mais ficar a jogar e ir dormir tarde em dias de escola!)

Ema Madalena Correia Camacho, 9.º 5



E SE NÃO TIVESSE ACONTECIDO?

Era 2019 e um homem muito sábio, depois de muitas tentativas, chegou finalmente à “receita” perfeita para construir o seu melhor protótipo. Ele sabia que era muito arriscado criá-lo, porque não era nenhum profissional, mas queria construí-lo mesmo assim, pois seria no âmbito escolar e serviria de apoio aos alunos. Faria muita diferença no processo escolar daquela geração. A chance de ser julgado era bastante grande, mas ele queria seguir em frente.

Acabado o projeto, o robô foi mandado para a escola Dr. Horácio Bento de Gouveia com o papel de “professor” para apoio nas áreas de estudo.

Ao início estava a trabalhar lindamente. Os professores até estavam um pouco ciumentos, mas ao mesmo tempo orgulhosos, pois as notas dos alunos estavam a subir cada vez mais.

Um dia, chegou ao ponto dos professores quase não terem trabalho para fazer, já nem fazia sentido a existência dessa profissão. Assim, toda a comunidade educativa achou por bem desligar de vez esse protótipo.

O robô foi então levado de volta a casa. O homem, triste, despediu-se para sempre, mas o seu amigo tinha algo mais para lhe dizer.

– Tem cuidado, meu homem sábio: uma doença que se espalhará pelo mundo está a chegar. Promete-me que, depois de dares fim ao meu trabalho aqui na Terra, vais ao encontro da escola e secretamente procuras uma sociedade escondida lá dentro. Não te posso contar muito mais, mas aconselho-te a que comeces a procurar pela biblioteca. Pode ser que a encontres lá... Eles sabem as respostas

todas para as tuas perguntas, incluindo como travar essa doença antes que se espalhe.

O homem ficou incrédulo com o pedido, mas assim o fez. Foi uma despedida difícil, seguida de uma busca secreta na escola.

Enquanto ganhava coragem, seguia caminho para o local. Chegando lá teve que elaborar um grande e complexo plano, pois entrar na escola não seria fácil.

Esperou o anoitecer e quando, finalmente, conseguiu entrar na escola, seguiu um percurso específico para não ser encontrado. Logo que entrou dirigiu-se rapidamente para a biblioteca. Procurou, procurou, procurou... Até que encontrou um livro suspeito. Quando o puxou, uma porta abriu-se na estante. Entrou apressado e desceu umas longas escadas que pareciam que nunca mais acabavam.

Chegou ao fim dessas escadas e encontrou uma sala escura em forma de circunferência. Olhou para o fundo da sala e avistou um aglomerado de pessoas a observar algo. O homem caminhou a passo apressado e quando chegou mais próximo reparou que eram professores, mas estavam a elaborar um plano para travar uma doença viral.

O homem percebeu logo a que se referia o protótipo. Agora a missão dele seria ajudar os professores a travar essa doença.

Começou então por pedir esclarecimentos sobre esse assunto e então percebeu qual seria o procedimento para travá-la. Combinaram encontrar-se no dia seguinte, à mesma hora, no mesmo local.

Voltaram, como combinado, e começaram a longa investigação. Depois de muitas horas já estavam mais perto da resposta final.

Passaram-se dias nesta pesquisa e, finalmente, encontraram a resposta para todas as perguntas. Colocaram o plano em prática e deram início às experiências, de que somente dias depois saberiam o resultado e se tinha realmente travado a doença.

O tempo lá fora continuava a passar e foi então que chegaram ao ano de 2020. Era o dia 2 de março e, finalmente, saberiam se as suas vidas continuavam, ou se as teriam de parar por um tempo, devido a essa enfermidade.

Eles alcançaram o objetivo pretendido! Não havia doença alguma, pois conseguiram travá-la a tempo. Todas as vidas continuaram o seu curso, as aulas

continuaram normalmente e o homem voltou para casa contente, após ter salvado o mundo.

Carlota Silva, 9.º 7

✍

✍

O SONHADOR DA HBG

Numa manhã invernosa, um rapaz, conhecido como o “Sonhador da HBG”, da escola edificada na Pérola do Atlântico, partiu numa aventura extraordinária que o levaria à misteriosa Cidade das Estrelas.

Ao chegar à cidade celestial, o Sonhador percebeu que algo estava errado. As estrelas, que deviam brilhar intensamente no céu, desapareciam uma a uma. Preocupado com o desequilíbrio cósmico, tentou descobrir a causa daquele fenómeno estranho. Conversou com os habitantes celestiais.

– As estrelas estão a desaparecer. O que se passa?

– Eclipseu, uma criatura sombria, suga a luz das estrelas para alimentar os seus poderes. – respondeu um velho habitante com ar muito preocupado.

– Não podemos fazer nada para reverter a situação?

– Segundo os oráculos, apenas um humano, sábio e destemido, poderá devolver a luz aos céus.

Determinado a restaurar o equilíbrio, o Sonhador percorreu os caminhos celestiais, enfrentando desafios cósmicos e desvendando segredos antigos.

Ao longo da caminhada, encontrou aliados improváveis, como os seres luminosos que protegiam os astros. Juntos traçaram um plano para confrontar Eclipseu e recuperar a luz. O confronto épico aconteceu no coração da Cidade das Estrelas, onde o Sonhador mostrou coragem e sabedoria para vencer a criatura sombria.

Eclipseu foi derrotado e as estrelas voltaram a brilhar como nunca, iluminando a Cidade das Estrelas. Os habitantes celestiais, gratos pela coragem do humano,

homenagearam-no e pediram que escolhesse uma constelação. Selecionou Hércules. Nesta gravaram a história da sua vitória grandiosa.

O som do toque de entrada despertou o Sonhador que adormecera no bar dos alunos.

– Estou na escola? Foi um sonho?

À procura de respostas, aproximou-se da janela, contemplou o firmamento e conseguiu ouvir o eco do seu nome não apenas entre os moradores locais mas também entre as estrelas, lembrando a todos que, por mais misterioso que seja o universo, o sonho de um homem pode levar a outra dimensão ou iluminar até os lugares mais distantes.

Hugo Feliz Aguiar Gonçalves, 7.º 9





UMA AVENTURA NO SÓTÃO DA HBG

Estava uma noite sombria. Os anos passaram e ainda sinto o seu frio. Tudo aconteceu em maio de 1984. Andava na escola nessa altura.

Eu e os meus amigos tivemos aulas ao longo do dia 23. Nos intervalos reunimo-nos, pois queríamos explorar o sótão. Aguardávamos o último toque. Éramos muito novos e atrevidos e não estávamos preparados para o que íamos experienciar.

Eu era um bom aluno e comportava-me muito bem nas aulas. Sempre tive uma grande curiosidade acerca da vida do patrono Horácio Bento de Gouveia. Não encontrava as respostas que procurava nos livros da biblioteca.

Esperámos até ao final. Mal soou o toque de saída, corremos para a casa de banho e escondemo-nos lá até ao silêncio absoluto. Saímos devagar e fomos explorando com muito cuidado uma vez que não queríamos partir nada, apenas descobrir mais informações. Mal sabíamos que esta decisão iria mudar a nossa vida.

Entrámos no elevador e carregámos no número 5 (quinto andar). Apesar de sentirmos calor num espaço tão exíguo, trocámos piadas e alguns risos. Julgávamos que íamos encontrar ratos. A fobia da nossa amiga Maria atacou-a e eu tranquilizei-a, dizendo que não havia ratos no sótão e que, se tivesse, a protegeria. Sempre tive uma pequena paixão por ela, mas namorava com o meu melhor amigo João. Não os queria separar por um sentimento anão. Faziam um belo par.

Saímos do elevador e dirigimo-nos à porta do sótão. A dois passos, ouvimos um estrondo enorme. Parámos perplexos. Não éramos as únicas pessoas na escola? Nesse momento, eu senti a mão petrificada da Maria na minha. Não sei explicar o

que senti. Estava confortável e seguro com o seu toque delicado e gentil. Retirou imediatamente a mão quando o João a olhou. Percebi que ela tinha sentido o mesmo que eu. Deixei esta situação passar apesar de ter gostado.

A porta do sótão abriu repentinamente e uma corrente de ar saiu de lá, deixando-nos assustados. Com as pernas a tremer, entrei. Os outros seguiram-me. Subimos muitas escadas até ao topo. Vimos estátuas, pinturas, cadernos, livros muito antigos e um quadro rachado na parede com os nossos nomes – João, Maria, Sofia e o meu. Havia outro nome: Horácio Bento de Gouveia. Estava escrito a vermelho e sobre os nossos nomes. Uma brisa fria surpreendeu-nos. Viramos e deparamo-nos com um homem pálido e magro. A Maria e a Sofia começaram a gritar. O João tentou dar-lhe um soco, mas estranhamente o seu braço atravessou aquele homem que permanecia hirto, sem sinal de dor. Fiquei confuso e o João aterrorizado.

O tal homem apontou para o quadro e, subitamente, com uma voz grossa, apresentou-se. Era ele. Não queríamos acreditar. Contou que tinha morrido no ano anterior devido a problemas cardiovasculares e falou-nos da sua paixão pela escrita e pelos falares e tradições da nossa ilha. A sua simpatia cativou-nos.

O tempo voou. Apercebemo-nos disso quando ouvimos um funcionário a abrir as portas da escola. Tínhamos passado uma noite inteira a conversar com o fantasma do ilustre escritor madeirense, Horácio Bento de Gouveia. Aprendemos tanto sobre a sua vida e a nossa terra. Foi uma experiência do outro mundo.

Laura Maria Gomes Roque, 7.º 10



ESCRITOR POR AMOR

Horácio Bento de Gouveia vivia na freguesia da Ponta Delgada, situada no concelho de São Vicente. Tirou uma licenciatura em Ciências Históricas e Geográficas, na Faculdade de Letras de Lisboa. Em Portugal, viveu a sua vida como escritor e poeta e era conhecido por todo o país. Após a sua carreira, decidiu reformar-se da escrita e voltar à sua terra natal, a Madeira.

Ele acordava todos os dias com os raios brilhantes e calorosos do Sol a baterem-lhe na cara. Fazia a sua caminhada matinal pela Avenida do Mar, onde observava a água cristalina e os navios vindos de diversos lugares. Adorava observar a paisagem e alguns dos monumentos ao longo da baía do Funchal.

Um dia, num dos seus passeios, encontrou um jovem a ler *Águas Mansas*, uma obra da sua autoria, e os seus olhos brilharam como pérolas resplandecentes. Naquele momento, dirigiu-se ao rapaz e perguntou-lhe:

– Onde arranjaste esse livro, meu jovem?

– Na biblioteca da minha escola – respondeu o rapazinho.

– E em que escola é que andas? – voltou a questionar o homem.

– Na Preparatória da Cruz de Carvalho. É uma pequena escola situada ao pé do Hospital Dr. Nélio Mendonça.

Horácio Bento ficou delirante por saber que os seus livros estavam na biblioteca daquela escola e, por isso, decidiu visitá-la. Este ficou estupefacto com a beleza e funcionalidade daquela escola, pensando que tinha muito potencial. Decidiu então assistir a uma aula, para ver como se comportavam os alunos no ambiente de sala de aula. Ao entrar na sala, ficou deslumbrado, pois nunca tinha visto os alunos com tanto amor pela literatura portuguesa desde os seus tempos de estudante.

Ficou extremamente admirado, e resolveu perguntar à professora como é que conseguia cativar os alunos a ler assim tanto. Esta respondeu que os alunos sempre

foram interessados pela leitura, e que as suas obras eram das mais requisitadas por eles. E não eram só aqueles! Horácio Bento foi de sala em sala, e os alunos demonstraram sempre um amor infinito pela literatura. Isto motivou-o a ser professor naquela escola, e até a voltar a escrever romances para as crianças no mundo inteiro. Também foi aumentando a diversidade de livros da biblioteca, inserindo alguns exemplares da sua escrita, principalmente, as obras mais recentes. Este incentivou, ainda, a direção da escola a aumentar o espaço da biblioteca bem como a diversidade de obras, a adicionar computadores e impressoras para melhorar a qualidade dos trabalhos dos alunos e a poderem, simultaneamente, ter acesso a livros que não possuíssem fisicamente.

Um dia, após a última aula do dia, um dos seus alunos chegou ao pé dele e perguntou-lhe:

– Desculpe, professor, eu adoro as suas obras. Será que poderia tirar um pouco de tempo da sua agenda para eu falar consigo?

– É claro, meu jovem! O que desejas? – questionou, intrigado, Horácio Bento.

– Podemos ir para a biblioteca? É um lugar mais calmo e sereno... – sugeriu o aluno.

– Certamente – concordou Horácio Bento.

E dirigiram-se para a biblioteca, onde Horácio Bento, falando baixinho, perguntou:

– Então, o que desejas saber?

– Eu queria mostrar-lhe este livro que eu próprio escrevi, e pedir a sua opinião sobre ele.

– Vou lê-lo com todo o prazer – afirmou de imediato Horácio Bento.

E assim fez e gostou muito do que leu. Pensou que já tinha contribuído para a próxima geração e decidiu, nesse momento, que, para o ano seguinte, se iria reformar.

Após alguns anos, a escola mudou o nome para Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia. Três anos depois desta grande homenagem, Horácio Bento faleceu.

E esta foi a história do meu querido professor, que acendeu uma chama de amor pela leitura dentro do meu coração.

Dinis, Francisco D., Francisco S., Guilherme, Matias R. e Nuno, 8.º 2

A SORTE DEPENDE DA VONTADE

Olhei para o relógio, faltava uma hora para acabar a aula de português. A professora já estava há meia hora a falar de um tal escritor chamado Horácio de Ornelas Bento de Gouveia.

– Lembrem-se que, neste período, cada aluno terá de apresentar um livro deste escritor à turma. Têm aqui algumas sugestões – esclareceu a professora, apontando para a imagem projetada no quadro, onde apareciam quatro exemplos de romances – *Torna Viagem, Águas Mansas, Ilhéus e Margareta*.

“Detesto ler, aquelas palavras todas juntas com mil e um sentidos. Chatice! Vai ser o primeiro que a professora apontou - *Torna Viagem*” – pensei eu, dando voz ao meu sexto sentido, pois o nome “viagem” era sugestivo já que adoro viajar.

Acabaram as aulas e fui à biblioteca requisitar o tal livro. Um tempo depois, encontrava-me perdido entre os corredores cheios de livros. Todos tão “misteriosos”. E lá estava ele, espartilhado entre os outros, mas que se destacava pelo negrume da lombada. Retirei-o e guardei-o na minha mochila.

Cheguei a casa e já eram sete da tarde. Deitei-me na minha cama e comecei a ler o livro. Às tantas da noite, as minhas pálpebras já pesavam, mas pelo menos tinha acabado a leitura. Decidi então ir dormir.

Não me lembro se sonhei naquela noite, só sei que acordei com fortes dores de cabeça e fui ver as horas e pensei: “Ó meu Deus, estou atrasadíssimo para a escola! Calças! Meias! Camisola! Sapatos! Pequeno-almoço! Escovar dentes! Mochila!”.

Estava a abrir a porta do quarto para sair, quando escutei uma voz a sussurrar.

– Ei! Tens a camisola do avesso.

– Ah! – gritei sobressaltado. Estava, no fundo do quarto, um homem idoso, de cabelo grisalho, com um sinal na face esquerda, sentado na minha poltrona ao lado da cama.

– Calma jovem, não mordo... A sério que não sabes quem eu sou? – interrogou-me dececionado.

– Não! Não sei! Só sei que está um homem, neste momento, no meu quarto! E acabei de descobrir que tenho a camisola do avesso! Ainda por cima, estou atrasado para a escola e tenho de preparar uma apresentação de um livro de um escritor madeirense! – exclamei já com alguma falta de ar.

– Como?! – voltou a questionar-me meio ofendido. – Eu sou o Horácio Bento de Gouveia!

– E? Faça o favor de sair do meu quarto, porque não o conheço! – ordenei, enquanto fechava a minha mochila e pegava a chave de casa.

– Não te estás a esquecer de nada? – indagou-me o homem, olhando para o livro que eu tinha passado ontem à noite a ler.

Aproximei-me do livro, agarrei-o bruscamente, fixei o olhar no nome do autor do livro e apercebi-me que era o mesmo nome. Virei-me, então, com um ar admirado, para o homem.

– Parece-me que já juntaste todas as peças... – murmurou com um pequeno sorriso no rosto.

– O senhor?!... O senhor é o autor do livro?! – interroguei-o, gaguejando.

– Sou eu! E estou aqui para te ajudar na tua apresentação – confirmou-me.

Não conseguia entender. Será que era real? A verdade é que estava muito confuso com toda aquela situação. Apesar disso, tinha de ir para a escola. Depois resolveria...

Acabada a última aula do dia, regressei rapidamente para casa de modo a dar início ao trabalho de português porventura com Horácio Bento. Na verdade, estava à minha espera e fi-lo, entusiasmado, com a ajuda dele.

Até que chegou o dia da apresentação oral do trabalho. Levantei-me e lá estava Horácio Bento, sereno, à espera que eu acordasse.

– Bom dia, rapaz. Hoje é o dia da tua apresentação. Estás ansioso? – perguntou cautelosamente.

– Mais ou menos... – respondi com alguma inquietação.

– Não precisas de ficar nervoso. Lembra-te do que eu te disse sobre mim e de todas as técnicas, para que tudo corra bem – acalmou-me Horácio Bento.

– Não se preocupe, acho que estou preparado – afirmei mais confiante.

Ao entrar na aula de português, a última do dia, pensava eu determinado - “É agora! Vai correr bem, estou preparado! Vamos a isso!”. E, chegada a minha vez, comecei a minha exposição oral com os dados biobibliográficos do autor: “Horácio Bento de Gouveia era um escritor, professor e jornalista madeirense que nasceu na Ponta Delgada, em 1901, e morreu em 1983, já com 81 anos, devido a problemas cardiovasculares. Foi homenageado e ficou deveras emocionado, quando soube que a nossa escola passou a ter o seu nome: Escola Horácio Bento de Gouveia...”.

Quando soou o toque de saída, corri para casa para contar a Horácio Bento como tinha decorrido a oralidade.

– Horácio, correu tão bem! A professora deu-me a nota máxima! Tive sorte por ter tido a sua preciosa ajuda.

– Fico muito contente por teres conseguido. Afinal de contas a sorte depende da vontade – afirmou Horácio. E, naquele momento, ele desapareceu misteriosamente.

Fiquei com a sensação que tudo não passava de uma alucinação e que eu não tinha tido sorte por acaso... E continuei a pensar nas suas palavras “A sorte depende da vontade”. Afinal, provavelmente, o poder da minha vontade é que determinou a sorte que tive.

Beatriz, Catarina, Elisa, Bernardo, Maria Leonor, 8.º 7



ALGO DE ERRADO NÃO ESTAVA CERTO

Haviam passado cinco dias desde o início da tempestade. As pessoas começavam a ficar desesperadas, não viam a luz do sol há mais de um mês e o nevoeiro cobria a cidade do Funchal. Nunca nuvens tão densas tinham sido avistadas na ilha da Madeira.

Horácio estava a caminho do trabalho, de bicicleta, pois não tinha condições para comprar um carro com o salário mínimo na Madeira, que era uma miséria. Passavam dezanove minutos das nove horas, quando começou a chover torrencialmente. As estradas estavam inundadas, o cemitério tinha sido invadido por quantidades astronómicas de água, viam-se corpos a boiar na zona mais pobre da cidade. Horácio pedalava com toda a sua energia, para não ser arrastado.

No meio de tanta chuva, era difícil de ver, tanto para ele como para os banais condutores de camiões com carga transatlântica.

Tudo começou pelo açodamento e falta de cuidado de Horácio que ia com tanta pressa, que nem deu conta do sinal vermelho do semáforo!

Foi aí que, por um metro de distância, não foi atropelado. Só não teve a mesma sorte no cruzamento seguinte.

Algo de errado não estava certo, parecia um sonho. Nada semelhante acontecera antes. Acordou, pedalou, parou e pensou:

– O que aconteceu? Porque é que estou acordado? A pedalar e a pensar? Caiu para o lado e bateu com a cabeça num poste de ferro afiado. Muito se sangue via espalhado naquela rua.

Acordou, pedalou, parou e pensou:

– Porque estou aqui? Como é que estou vivo?

Desta vez não desmaiou. Foi para casa muito confuso. O mal dele foi ter entrado. Estava com a mente bloqueada, tanto que entrou na casa errada, e não foi uma casa qualquer, foi uma que estava a ser assaltada. Desta vez foi tramado!

Repetiu-se a situação duas, seis, sete, quinze, trinta, oitenta vezes. Acordava, pedalava, parava e pensava. Parecia um método de tortura exaustivo e desgastante, um ciclo vicioso. Morria sempre de maneiras distintas. Era um verdadeiro algoritmo.

À octogésima primeira vez foi diferente. Cresceu, namorou, casou-se e até teve filhos, formou-se, geriu uma empresa. Já ouviram falar de envenenamento?

Acordou, pedalou, parou e pensou:

– Vai ser desta vez!

Horácio voltava a encontrar-se na rua na qual fora atropelado, mas, desta vez, uma senhora empurrou-o da bicicleta. Era uma senhora misteriosa que se vestia com roupas estranhas e pouco vulgares e que apenas lhe disse que sabia o que estava a acontecer.

Horácio indagou-se: “Quem é esta mulher e como é que ela sabe o que se passa comigo?”. A mulher, que omitia o seu nome, levou Horácio para um bar. Ali disse que já tinha estado na posição em que ele estava e explicou que a única maneira de parar de repetir o dia era cometendo o suicídio.

Estupefacto, saiu do bar num ápice, jurou a si próprio que não o iria fazer. Nem saberia como.

Foi tudo como da última vez, cresceu, namorou, casou-se e até teve filhos, passou o resto da sua vida a pensar nas palavras da mulher, até que, um dia, revelou à sua neta que estava sempre a repetir o mesmo dia, os dias repetidos da sua vida. Ela não acreditava. Esboçou um sorriso consensual.

Aproveitando a decisão inevitável, decidiu seguir as palavras da mulher e, em grande esforço, porém, sem hesitação que o justificasse, cortou de um só golpe a sua garganta.

Acordou, parou e pensou...

**Carolina Armas; Mariana Abreu; Simão Rodrigues;
Afonso Albuquerque; Teresa Quadrado; Yujia Chen, 8.º 1**



OS NOMES FICAM PARA MIM

Não interessa pelo que lutamos ou como é que o fazemos. Quando não está destinado, não há volta a dar. Tantos obstáculos no caminho, tantas pedras por ultrapassar, para a seguir a nenhum lado chegar.

Horácio encontrou-se imerso num labirinto de emoções, numa jornada que pode ser comparada a um colar de ouro. Quantas mais voltas são dadas, mais curto fica. Vai apertando, apertando até que já não cabe no hospedeiro, digamos.

Era uma tarde de chuva inócua mas que, lá no fundo, fazia com que se pensasse em como apaziguar um sentimento de fúria, proporcionado por tanta angústia e desilusão.

Tudo havia começado há uns meses, quando Horácio trocou um simples olhar, um olhar que parecia insignificante, mas com muita história. Ninguém, naquela altura, pensava que após tantos anos um discurso tão antigo pudesse voltar ao de cima, um discurso mendacioso ou, pelo menos, ele achava que o era. Da parte dele tudo era verdade. Dizia as coisas com o coração e como resposta nunca aceitava um não. Ele sofria, porque mesmo depois de ela lhe ter dito que não, não e não, Horácio não desistia, pois sobrevalorizava tudo o que já havia acontecido previamente e sabia que aquele olhar tinha um significado, muito mais expressivo do que alguém alguma vez pudera imaginar.

Após muitos olhares, veio a conversa. Não uma conversa normal. Expressiva, uma conversa que se dava a conhecer através dos movimentos suaves dos lábios ou até mesmo da agitação repentina das lindas sobrancelhas que ela tinha. A conversa era muito distinta de todas as que Horácio imaginara. Tinha um rumo em que nesta, mesmo que demorasse, ia bater sempre ao mesmo sítio. Atualmente usa-se a palavra “flertar”, para descrever a química do namoro, como se mandássemos uma bola de ténis e o adversário a devolvesse com uma técnica indiscutivelmente perfeita.

Após muita conversa, Horácio via-se num impasse, pois mesmo que este tivesse muitas oportunidades para passar ao próximo passo, as probabilidades não estavam do seu lado. Este sabia, sabia e muito bem, que havia outra pessoa envolvida, que ela fazia questão de nidificar. Fez um prognóstico e viu-se ainda mais baralhado. Pedia conselhos, mas sem sucesso. Era tudo demasiado complexo. A situação ficava cada dia pior, pois ninguém se tinha percebido do que eventualmente se podia passar entre Horácio e sua amada, mas num ápice todos ficaram a saber da existência de uma pessoa na vida dela e acreditem, não se chamava Horácio. Era como se fosse uma sombra que a seguia para todo o lado.

Para além das tantas dificuldades em mão, este sofria de um síndrome chamado “quanto mais falava, mais se enterrava”. Não tinha muitas oportunidades para estar a sós com quem realmente queria, por isso, não havia forma de perceber o que se estava a passar.

Após um tempo, começou a interiorizar aquilo que mais temia. Afinal, nada do que tinha acontecido correspondia ao significado que Horácio havia atribuído na sua cabeça. Até que um dia, sem querer, um passo em frente foi dado.

Não era fácil de perceber as verdadeiras intenções, quando lhe era pedido algo neste campo. Não é como atualmente, que combinamos tudo pelo Instagram. Demorou algum tempo, mas Horácio começou a ganhar confiança. Começou por passar a mão suavemente pelo rosto dela. Noutras vezes, simplesmente deslizavam os dedos um no outro e acabavam por entrelaçá-los. Tudo com muita calma, serenidade e discrição. Podiam até chegar a encostar as cabeças e sussurrar no ouvido um do outro, o que arrepiava qualquer passante.

Ele sabia, de facto, o que fazer. Estava completamente apaixonado, já se via. Pela primeira vez, tinha desenvolvido a capacidade de amar. Não que lhe corresse mal. Aliás, correu melhor do que qualquer um de nós até pode imaginar. Via-se-lhe o brilho nos olhos de ambos e, acreditemos ou não, foi um dos passos mais importantes, para uma futura relação.

A partir desse dia, começou a ser regular. Todos os dias falavam, riam e disfrutavam ao máximo o tempo em que estavam juntos. Quando Horácio chegava a casa, não havia momento em que não parasse de pensar nela. Que pena que a vida tem tantas vicissitudes.

Quem me dera ter escrito este texto há mais tempo. Pelo menos assim, não sabia o final da história. Podia ser um conto. Bem podia ser real.

Não vale a pena estar a detalhar muito, pois embora o tempo não tenha parado, acho que esta história não terá um final feliz.

É verdade que Horácio a terá convidado para verem um filme. Um filme de 1992. Mas, calma, que isto não é o “Regresso ao Futuro”, talvez um dia o percebam.

Foi aí, nesse mesmo lugar, que se beijaram pela primeira vez. Não foi um beijo forte e intenso, elevado pela paixão ou nervoso miudinho, mas um beijo leve e sentido, rápido, mas sentido. Havia um indício de em toda aquela história haver uma terceira pessoa que ainda se mantinha. Eram segredos atrás de segredos, só mesmo de e entre eles.

Nunca cheguei a perceber qual o verdadeiro motivo de ela o esconder com a sua vida tudo aquilo que se passava.

Após esse beijo não houve mais nenhum. Tudo começou a desmoronar, como se fosse uma cápsula fechada a sete chaves, um colar de ouro todo enrolado, um jogo acabado, mas a verdadeira razão, não a sei. Só acredito que Horácio, que bem podia ser o Bento, percebia que lá no fundo havia algo que ela escondia. Provavelmente gostava mesmo de duas pessoas, pois não perdeu a oportunidade de ficar com a sombra que o atormentava há muito tempo e, desta vez, não houve volta a dar. Horácio estava destruído, já não tinha motivação nem força, para se levantar. Mesmo conhecendo os meandros de tudo, tinha de encará-la todos os dias. Olhava para todos com um olhar depreciativo e afastado. Da sua boca saía um som monocórdico. Ninguém conseguia consertar tantas razias de maré baixa naquele coração.

Não teve o apoio de ninguém. O segredo era seu. De mais ninguém. Todos acreditavam na capa negra que ela criava para esconder o que sentia.

Segredou-me num dos dias seguintes:

– Se tivesse oportunidade, tentava consertar o que não podia ter corrido mal. O problema é que não sei exatamente o que foi.

Toda esta nublada incógnita massacrou-o durante cerca de sete anos inteiros anos da sua vida e mais alguns que desconhecemos do seu coração.

Num certo outro dia, acabou por encontrar outro alguém...

Afonso Albuquerque, 8.º 1

O LIVRO MÁGICO

Naquele dia que mais parecia noite, Horácio Bento de Gouveia estava a caminhar até casa, quando começou uma forte tempestade. Caminhou durante algum tempo, até que, de repente, apareceu uma figura sombria e misteriosa à sua frente, que lhe dissera:

– Tenho aqui um livro mágico! Usa-o com sabedoria e depois irás agradecer-me.

Assim, logo ao acabar de falar, a criatura desapareceu. Horácio Bento de Gouveia ficou estupefacto ao se deparar com a inusitada situação e, sem mais demoras, abriu o livro. Horácio Bento de Gouveia começou-se a sentir-se mal até que, depois algum tempo, a ansiedade provocou-lhe um tal ataque cardíaco, que caiu sobre o livro.

Este fenómeno aconteceu tão somente, porque Horácio Bento de Gouveia não lera o título do livro que, na verdade, era uma autobiografia mágica.

O livro chamava-se assim, pois quando alguém o abria, via a sua alma ser sugada e vivia a sua autobiografia, só que na vida de outra pessoa. Este fenómeno, não fora diferente com Horácio Bento de Gouveia. A sua alma havia sido sugada antes e, passados uns anos, foi parar ao corpo do seu bisneto que, contudo, não tinha a memória da vida anterior.

Passaram-se anos e anos, décadas, a viver a vida do seu bisneto e com idade de dez anos, mudou-se para a escola Dr. Horácio Bento de Gouveia.

Aí, no entanto, tudo lhe parecia muito familiar, mas, mesmo assim, ignorou esse facto e continuou a sua vida.

Passaram-se vários dias desde que entrou naquela escola, até que começa a recuperar memórias de uma vida anterior. O garoto chegava à escola todos os dias e já sabia toda a matéria, mesmo antes do professor a ensinar, revelando-se assim adiantado em relação aos seus colegas. Após um tempo, começa a tornar-se super inteligente e já era conhecido como o aluno mais inteligente da escola, pois sabia mais que alguns professores e que todos os alunos.

Um dia, uma professora da escola chamada Helena Borges, viu que o rapaz tinha um grande potencial, que sabia muito para a sua idade e que tinha uma aparência semelhante à de Horácio Bento de Gouveia. Então, sugeriu ao rapaz que fosse a sua casa ler uns livros que tinha comprado, o que sagazmente o fez. O rapaz começa a ler os livros de Horácio Bento de Gouveia e imediatamente começa a se lembrar de tudo da sua vida anterior. Porém tanta informação, fá-lo começar a sentir-se mal. A verdade que ainda não a sabia como tal, era incontornável.

Pela reação, a professora ficou apavorada e levou-o a uma consulta de urgência. O rapaz conta à médica tudo o que havia passado. A médica chega à inevitável conclusão de que o rapaz estava a receber memória e informações de duas vidas em simultâneo e teria de ser ele próprio a arranjar uma solução para o problema. Se havia um problema, agora ele aumentou...

O rapaz ficou assustado com o que ouviu. Porém, lembrou-se de como tinha entrado nestas vidas e percebeu que teria de sair delas da mesma maneira. Implorou aos seus colegas e a toda a gente que conhecia que o ajudassem. Ninguém acreditava nele. Ninguém o levava a sério. A única pessoa que o ajudou foi, de facto, a professora, pois era muito simpática e tinha sido ela a pô-lo nesta situação. Nela estava a chave e a solução.

O rapaz tinha duas ideias possíveis, para resolver o problema: pesquisar na internet sobre o livro que o atingiu e qual foi o último livro de Horácio Bento de Gouveia ou fazer cartazes com os detalhes de que se lembrava da figura misteriosa.

O rapaz e a professora trabalharam muito, porém não conseguiram arranjar nenhuma informação sobre os livros e os cartazes não ajudaram em nada.

O dia já estava a chegar ao fim. Decidiram ir embora, até que naquele dia, que mais parecia noite, começou uma tempestade. Nada mais previsto para acontecer.

Todavia, eis que acontece um milagre. O rapaz avista a criatura sombria e misteriosa, persegue-a com todas as suas forças, até que, de repente, a criatura

misteriosa somente para, entrega-lhe o livro e num ápice, tal como surgiu, desaparece.

O rapaz, entusiasmado, abre o livro e, do nada, é atingido por um raio que o faz desmaiar. Em segundos que mais pareceram anos, acorda no seu antigo corpo, com um livro à sua frente, que continha, nem mais nem menos, esta sua aventura escrita.

Se foi sonho ou realidade, não sabemos. Ninguém no-lo contou ainda. Porém e até hoje, também ninguém sabe como foi a verdadeira história daquele que para sempre se chamou Horácio Bento de Gouveia.

Rodrigo Abreu, Lourenço Cafofo, Luís Nunes e Afonso Paulino, 8.º 3



UM HOMEM, UM ESCRITOR, UMA ESCOLA

Corria pacatamente o ano de 1901, numa pequena freguesia da costa norte da ilha da Madeira, Ponta Delgada, assim chamada por se assemelhar a uma “ponta de terra esguia, esvaindo-se mar dentro”, segundo um historiador do século XVI.

Ponta Delgada, como a grande maioria das freguesias e aldeias da costa norte da ilha era conhecida pela fertilidade dos seus solos e embora ficasse numa zona íngreme e muito acidentada, os seus terrenos eram trabalhados em socalcos e desde sempre a agricultura foi a atividade mais importante da economia local.

No entanto, a povoação era também conhecida por Corte do Norte, por aqui terem residido, durante séculos, antigas e nobres famílias madeirenses, que eram proprietárias de bonitas e faustosas moradias.

Foi numa dessas casas apalaçadas e com uns jardins muito bem cuidados, pintada de cor-de-rosa e com janelas verdes, que, no de dia 5 de setembro desse ano que marcava o início do século XX, nascia uma criança do sexo masculino a quem batizaram de Horácio. Era o primeiro filho do casal, nasceu franzino e adoentado, mas em berço de ouro e cuidado com todo o esmero e carinho pela mãe e pelas criadas.

Cresceu como todas as crianças da sua idade, tornou-se mais forte e saudável e embora a sua estatura nunca acompanhasse a sua idade, brincava como todos os rapazes da sua idade: ao peão, à pilhagem, à matraca, aos carrinhos de verga e com uma bola de trapos. Mas o Horácio era diferente, não só pela sua estatura, mas também pelos seus interesses, uma vez que herdara do pai o gosto pelos livros, mesmo não sabendo ler e escrever. Depressa se cansava das brincadeiras e

refugiava-se em casa, no silêncio, folheando páginas e páginas de livros enormes que exerciam sobre ele um fascínio que até ele próprio não entendia.

Chegaram finalmente os sete anos de idade e lá foi Horácio para a primeira classe na Escola do Pico. Desde cedo, sobressaiu dos restantes colegas pela facilidade com que aprendia e se destacava na leitura e na escrita, como ainda pelo facto de andar calçado, coisa rara no meio rural de 1908. Era um aluno brilhante, mas para isso contribuíram também as idas frequentes ao Funchal, à cidade, e as viagens de barco que fazia todos os anos a Lisboa com os pais.

Aos dez anos vai viver para a cidade e passa a ser aluno do Liceu do Funchal que na altura funcionava num pequeno prédio no centro da cidade, dado o baixo número de alunos que o frequentavam. É nesta fase que começa, desde muito cedo, a sentir o gosto pela literatura e a escrita e aos doze, treze anos passava horas e horas sentado a uma secretária, escrevendo sobre o mundo que o rodeava, sem nunca esquecer a sua terra natal, Ponta Delgada.

Passaram dezanove anos e Horácio tornara-se um homem, já nada restava da criança franzina que depressa se cansava de brincar e que folheava livros nos dias pachorrentos, na sua casa apalaçada. Chegara o momento de partir para Lisboa para estudar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o curso de Ciências Históricas e Geográficas.

É nesta época que começa a colaborar em diversos jornais e aos 30 anos publica “Ensaios Jornalísticos”, a sua primeira obra. Continua a sua atividade literária, continua a estudar e conclui a sua licenciatura. Tinha nascido o Dr. Horácio Bento de Gouveia, o escritor.

Mais tarde, regressado à Madeira, foi jornalista, ensaísta, conferencista, cronista e professor durante muitos anos no Liceu, hoje Escola Secundária Jaime Moniz. Publica durante a sua longa vida vários livros e torna-se um dos escritores madeirenses mais conceituados.

Em quase toda a sua obra surgem referências à sua ilha, à sua terra natal, Ponta Delgada, e exemplo disso são os títulos de alguns dos seus romances: “Ilhéus”, “Canhenhos da ilha”, “Lágrimas correndo mundo”. O menino de Ponta Delgada era um escritor famoso.

Em 1980 foi homenageado pela Câmara Municipal do Funchal, tendo-lhe sido atribuída a Medalha de Ouro da Cidade e dado o seu nome à Escola Preparatória da

Cruz de Carvalho, passando esta a denominar-se Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia.

Corre o ano de 2023. É o mês de setembro também, o mês de regressar às aulas. Clara está nervosa, tem apenas nove anos e vai frequentar uma escola nova. A primeira impressão é o tamanho da escola, tão grande, comparada com a sua velhinha escola do primeiro ciclo. E o nome? Um nome tão grande, de quem será?

- Pai, quem foi o Dr. Horácio Bento de Gouveia?
- Quando chegares a casa, depois das aulas, investiga!

Leonor Xavier de Freitas Ribeiro Pereira, 8.º 4



AVENTURAS DE ANTIGAMENTE

Certo dia, um grupo de amigos naturais de São Vicente estavam a explorar um jardim com uma estátua de bronze que apresentava uma cara que não lhes era totalmente desconhecida.

O grupo de amigos, era constituído por Lurdes, uma rapariga gentil e bonita com dezassete anos; Jorge, que é um rapaz apaixonado pelo futebol e tem dezoito anos; Manuel, com dezassete anos e que começou a trabalhar muito cedo para ajudar os seus pais em casa e Fátima, que é uma rapariga que aprecia livros e que tem dezasseis anos. Podiam muito bem ser as personagens de *Os Cinco*. Não o eram. Esta aventura passa-se na Madeira.

Como eram muito curiosos e gostavam de se aventurar, decidiram aproximar-se da estátua para reter mais informações sobre de quem se tratava.

Depois de terem lido uma placa que se encontrava debaixo da face da estátua, descobriram que, na verdade, era uma estátua de Horácio Bento de Gouveia. Após terem visto que era deste formidável escritor, ficaram incrédulos ao descobrirem que havia uma estátua em sua homenagem. Ao entardecer voltaram cada um para a sua casa. Nada disseram. Em muito pensaram.

Durante uma madrugada sombria, Manuel ouviu passos em volta da sua casa e ao verificar se estavam todos a dormir encontrou uma caixa na porta de casa com um bilhete velho e imundo que dizia: " Amanhã a esta mesma hora espero-te no parque (vem sozinho...)".

Cedo, logo pelo amanhecer, Manuel decidiu que seria uma boa ideia reunir-se com os seus amigos e relatar o que lhe acontecera na noite anterior. Lurdes, decidiu deviam reunir-se no parque, mas Manuel contrariou-a, pois alguém indesejado poderia estar lá esperá-los ou a observar. Então, esperaram que os pais do Jorge

fossem trabalhar, para poderem juntar-se na sua casa, lugar que seria, esperavam, bem mais seguro. Em seguida, Manuel, assustado desde início, relevou que deviam implementaram um plano.

O seu consistia em, umas horas antes Lurdes, Jorge e Fátima irem para uma pequena bomba de gasolina lá perto que permitia ter uma vista periférica do parque e, a partir daí, assegurarem que Manuel estaria seguro e que não lhe aconteceria nada.

Já noite, os amigos saíram de suas casas e posicionaram-se na bomba de gasolina, mas Manuel ficou a aguardar mais algum tempo em casa para não levantar suspeitas.

Pelas três e trinta da manhã, Manuel saiu de casa e foi para o parque, como lhe fora pedido. Sentia-se assustado, por não saber o que estava por vir e por não saber na aventura que estava prestes a se meter.

Ao chegar perto da estátua de Horácio Bento de Gouveia reparou que o busto deste escritor tinha sido saqueado e que atrás da escultura havia novo um bilhete com seguinte informação: “como já debes ter reparado, a estátua está em nossa posse e só irei devolvê-lo se vocês responderem a algumas questões”. Manuel, nada perceber acerca do que passava, decidiu regressar a casa do Jorge na manhã seguinte, para poderem tentar esclarecer o que tinha se passado na noite anterior.

Passados alguns dias, Manuel recebeu uma carta na caixa correio. Não uma carta normal, mas uma que mais parecia um questionário sobre a vida de Horácio Bento de Gouveia. Nela dizia o seguinte: “tens até três dias, para poderes resolver estas perguntas e se acertares em todas, devolvemos-te a estátua. A carta acrescentava: “Onde nasceu, onde viveu, data de falecimento, onde estudou, funções que desempenhou e 5 obras literárias que escreveu.”

Fátima, rapariga que adorava ler e apreciar livros, achou um trabalho fácil, pois um dos seus escritores favoritos era o seu Horácio Bento. Fátima gostava de Horácio pela maneira como escrevia e relatava a vida dos madeirenses e pelo excesso de regionalismos que teimava em usar nos seus contos e crónicas.

No dia seguinte, o grupo de amigos aproveitou que a biblioteca estava aberta e decidiu procurar mais informações sobre Horácio Bento, para ter a estátua de volta.

Após horas e horas a procurar, encontraram quase todas as informações, mas por ser uma biblioteca pequena não conseguiram encontrar o nome dos livros que escreveu. Jorge lembrou-se que uma vez o seu pai lhe tinha lhe pedido que

entregasse algumas frutas a uma tia que estava doente e que na altura teria passado por uma casa que tinha o nome dele na faixa. Lurdes, então, deu a ideia de irem até a essa casa, para verem se encontravam mais informações. Uma vez lá, depararam-se com uma casa museu (casa onde Horácio Bento de Gouveia viveu). Encontraram diversos objetos de Horácio Bento de Gouveia e livros que mostram como ele inspirou a vida dos madeirenses. O mais importante foi terem encontrado o nome dos cinco livros que desconheciam.

Após um dia muito longo e cansativo voltaram a reunir-se na casa de Jorge, para poderem responder ao questionário. E enquanto respondiam às perguntas, Manuel indagou a razão de ele ter sido o escolhido para esta confusão e decidiu também escrever no canto da folha uma frase: “Já fiz o que me pediste e exijo saber o motivo por eu ter sido o escolhido para esta situação”. Três dias se passaram num ápice e Manuel devolveu a carta. Colocou-a na caixa de correio, para que esta pessoa anónima a pudesse recolher. Quando noite, Manuel deitou-se em sua cama e ansiosamente aguardou, aguardou e aguardou, até que voltou a ouvir passos em volta da sua casa. Foi a correr para a janela, para ver se identificava este incógnito. Chegou tarde demais e só conseguiu ver a sombra de uma pessoa a desaparecer por entre a vegetação.

Passados poucos dias, a estátua voltou a parecer repentinamente no seu lugar, mas desta vez com uma caixa novamente escondida atrás dela onde dizia: “apenas queria que conhecesses a pessoa extraordinária que foi o teu avô, Manuel.”

Com o passar dos anos, Manuel decidiu dar uma nova oportunidade a crianças como ele que tinham de trabalhar muito cedo, para poder ajudar em casa e decidiu, juntamente com Jorge, Lurdes e Fátima, abrir uma escola para homenagear o seu avô. Ele sentia um orgulho que, de desconhecido, lhe era agora próximo.

E assim Manuel concluiu que tudo o que acontece na vida de alguém tem um motivo e que, por vezes, o que parece um desafio, na verdade, são as novas oportunidades e pessoas que podem mudar as nossas vidas.

Matilde Vaz, Alice Pestana, Victor Leandro e Diego Valiati, 8.º



O REI DEMÓNIO E A MENINA

Certa noite, uma menina calcorreava a escuridão da floresta. Perto da meia-noite, ouviu um dos guardas da realeza chamar por alguém. Escondeu-se o melhor que pôde. Exausta e, no meio do silêncio, julgou que os guardas reais tinham desistido e continuou a caminhar. A certa altura, sentiu-se perdida, avistou uma mansão e tentou pedir auxílio. Antes de lá chegar, desmaiou de cansaço.

No despertar da manhã, João, o morador da mansão, saiu para tirar o jornal da caixa do correio e viu ao longe alguns animais ao redor de um volume anónimo e imóvel deitado nas ervas vestidas de orvalho. Aproximou-se e percebeu que era uma pessoa, uma menina. Reparou que estava ferida e calculou que tivesse tropeçado num ramo que lá perezia. Pegou-a ao colo e levou-a até à sua casa.

Durante o percurso, foi mandado parar por um guarda real que lhe exigiu que entregasse a menina. Recusou. Nesse instante, o guarda fez sinal aos seus colegas para o cercarem. João percebeu, antecipou-se e derrotou todos com a sua magia. Um dos guardas, ao ver o seu capucho cair, reconheceu-o e pronunciou «Rei Demónio». O rapaz lançou um feitiço e todos regressaram ao castelo sem se lembrarem do que tinha acontecido, afirmando ao rei que não a tinham encontrado e que provavelmente fora engolida por um monstro noturno.

A menina, ao acordar, ficou assustada e perguntou onde estava. Ele tranquilizou-a, dizendo que se encontrava na sua casa. Quis saber o seu nome e por que razão a consideravam uma criminosa, pois era uma princesa. Apresentou-se como «Vanda» e contou que aquela situação não passava de um mal-entendido e que alguém lhe desejava muito mal.

João usou a magia, verificou que dizia a verdade e tentou ajudá-la. Para melhorar a sua defesa, inscreveu-a na HBG, uma escola de magia, cujo diretor era o

seu pai. Era considerada a melhor da região. Ele confidenciou-lhe que a frequentara quando era criança. Naquela escola, os alunos eram muito bons e alguns até prodígios, como João. Este formou-se aos seis anos e era conhecido como o «Rei Demónio». Ao ouvir isto, Vanda ficou com medo e afirmou que lhe estava a dar muito trabalho. Além disto, se continuasse mais tempo naquela casa, ele poderia ficar em apuros. João insistiu que ficasse, mas ela recusou, asseverando que corria perigo com a sua presença.

Então, propôs contratá-la como empregada doméstica. Ela pensou um pouco e, apesar de gostar da ideia, recusou a oferta para não trazer problemas. O rapaz estalou os dedos, garantido que colocara uma maldição mortal em si próprio e que se não aceitasse o convite em três minutos, ele morreria. Vanda não teve outra opção a não ser aceitar.

Logo perguntou-lhe que trabalho começaria a fazer. João respondeu que no momento não havia nada e sugeriu-lhe que desfrutasse do tempo livre.

Mais tarde, reparou que a menina estava cabisbaixa e estática como um penedo. Questionou-a sobre o seu estado. Vanda respondeu que contava as lascas de madeira do chão. Ao ouvir isto, congelou e quis saber o motivo. Ela mencionou que, no castelo, nunca tinha tempo livre, estava sempre ocupada com as tarefas domésticas. Por isto, quando lhe dissera que tinha tempo livre, não sabia o que fazer.

Após aquela conversa, o rapaz esforçou-se para lhe ensinar como se divertir e fê-la experimentar tudo o que lhe tinham proibido no castelo pois tratavam-na como uma serva. Divertiram-se tanto.

À medida que o tempo passava, a menina aperfeiçoava as suas habilidades e aprendia novas técnicas na escola HBG. Era feliz com João e os seus amigos.

Assim, deixou de ser uma menina malnutrida, exausta e tímida. Passou a ter sonhos e objetivos para alcançar. Finalmente percebeu o seu valor, lutou por aquilo que queria e encontrou amigos que a acompanharam.

Atualmente reconhece os seus direitos, aprecia a sua liberdade e é uma feiticeira com muito potencial, preparada para ser bem-aventurada. Um prodígio!

Iara Nadine Jardim Vieira, 9.º8

O DR. HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA

Era um dia calmo e aprazível para o jovem Horácio Bento de Gouveia. Estava a estudar na sua secretária para um teste que iria ter no dia seguinte.

Horácio Bento era um rapaz exemplar, aplicado e trabalhador. Sempre teve muito boas notas e os pais prometeram que se tirasse só boas notas ofereciam-lhe um diário, pois o rapazinho adorava ler e escrever. Quando os seus pais falaram no diário, os olhos de Horácio brilharam como as estrelas numa noite de céu estrelado. Português era a sua disciplina favorita. Passava horas no quarto a escrever lindos contos e depois imaginava que estava a viver a história e fazia teatros sozinho. Eram momentos onde Horácio tinha a capacidade de viajar por mundos desconhecidos, maravilhosos e cheios de aventuras com personagens que inventava.

No dia do teste, Horácio Bento levantou-se cheio de entusiasmo para ir para a escola fazer o teste. Tomou o pequeno-almoço a correr, vestiu-se à pressa e pôs-se a andar. Quando entrou na sala, a professora entregou os testes e Horácio quando abriu a ficha viu que tinha coisas que já não se lembrava e entrou em pânico. Fez o que sabia e deixou o resto em branco. Sentiu-se triste, porque sabia que tinha estudado, mas naquele momento o que sentia ultrapassava a sua capacidade de concentração.

Quando chegou ao carro, os pais perguntaram porque é que estava triste e explicou-lhes o que tinha acontecido. Disseram-lhe que isso acontece muitas vezes e que não fazia mal porque no próximo iria ser melhor. Os seus pais confortaram-no da melhor forma possível, com palavras de esperança e calor humano, bem próprio

dos pais. No entanto, sabiam que não eram o suficiente para confortar Horácio e fazê-lo entender que haveria outra oportunidade.

Horácio Bento chegou a casa e pensou em pedir à professora para repetir o teste e desta vez ia estudar o dobro. Provavelmente a professora aceitaria o seu pedido ou não. Trancou-se no quarto a estudar e não respondia a ninguém, nem mesmo à mãe que estava constantemente a ir lá para ver como estava.

Quando foi para a escola conversou com a professora sobre o assunto e esta concordou. Sentou-se para fazer o teste e conseguiu fazer tudo. Estava muito orgulhoso de si mesmo. Dias depois a professora entregou os testes e tirou a melhor nota da turma, só porque estudou muito e manteve a calma. Lembrou-se também das sábias palavras dos seus pais e de como é bom ter alguém a encorajá-lo quando a esperança e rumo faltam.

Os pais ficaram muito contentes e deram-lhe o diário. Horácio Bento estava mesmo muito contente e não esperou pela hora de usar o seu diário. Que felicidade! Agora poderia escrever secretamente todas as histórias e aventuras que fluíam na sua imaginação e quem sabe um dia partilhá-las com o mundo.

E assim foi!

Certo dia o rapaz estava a passar numa rua e viu um cartaz que anunciava um concurso de escrita e que o vencedor ganhava a homenagem do seu conto aparecer num livro. Horácio Bento decidiu participar e já sabia o que ia escrever.

Escreveu um grande e maravilhoso conto sobre os sonhos. E mais tarde foi eleito o vencedor. O seu conto foi publicado e ficou tão inspirado que decidiu escrever mais livros.

Passaram dias, semanas, meses e escrevia cada vez mais livros. Ganhou concursos, prémios... E mais tarde decidiu investir numa escola e ser professor.

Quando morreu deram o seu nome à escola e foi assim que nasceu a escola HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA.

Alicia Victória Silva Rodrigues, 7.º 8



A GRANDE INSPIRAÇÃO

No ano de 1914, o pequeno Horácio era já uma criança criativa e hiperativa. Adorava aprender coisas novas e passava a maior parte do tempo a ler e a escrever. Porém, ele era muito tímido e não era valorizado pelos seus colegas.

Certo dia, na Escola Cruz de Carvalho, ele estava a escrever num banco, bastante isolado das pessoas quando, de repente, surgiram três colegas que foram intimidá-lo, rasgando e gozando da sua história. Após esta situação, ele correu a chorar para a casa de banho. Na casa de banho, olhou para o espelho e interrogou-se:

– Será mesmo que sirvo para a escrita?

Ao declamar estas palavras, viu-se refletido de forma diferente no espelho. Estava bastante mais velho! Então, pergunta à imagem no espelho:

– Quem és tu?

Sem obter resposta, aproxima-se do espelho, toca-o e...

Passado algum tempo, acorda com chamamentos e toques de pessoas desconhecidas que perguntam a razão pela qual ele estava deitado no chão. As pessoas não recebem resposta. Então, os indivíduos decidem levá-lo para o hospital, pois o Horácio tinha voltado a desmaiar.

No hospital, acorda com muitas pessoas em volta da sua cama com cheiro a formol. Uma das senhoras presentes beija-o e ouve os gritos de felicidade de uma menina. Após esse momento, entra um médico e diz-lhe que tem autorização para voltar para casa.

Quando chegou a casa, a mulher deitou-o confortavelmente numa cama quente e cheirosa. No quarto, observou um misterioso objeto que começou a libertar um som. Perguntou à mulher o que era aquele estranho objeto que parecia um tijolo. A mulher disse-lhe que era um telefone fixo. Surpreendido, perguntou também em que ano estavam. Ela afirma que estão no ano de 1963. A mulher sai do quarto após esta afirmação.

Quando se sentiu melhor, levantou-se e começou a vaguear pelo quarto a observar uma estante de livros. Curioso, decide começar a lê-los. Depois de ler alguns livros, fica animado e procura o nome do autor do livro. Fica espantado. O seu nome estava em todos os livros! Olha para o lado e observa um espelho. No espelho, observa o mesmo indivíduo que tinha observado anteriormente. O indivíduo começa a falar com ele.

– Vês como és capaz?! – afirmou – Não é por seres assim que não podes alcançar os teus objetivos! Não podes deixar que te intimidem! Segue os teus sonhos!

Após ouvir estas palavras inspiradoras, diz:

– Eu sou capaz, eu sou capaz, eu sou capaz!

Após declamar estas palavras, vê-se na sua forma mais jovem. Decide tocá-la e...

Já no ano de 1914, acorda na sua casa. Inspirado, escreve os seus livros e tenta ser a melhor versão de si mesmo!

Em 1980 é dado o seu nome à escola onde tinha estudado anteriormente, passando a ser a Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia.

António Farto, Maria Ramos e Luana Kyrychenko, 7.º 1



UMA VIAGEM BEM AVENTURADA

Certo dia, o Guilherme, um menino sonhador, apaixonado pela História e pelos antepassados do Mundo, estava na biblioteca da melhor escola do país, na escola Horácio Bento de Gouveia.

O pequeno menino estava à procura de um livro de aventuras, até que reparou que, na estante do lado, havia uma zona de livros proibidos. Entusiasmado com a sua descoberta, tenta retirar um livro proibido, sem o bibliotecário perceber. Com sucesso na sua missão, Guilherme tirou um livro escrito à mão por um antigo professor da escola com o título “A Verdade por trás da Escola”. Logo começa a ler e fica fascinado, pois descobre que está numa escola secreta de magia.

Após ler o livro, o que mais lhe chamou à atenção foi o capítulo do “Passo a passo de como viajar no tempo e no espaço”. Para isso, tinha de encontrar a máquina que fazia viagens no tempo e no espaço. No livro dizia que era muito simples de encontrar a máquina, bastava dirigir-se à sala 348, onde iria encontrar, no painel de cortiça, uma porta falsa para a sala onde esta se encontrava. E depois de a encontrar, era ligá-la à corrente elétrica e selecionar o destino e a data que queríamos.

Rapidamente, Guilherme deixa o livro no mesmo lugar e desloca-se para a sala onde, velozmente, encontra a porta falsa que o encaminha para a sala mágica. Ao retirar os panos que envolvem a máquina, ele percebe que a engenhoca estava enferrujada, mas, mesmo assim, não desistiu de realizar o seu sonho de descobrir como foram os Descobrimentos.

Logo liga a máquina e escolhe que quer ir para o século XVI, em Portugal. Fez tudo como era descrito no livro, mas ocorreu um problema, pois a máquina começou a fazer faíscas. Mas o miúdo não teve tempo de sair e apareceu num local cheio de elefantes, girafas, leões, tudo o que não tinha planeado.

— Ajuda! Ajuda! — grita Guilherme, cheio de medo.

Passados 45 minutos, passa um carro de safari... Um homem avista Guilherme e chama-o:

— Amigo! O que andas aí a fazer?

— Estou perdido. Tentei viajar no tempo, mas a máquina trouxe-me para um sítio diferente do que eu escolhi. Em que ano é que estamos? Onde estou?

— Uau! Estamos em 2032, em Zanzibar. Entra no carro que vamos levar-te para um local seguro.

— 2032? O que me aconteceu? Por que razão fiz isto?... Muito obrigado pela ajuda.

Guilherme embarca no carro, onde conta melhor a sua história e é levado para uma pousada.

Apesar do erro, ele fez de tudo para aproveitar a deslocação ao futuro. Visitou as mais encantadoras praias de água transparente, fez um safari em que viu animais enormes e raros, passeou pela cidade, andou de barco e fez “*snorkeling*”. Após sete dias, decide que é hora de voltar para casa.

Ao regressar à ilha, percebe que tudo estava diferente. Foi à sua casa e os seus pais nem acreditaram que o seu filho estava de volta a casa, nove anos depois.

Mas mesmo com o erro da máquina, Guilherme tenta novamente realizar o seu sonho. Foi assim que, à meia-noite do dia 7 de julho, Guilherme entra sorrateiramente na HBG. Vai em direção da sala onde está a máquina. Ao ver a engenhoca, o menino desta vez verifica se está tudo certo e liga-a.

Após colocar as informações para onde e quando quer ir, nesta ocasião, corre tudo bem e Guilherme encontra-se na época dos Descobrimentos, em Lisboa.

Viveu aventuras inesquecíveis, conheceu os grandes navegadores portugueses, os reis, os palácios, os castelos, os portos carregados de naus que transportavam mistérios e descobriu os grandes segredos daquela época.

Mais do que nunca, o pequeno Guilherme ficou extremamente feliz ao realizar o seu grande sonho!

Beatriz Catarina Sousa, 9.º 3

A SOCIEDADE SECRETA DA ESCOLA HBG

Era uma vez um rapaz chamado Roberto, que estudava na escola HBG.

Num dia chuvoso, Roberto estava na aula de Português a conjugar verbos no participio passado. Ele estava desinteressado, por isso pediu para ir à casa de banho:

- ‘*Stora*, posso ir à casa de banho? – pediu o Roberto
- Não, devias ter ido no intervalo! – afirmou a professora.
- Mas ‘*Stora tou* mesmo aflito! – gritou o Roberto.
- Tu não podes ir à casa de banho! Tiveste 15 minutos – exclamou a professora.

Depois de ouvir a resposta da professora, Roberto pensou em fugir da sala, e fugiu mesmo! Roberto começou a correr em direção à casa de banho, quando uma funcionária se colocou à frente da respetiva porta.

– O que estás fazendo? – questionou a funcionária com sotaque acentuadamente madeirense.

- Nada! – exclamou o Roberto.

Roberto desviou-se do destino inicial e subiu as escadas para o quarto piso. Depois correu em direção a uma porta qualquer para se esconder da funcionária. Entrou na sala 413.

Aquela sala era enorme e Roberto conseguia ver que no fundo da sala havia umas escadas para um sótão. A curiosidade de Roberto era tao grande que entrou no sótão e ficou pasmado com o que encontrou. Viu um grupo de professores, utilizando mantos vermelhos compridos, com um olho desenhado na testa.

- O que é que estás a fazer? – gritou o seu professor de matemática.

Roberto questionou:

– O que é que vocês estão a fazer?!

– Não interessa! Desaparece, Roberto, ou dou-te negativa!

Roberto, obviamente, fugiu para a biblioteca. Lá procurou livros antigos sobre a escola. Encontrou um livro chamado “As lendas do Horácio Bento”. A página 5 desse livro falava sobre uma sociedade secreta e rituais que ocorriam todas as quartas-feiras na escola. Roberto investigou mais sobre o assunto.

Em busca de outro livro, que falasse sobre o assunto, encontrou: “Top 100 tipos de rituais”. O vigésimo primeiro era idêntico ao dos professores. Leu que esse ritual servia para invocar professores, escritores e jornalistas.

– Ah! – exclamou o Roberto surpreendido.

Roberto voltou para o sótão e questionou os professores.

– Então, estão a invocar Horácio Bento de Gouveia?!

– Como é que sabes disso? – perguntou o professor de Ciências.

– Pode-se dizer que fiz uma pequena pesquisa sobre ele. – afirmou o Roberto.

– Sim, é verdade! Mas não podes contar a ninguém! – exclamou o professor.

– Está bem, mas com uma condição.

– Qual?

– Quero falar com ele. Posso ajudar no ritual se quiserem.

– Depende do que queres falar com ele.

– É um segredo.

O professor aceitou a proposta e Roberto ajudou no ritual.

– Invocais Horácio Bento de Gouveia. Por favooooor...Blá, blá, blaá...

Horácio Bento apareceu em forma de fantasma e todos os professores tiveram a oportunidade de falar com ele.

Quando chegou a vez de Roberto, pediu para Horácio acabar com os rituais e abençoar a sala 413.

Horácio Bento desapareceu, porque fantasmas não podem estar num local onde a sua presença é indesejada. Agora só falta saber se Horácio abençoou a sala.

Um ano depois, uma turma magnífica começou a ter aulas nessa mesma sala.

Bernardo Caldeira, Mariana Silva e Júlia Simões, 7.º 3

A BIBLIOTECA DOS DESEJOS

Na escola Dr. Horácio Bento de Gouveia existe uma biblioteca mágica, escondida na atual biblioteca da escola.

Ela é encantada porque os seus livros brilham à luz do luar e cada página, de cada livro, contém segredos mágicos.

Diz uma lenda que os leitores gostam verdadeiramente de ler, pois procuram o conhecimento e a valorização. Ao encontrarem o livro que seja especial, podem pedir um desejo que só se realiza se eles compreenderem a lição de moral dessa mesma história.

Os livros eram mágicos e cada um tinha o poder de transmitir: o amor, a alegria, o conhecimento, a sabedoria, a honestidade. Por isso, as suas histórias encantavam todos aqueles que por ali passavam.

Com o passar do tempo, a biblioteca começou a ser frequentada por muitos leitores de todo o mundo e ficou apelidada de “Biblioteca dos desejos”.

Muitos leitores procuravam nos livros mágicos, a cura para as doenças dos seus familiares e a compreensão da importância de ajudar o próximo.

Numa bela cidade da ilha da Madeira, habitava um jovem chamado João que, desde pequeno, tinha uma intensa paixão por livros.

Um dia, ao folhear o jornal, leu que havia uma biblioteca mágica, escondida na escola Doutor Horácio Bento de Gouveia, situada no Funchal, e decidiu ir até lá.

João, que gostava de desafios, entrou na biblioteca e começou a ler um belo livro que o mergulhou no mundo da magia e lentamente foi descobrindo o toque e a sensação da magia que o encantou naquele local mágico.

Explorou livros que continham desejos, para poder usá-lo para o seu bem e para todos ao seu redor e, à medida que virava as páginas, ele descobria vida, pois cada palavra convidava-o a imaginar um mundo sem guerras, sem fome e sem injustiças.

Ao compreender a importância das palavras, João viu-se transformado, inspirado em acabar com a pobreza e conceder desejos a todos os que necessitam, acreditando no poder de transformar palavras em desejos especiais.

No fim da leitura, o João deixou a biblioteca que não concedia desejos, mas proporcionava a oportunidade para cada leitor aprender a ser capaz de realizar os seus próprios desejos.

A biblioteca permanece na escola como um local de refúgio, responsabilidade para aqueles que querem usufruir de belos conhecimentos e navegar na magia das palavras.

A verdadeira magia não está nas páginas dos livros, mas sim nos corações daqueles que querem realmente sonhar, aprender e crescer.

Maria Leonor, Maria Francisca e Santiago Abreu, 7.º 5





MARGARETA

Era uma vez um rapaz chamado Horácio. Era um miúdo calado, porém, por detrás daquela alma silenciosa, existia um incrível escritor, amigo e aluno.

Na escola onde estudava, tudo era perfeito e corria bem. Era uma escola onde os alunos tinham aulas calmas, apesar dos professores serem exigentes. Aquela escola era como uma casa para ele, já que a frequentava desde sempre.

Horácio era um miúdo de poucos amigos, destacando-se entre eles o José. Os dois frequentavam a mesma turma do oitavo ano e estavam juntos desde o início dos seus percursos escolares.

A meados do mês de dezembro, a sua turma foi informada que receberiam um novo aluno no início do segundo período.

Os dias de férias passaram rápido e de repente já janeiro batia à porta.

A turma encontrava-se ansiosa para conhecer o novo colega que os acompanharia na aventura do oitavo ano. Mal pousaram os pés na sala, olharam em redor, mas não se depararam com nenhum novo aluno. Por um momento pensaram que afinal ninguém viria, até ouvirem uma leve batida na porta. Quando esta se abriu, apareceu a cara de uma linda rapariga que espreitava timidamente. O seu olhar doce, meigo e carinhoso tocou o coração de Horácio, aumentando a sua pulsação e dificultando a sua respiração. A maior parte dos rapazes da turma foram imediatamente falar com ela, apenas por estarem deslumbrados com a sua aparência, mas Horácio guardou para si o segredo de como ficara perdido de amores pela mais bela rapariga que alguma vez avistara.

Horácio falava-lhe pouco, por timidez, mas a rapariga sempre lhe respondia docemente. Os dias passaram-se e apesar das interações frequentes com os outros rapazes da turma, a bela rapariga nunca se mostrou interessada por nenhum deles. Horácio percebeu de facto que os seus sentimentos por ela aumentaram de uma forma quase descontrolada. Como qualquer adolescente apaixonado, Horácio sonhava acordado, mas achava que os seus sentimentos não eram correspondidos fazendo com que ele se sentisse infeliz. Todos notavam que ele não se encontrava bem e mal o reconheciam. Na verdade, nem ele se reconhecia a si próprio. No meio de toda esta infelicidade, começou a faltar às aulas para evitar olhar para o rosto daquela bela rapariga.

A melhor forma de Horácio expressar os seus sentimentos fora sempre através da escrita. Dirigiu-se até um jardim e lá começou a escrever. A sua inspiração era a sua amada. A tristeza que sentia por pensar que o seu amor não era correspondido, fez com que se desfizesse em lágrimas. Quando se acalmou, notou a sombra de alguém que se aproximava. Na verdade, quem chegava era a linda rapariga que tanto sofrimento lhe causava. O que Horácio desconhecia era que ela também tinha desenvolvido sentimentos por ele. Achava-o bonito e admirava-o por ser uma pessoa reservada e com um coração genuíno. Sabia que Horácio era sincero e a admirava para além da sua beleza. Sentia, também, que ele correspondia ao amor que ela também sentia por ele. Ao vê-lo naquele estado melancólico, decidiu num gesto de carinho, abraçá-lo para o confortar. Horácio mostrou-se surpreso com o gesto, mas correspondeu agarrando-a com toda a sua força para que ela nunca mais o largasse.

Desde então, os dois passaram a ser cúmplices um do outro e caminharam juntos, como casal, pela vida fora. E tiveram uma vida feliz. Ela faleceu antes de Horácio, tendo este a homenageado através de um livro intitulado com o seu nome – Margareta.

Com a saudade crescente, Horácio partiu três anos depois juntando-se à sua amada para toda a eternidade.

Eva Vasconcelos, 8.º 6





O ORGULHO E COMPANHIA DA ESCOLA

No outro dia, estava a arranjar-me, para ir ver a apresentação da nova escola Dr. Horácio Bento de Gouveia, pois estava a caminho do 5ºano e ia passar a ter aulas durante a tarde. Estava muito ansiosa para a conhecer, mas ao mesmo tempo com medo, pois diziam que havia uma criatura, que nunca ninguém vira, mas que aterrorizava os alunos dessa escola. Os meus pais disseram que era coisa da minha cabeça e que não existia nenhuma criatura na escola. Então fiquei mais calma.

Comecei o primeiro dia de aulas, depois da apresentação da escola, e adorei!! Conheci novas pessoas, que passaram a ser meus amigos. Fui pela primeira vez ao bar, onde havia muitas comidas deliciosas: folhados de salsicha, sandes, sumos, pasteis de nata... até me baralhava a cabeça. Conheci a minha nova sala, reparei que já não existia quadro branco, mas de lousa, a sala era maior do que a do 1ºciclo bem como os enormes corredores e, o que achei mais fixe, foi que os alunos recebiam tablets por causa dos manuais digitais. Cada um tinha o seu próprio, a sua caneta e carregador. Adorei o primeiro dia de aulas. Foi fantástico! Mas, nada aconteceu sobre a criatura estranha.

Correu tudo bem até aqui, mas, passado algum tempo, começaram as temidas semanas dos testes de avaliação. Estava nervosa, porque achava que os testes de avaliação do 2º ciclo eram muito mais difíceis do que os do 1ºciclo, então, decidi estudar bastante para ter menos preocupações. Antes de começar o teste de Ciências, vi que algumas pessoas da turma ao lado da minha sala estavam a fazer a fila para a sala, mas estavam em pânico. Aproximei-me e perguntei o porquê de estarem assim, pois fiquei preocupada. Responderam-me que estavam com medo do Mistério (uma criatura estranha, por ser uma criatura que nunca ninguém a vira e ninguém sabia o porquê de ela assustar os alunos). Confidenciaram-me que ela

assustava os alunos quando estes resolviam o teste. Fiquei com medo. Iria ter um teste logo após o toque.

Fui fazer o teste, na aula de 45 minutos, e nada aconteceu! Achei estranho. Então, por curiosidade em descobrir quem era a criatura mistério, fui espreitar a sala ao lado que estava ainda em teste. Escondi-me numa sala de arrumações, com a porta semiaberta, para poder espreitar o que se passava na sala, sem ninguém me conseguir ver. Fiquei alguns minutos à espera de que algo acontecesse, até que vi uma espécie de pessoa misturada com um monstro. Tinha quatro olhos, dois na nuca e dois na testa, como se fosse uma criatura que conseguia observar tudo em seu redor e que parecia atenta aos alunos, aparentava um corpo de um humano, picos pequenos atrás das suas costas, unhas afiadas, e parecia ter mais ou menos uns vinte centímetros. Como parecia uma pessoa e ao mesmo tempo um monstro, dei-lhe o nome de Personstro, mas como queria um nome diferente, um nome com significado e único, dei-lhe o nome Mazowski, pois pensei no filme Monstros e Companhia. Curioso, sem saber desejava ser a companhia dele.

Ao espreitar, sem que me visse, vi-o entrar devagarinho na sala, quando ninguém estava a ver, e passou devagar e silenciosamente por baixo das mesas dos alunos. Ao chegar a uma mesa, fez um pequeno corte no tornozelo de um aluno. Perguntei-me o porquê de estar a fazer isso, quando reparei que o aluno que ele assustara estava a usar cábulas no teste, a fazer batota. Ao gritar, por lhe estar a doer, a professora reparou que tinha cábulas e foi enviado à direção. Descobri que o Mazowski era do bem e não era do mal, contrariamente ao que pensavam, porque ele só ajudava os professores e mesmo os alunos, sem eles saberem disso.

Depois disto, fugiu da sala e decidi ir atrás dele, para poder descobrir onde ele morava. Parou junto de uma escada, que ficava no segundo andar. Escondi-me atrás de um cacifo e vi que debaixo das escadas havia uma pequena portinhola. Ele abriu-a e apareceu um portal colorido e iluminado em que ele entrou. Fiquei curiosa e decidi também entrar, para ver se conseguia falar ou descobrir mais coisas sobre ele. Entrei e reparei que lá dentro estava praticamente vazio, uma caverna escura e iluminada por uma fogueira. Ele estava sentado ao pé da fogueira e eu escondida atrás de uma saliência da rocha. Estava a tentar ganhar coragem para conversar com ele. Depois de refletir, ganhei coragem. Saí detrás da rocha e dei de cara com o Mazowski. Ficou assustado e até tentou fugir, mas eu não permiti e disse-lhe que não precisava ter medo de mim. Consegui encorajá-lo, perguntei-lhe o porquê de ele

fazer o que fazia aos alunos e respondeu-me que fazia aquilo para ajudar os professores e porque queria trazer justiça. Perguntei-lhe ainda o porquê de ele se esconder das pessoas e disse-me que, no lugar de onde vinha, caçaram a sua família, para a usar, para ajudar a roubar coisas preciosas, pois eram pequenos, ágeis e espertos. Senti pena dele, de não poder estar livre de fazer o que quisesse e ter de ficar escondido para não ser explorado.

Depois de ter uma boa conversa, encorajei-o a mostrar-se à escola inteira, pois as pessoas iriam gostar dele e ele também seria mais livre. Fui a cada canto da escola, bar, cantina, biblioteca, salas... e reuni todos no campo da escola, dizendo-lhes que iria apresentar alguém que iria mudar a escola.

Reunidos no campo, chamei o Mazowski para se apresentar. Inicialmente ficaram todos assustados, a perguntar se era a criatura mistério, se iria os matar...

– Esta é a criatura mistério! – comuniquei-lhes decidida. A partir de agora iremos chamá-la de Mazowski, mas não precisam de ter medo dele! Este nosso amigo irá trazer justiça e mais paz à nossa escola. - E expliquei o que ele fazia na escola, o porquê de assustar os alunos e o que se passava com as outras criaturas da mesma espécie que ele.

Ficaram todos emocionados e começaram a aplaudir, muito gratos. Ao saberem disto, todos os representantes da escola, pediram que o respeitássemos, para não terem medo dele e que iria passar a ser o vigilante das salas e que iria ser elevado a mascote da escola.

O diretor da escola ficou tão orgulhoso de nós, do Mazowski e de mim, que até nos deu uma medalha. A minha simbolizava a coragem que tivera e a bondade em ter feito amizade como o Pessonstro e em o ter ajudado a ser livre, corajoso e feliz. A do Mazowski, o melhor representante da escola e o que trazia justiça e paz. Ele ficou tão feliz por o ter ajudado que até me deu a sua medalha em forma de agradecimento.

Depois desta aventura, só me senti mais confiante em mim mesma, mais orgulhosa, mais bondosa e tudo o mais que possam imaginar! O Mazowski, deixou de ser o que era e agora vive sempre feliz, acompanhado, livre e orgulhoso de si mesmo e até passou a ser o orgulho e companhia de todas as pessoas da escola.

Inês de andrade Ferreira Moniz, 8.º 9

O ABSURDO

Era o ano 2050, precisamente 6 de fevereiro, e eu estava no metro em direção às Eiras, no Caniço. Graças à miséria que o presidente atual nos trouxera, as pessoas mal conseguiam suportar o custo de vida. Eu, pelo menos, morava num lugar subterrâneo com mais 27 pessoas e juntos tentávamos sobreviver.

Nesse ano, pessoas começaram a morrer misteriosamente de forma violentíssima, era absurdo. Não tínhamos policias suficientes para investigarem, porque, afinal de contas, estes só protegiam o presidente e os seus amigos e família. Tive eu que arregaçar as mangas e me pôr ao trabalho.

Saí na estação das Eiras e fui a um dos locais onde alguém morreria de uma forma brutíssima, porém, lembrei-me de que todas as mortes comunicadas na televisão eram só de gente com dinheiro, gente rica. Logo pensei que comunicavam só por serem ricos e descartavam os pobres ou, afinal, só morriam ricos?

Eu caminhava com o meu telefone no bolso só com dois contactos: o da linha de ajuda, o 144, e o contacto do homem da casa, Joey, um americano de 47 anos. Levava um caderno para anotar tudo que encontrasse e também levava alguns escudos comigo, caso me apertasse a fome, mas, por outro lado, os cafés eram escassos por aqueles lados e àquelas horas.

Avistei a enorme casa de Carlos Azevedo, homem que tinha sido dono do maior banco da Ilha da Madeira, que depois fechou por razões desconhecidas, branca como a neve entre o arvoredo. Corri até perder o fôlego. Quando cheguei à porta, vejo que esta está levemente aberta e deparo-me com um horrível cheiro.

– Talvez seja lixo... – pensei eu. Mas, quando abri, deparo-me com o cenário onde o corpo de Carlos Azevedo jazia no chão repleto de sangue velho. Fiquei perplexo. Claro, anotei tudo e depois voltei para casa.

Era hora de jantar e ligamos a televisão, sintonizámos o canal das notícias, que transmitia mais uma morte, de César Abreu, um homem rico, por heranças.

Apanhei depois o metro para o Caniçal, mudando em Machico, e o mesmo cenário, tudo se repetia, a vítima ensanguentada dentro de casa, como sempre. A vítima desta vez, porém, Aaron Müller, na Ponta Delgada, tinha a barriga descoberta e gravado um símbolo com quatro círculos que parecia ter sido feito com uma lâmina. Nunca cheguei a perceber o significado. Após isso, anotei e fui a correr para verificar todos os corpos.

Fui às Eiras, ao Caniçal, a Machico e a Ponta Delgada e os quatro tinham o tal símbolo e acabei por pensar que só matavam homens. Eu queria ver com os meus olhos o que acontecia, por isso liguei a Joey e avisei-o de que iria ficar uns dias sem regressar a casa e este agradeceu por o avisar.

Soavam novas badaladas da noite quando me infiltrava na casa de Carlos Azevedo por ser das melhores casas da região. Talvez o assassino fosse lá verificar algo. Eu queria crer que estaria certo. Tentei ficar o máximo de tempo acordado. Eram quatro da manhã e ouvi a casa a estremecer, pensei que fosse da minha imaginação, mas na verdade deveria ser o suposto assassino, aquele absurdo. Imediatamente agarrei na pistola e pensei que não fosse bom usar a lanterna, pois chamaria a atenção e lá fui. Devagarinho, com pezinhos de lã, cheguei ao lugar do assassinato, vejo uma sombra a mexer e a luz acende-se. O assassino estava à minha frente, de costas, a acender a luz e eu a olhar paralisado. Este vira-se, vê-me e investe contra mim. Instintivamente, aponto a arma à rótula esquerda, contudo, acerto-lhe no peito. Pensei que era desta que resolveria o mistério. Verifiquei que era Paulo, um grande amigo meu da minha antiga turma, na Escola Doutor Horácio Bento de Gouveia. Pensei em todos os momentos felizes que vivêramos, fui eu, todavia, a razão da sua morte. Ele só pôde balbuciar as suas últimas palavras.

– O dinheiro... é que manda ...no mundo... e ...quando nos abrem... a mão, nós agarramo-la...

Após isto, percebi que o assassino real, o absurdo, não era ele, o absurdo pagava para matar e, depois de algum tempo, quando nem a polícia nem os “populares” andavam por perto, nas casas das vítimas, acontecia algo.

Fui logo a correr para a estação do metro e fui a todas as casas onde tinha ido anteriormente e todas estavam completamente vazias. Voltei para o meu lar pela manhã e apercebi-me que já não anunciavam mais mortes na televisão. Era óbvio, alguém pagava para depois lucrar com as mortes.

Dias depois fui lá, àquele lugar trágico, e ainda estava o dinheiro, por talvez haver falta de comunicação, acabei por levar e vender grande parte da mobília para mim e para as pessoas do meu lar, desistindo de investigar e continuando a sobreviver.

Bernardo Fabrício Neves Quintal, 8.º 11



O CLUBE

No amanhecer de um frio dia em novembro, Henrique, à porta do laboratório de Ciências, estava confiante de não encontrar ninguém, pois a sua paz era algo que muito prezava. Estava ali apenas porque o seu irmão mais velho Iho pedira, o clube estava prestes a fechar por falta de pessoas e Henrique, realmente, acreditava que iria ser só ele e os livros.

Para sua infelicidade, estava já sentada à mesa uma menina de longos cabelos escuros e brilhantes e os seus olhos eram cor de café. Cumprimentou-o com “Olá” de forma ríspida e voltou a concentrar-se no livro que tinha nas suas mãos.

Em plena quietude, entra porta adentro Leonardo:

– Bom dia, amiguinhos! O que vamos ler hoje?

Leonardo era amigo de infância de Henrique e o seu absoluto oposto. Tinha o cabelo loiro escuro e olhos cor de esmeralda. Questionava-se por que motivo se tinha Henrique inscrito num clube de literatura, ele não era dessas coisas, nunca vira vantagens nos clubes e considerava-os uma perda de tempo.

A menina sentada à mesa não tardou a apresentar-se. Chamava-se Alice, era imigrante da Venezuela e praticava desporto, algo muito presente nas suas roupas.

– Algum de vocês sabe onde posso arranjar este livro? – perguntou Alice, enquanto apontava para um papelinho onde dizia “Torna-Viagem de Horácio Bento Gouveia”.

– Na biblioteca, cá na escola! – respondeu Leo.

Foram então os três à biblioteca procurar o livro, quando se depararam com Maya. Ela tinha estudado na primária com Henrique e Leonardo. Tinha cabelos

curtos, ondulados castanhos e uns olhos cor âmbar muito reluzentes. Àquela hora, substituí a bibliotecária que se encontrava numa reunião importante:

– O que procuram? – interrogou Maya sem qualquer dilema.

Alice, sem pronunciar uma palavra que fosse, entregou-lhe o papelinho com o nome do livro escrito. A intrigada nova funcionária apontou para a segunda estante à sua esquerda.

Estavam os três já reunidos no laboratório, prestes a ler o livro que Alice escolhera para estudarem, quando a porta da sala se abre violentamente:

– Não comecem sem mim! Não comecem sem mim! - Maya acabara de invadir a sala. A sua respiração estava ofegante por ter subido as escadas a correr. Ela também fazia parte do clube e recusava-se a perder uma parte do livro que fosse.

Após um mês a ler em conjunto, os quatro tinham já chegado ao último capítulo da obra. Henrique virava a página, a última página, quando sobre a mesa caiu um papelinho que foi lido com afincos sofregamente. Emitia uma mensagem confusa: “Para a continuidade do livro obter, esta adivinha terão de decifrar”. A letra feita à mão encontrava-se pouco legível, mais parecia um código qualquer. E o papel estava já amarelado de tão antigo que era. Os amigos não deram muita importância, à exceção de Alice, que por sinal ficou muito curiosa.

Na manhã seguinte, Leonardo entrou sala adentro afirmando que iria falar com o autor do livro, Horácio Bento Gouveia.

– Mas como é que vais contactar um homem morto? – Henrique questionava Leo como se ele fosse um louco.

– Eu? Não. Nós! Nós somos o clube de literatura da HBG! Descobri que a escola tem sete mistérios e o fantasma de Horácio Bento Gouveia é o último deles.

– E os outros seis? – inquiriu Alice.

– Esses ficam para o próximo conto.

Leonardo explicou que, no terceiro gabinete da casa de banho masculina, no terceiro andar, encontrava-se o fantasma do então patrono da escola. Jamais alguém o invocara, podiam não passar de rumores que circulavam na escola. A curiosidade de Alice só se expandia cada vez mais, o mistério e a ânsia para saber a resposta sobre o manuscrito, que nunca esquecera, era tão tamanha que a própria foi quem decidiu que os quatro iriam invocar o espírito do escritor.

Foi então que em meados de dezembro de 2010, os quatro alunos da escola HBG invocaram o fantasma do patrono da escola, Horácio Bento Gouveia. Era um

fantasma mal-humorado, rabugento. Não lhes queria dar a continuidade do seu livro. Mas o clube nunca desistiu de o convencer, conseguindo então, com muito esforço, decifrar a adivinha que este lhes propusera. “O que é, o que é ... que magoa sem fazer um único movimento, ... pode envenenar sem tocar, ... carrega a verdade e a mentira... e não deve ser julgado pelo tamanho?” Os alunos empenharam-se verdadeiramente para responder à questão e chegaram à conclusão de que a resposta era simples: as palavras.

Era então “as palavras”, a resposta para a tal adivinha feita por Horácio.

Consequentemente, conseguiram a continuidade do livro que estudaram, o escritor sentiu-se orgulhoso ao ver que as suas obras eram ainda reconhecidas e cedeu ao pedido dos alunos. O seu fantasma acabou por deixar de pertencer à escola e ganhou a paz que sempre ansiou por muitos e muitos anos.

Maria Inês Garanito Gomes, 8.º 11



CONTO PARA A COMEMORAÇÃO DOS 45 ANOS HBG

Na ilha da Madeira, existe uma rapariga em específico, chamada Ana. A Ana é uma aluna da escola Dr. Horácio Bento Gouveia, do 5.º ano. Gosta imenso de gabar-se ao seu avô sobre a sua nova escola e o seu avô adora ouvir as histórias, aventuras e lições que a sua neta tem vivido.

Certo dia, enquanto a Ana, o seu avô e o seu pai estavam a passear pelo Funchal de carro, eles passam pela “escola da Ana”.

– Olha avô! Olha a minha escola nova! – exclamou a Ana.

– É mesmo – afirmou o avô. – Esta escola está tão diferente...

A Ana olhou para o avô confusa. Agora ela claramente estava ansiosa para saber mais sobre o que o avô acabara de dizer.

– Como assim está tão diferente? O pai disse que ela continuava a mesma de sempre!

– Ó Ana, já estou a ver que o teu pai não te contou tudo – disse o avô. – Pois bem, digo-te que está muito diferente, pois também fui aluno da HBG!

A Ana olhou para o avô sem acreditar no que ele tinha dito. Ela não conseguia acreditar que aquela escola era assim tão velha.

– Mas, avô, tu disseste que tinhas estudado noutra escola!

O avô deu uma leve gargalhada e disse.

– Vou contar-te mesmo tudo! Assim entenderás o que estou a dizer.

A Ana ajeitou-se para uma posição confortável e esperou que o avô começasse.

– Lá em 1978, quando a famosa HBG foi criada, tinha o nome de Escola Preparatória da Cruz de Carvalho. E, antigamente, não era este edifício enorme que

vocês têm hoje. A escola estava organizada em cinco diferentes blocos, pequenos “edifícios” de três andares. O primeiro e o segundo blocos destinavam-se às aulas do 2.º Ciclo, o quarto e o quinto blocos estavam direcionados para as aulas dos alunos do 3.º Ciclo e o terceiro bloco era unicamente para o estudo das Ciências – afirmou o avô.

– Escola Preparatória da Cruz de Carvalho?!? Cinco blocos?!? Um bloco dedicado só às Ciências?!? – Exclamou a Ana.

– Sim, Ana. Os alunos frequentavam as aulas nos respetivos blocos, quando tinham aulas de ciências naturais ou Físico-Química, deslocavam-se até o “bloco 3”. Na rés-do-chão dos blocos, encontravam-se as aulas práticas: educação musical, educação tecnológica, educação visual – respondeu o avô.

– E a cantina e o bar dos alunos, onde se encontravam? – perguntou a Ana, muito curiosa.

– Havia um bloco separado, “polivalente”, onde se centravam todos os serviços: biblioteca, cantina, bar dos alunos, sala dos diretores de turma, secretaria – afirmou o avô. – Mas a partir do tempo do teu pai mudou, não é?

– É, é. Fui da altura em que a escola entrou em construção – afirmou o pai.

– E porquê essas obras? – perguntou a Ana, curiosa para saber sobre essas obras que mudaram a sua escola atual tão drasticamente.

–Eram necessárias. Chovia dentro das salas. Havia tachos a apanhar as gotas de água. Chovia quadro abaixo! – esclareceu o pai.

– Já na minha altura acontecia isso - acrescentou o avô.

– Então era mesmo necessário! As aulas pararam durante a construção? - perguntou a Ana.

– Não, as aulas continuaram. Derrubaram 3 blocos e iniciaram a construção do edifício atual. Depois derrubaram os restantes blocos, e concluíram a construção do edifício – afirmou o pai.

– Já lá vão alguns anos - disse o avô.

– Sim. Na minha escola só se fala do 45º aniversário da escola! Muitas atividades estão planeadas. Até fizeram um novo logotipo alusivo a esta data!

Eva Macedo, 9.º 1



JE ME SOUVIENS

- Há dias em que mais vale não sair de casa! – murmurou Elisa, sentada, sozinha, na bancada de betão do campo de jogos da Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia.

O dia não podia estar a correr pior. Já não bastava ser segunda-feira, ter tido teste de Matemática, ter sido repreendida pela professora de Geografia por algo que não fez, ter sido gozada pelo grupinho da Anita por ter sido picada na bochecha esquerda por um mosquito sanguinário, ter tido a infelicidade de trazer as calças de ganga verdes à boca de sino no mesmo dia em que a imitadora da Verónica trouxe as suas, tinha agora também que enfrentar o pesadelo de comer uma sandes de marmelada que a mãe lhe preparara para o lanche e que era simplesmente o pior lanche que alguém algum dia poderia ter.

Enquanto se entretinha a perturbar com os indicadores o caminhar certo e apressado de um carreiro de formigas, a sua atenção foi desviada para o burburinho que se fazia ouvir na porta de entrada dos alunos. O Senhor Ramiro, já um pouco impaciente, gesticulava com um homenzinho de fato escuro, à entrada da escola. Curiosa, Elisa esgueirou-se até à rampa da entrada, fingindo estar ocupada a decorar a declinação de um verbo em francês.

- Já lhe disse várias vezes. O senhor não pode entrar na Escola sem uma razão especial – dizia o senhor Ramiro para o seu interlocutor. O homenzinho do fato escuro devia contar para mais de 80 anos. O fato devia ter três números acima daquilo que ele deveria usar e tinha dois buracos de traça na manga direita. O seu crânio praticamente calvo tinha meia dúzia de fios de cabelo cuidadosamente penteados para a esquerda e colados à pele por um gel de qualidade duvidosa.

- Como não posso entrar?!! É a minha casa. – Insistia o senhor do fato escuro – Ainda por cima, hoje é segunda e às segundas a mãe faz sempre para o almoço açorda de cuscuz. A Tia Matilde já deve estar à espera que eu lhe sirva, como é habitual, um cálice de vinho do Porto antes que comece o noticiário na telefonia... Ela diz que ouvir tanta desgraça que vai pelo país e pelo mundo a seco, dá-lhe uma agonia.

Elisa estava atónita com o rumo daquela conversa. Quem seria aquela estranha personagem que tresandava a aftershave e naftalina? E que conversa tão surreal era aquela? Como era possível um senhor de tanta idade crer que a mãe estava viva? E como era possível ver semelhanças entre a casa de infância e uma escola?

A professora de Cidadania que estava a passar por ali resolveu intervir. Cumprimentou o senhor do fato escuro, com ar de quem o conhecia e chamando o senhor Ramiro ao lado, explicou-lhe que aquele senhor era seu vizinho, que morava sozinho, no rés do chão do seu prédio e que sofria de *Alzheimer*. Elisa mandou logo ao ar a declinação do verbo *se souvenir* e pesquisou no *google* aquela estranha palavra. Agora percebia tudo.

O Senhor sofria de demência e estaria convencido de que a Escola era a casa que habitara quando era criança. Se calhar, a casa de infância dele poderia ter sido naquele mesmo lugar e ter sido demolida aquando da construção da Escola Preparatória Cruz de Carvalho, hoje denominada Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia.

O toque estridente da campainha (como era possível odiar-se tanto o toque de entrada e amar tão intensamente o toque de saída!) obrigou-a a regressar, pesarosa, para a sala de aula. Curiosamente, a aula era de Cidadania e a Professora acabou por, face ao episódio na porta de entrada com o Senhor do fato escuro, reestruturar a lição e dedicar aquela hora e meia à temática da doença mental. Deu ainda a novidade de que havia falado com o Conselho Diretivo e o senhor do fato escuro foi autorizado a frequentar a Escola, advertindo os alunos para a sua possível presença nos espaços escolares e estimulando-os a interagirem com ele, pois tratava-se de uma pessoa dócil, sábia e amistosa.

No dia seguinte, Elisa fazia já juras de amizade eterna com o grupinho da Anita e elogiava as escolhas de vestuário da Verónica, quando o Senhor de fato escuro subia vagarosamente a rampa da entrada. De imediato, segurou-o pela mão e

conduziu-o pelos vários espaços da Escola. Desde aí uma forte amizade começou a desenhar-se.

Nos intervalos, Elisa continuava a fazer *TikToks* coordenados com as amigas, comentava a série juvenil da *Netflix* que estavam todas a seguir ou reagia, divertida, às provocações dos rapazes, mas arranjava sempre algum tempo para estar com o senhor do fato escuro. Por vezes, ele chamava-a de Elisa. Outras, chamava-a de Tia Matilde. De quando em vez, chamava-a de Mãe. Elisa não se importava. Gostava dele como era. Ponto. E era só com ele, na bancada de betão do campo de jogos, que ela partilhava, orgulhosa, a sua sandes de marmelada, enquanto tentavam declinar, rindo, o verbo se *souvenir*.

Mariana Brito Figueiroa Clode de Freitas, 9.º2



A VIAGEM NO TEMPO

Lá estava eu a entrar na escola, Dr. Horácio Bento de Gouveia, num dia normal como todos os outros. Andava num passo acelerado, pois já estava atrasado e ainda por cima a aula era de inglês, com uma professora exigente que não gosta nada de atrasos. Já tinha acabado de subir as escadas e ia em direção à porta da sala, quando, de repente, ouvi um barulho estranho. Nessa fração de segundo, tive que tomar uma decisão rápida. Ou ignorava o barulho e ia para a sala, onde provavelmente iria levar um raspanete da professora Helena Baeta, ou, ia investigar o barulho estranho que estava a vir de um cacifo.

A minha decisão foi claramente a mais inteligente:

— Vou investigar o cacifo.

Aproximei-me e vi que este tinha um cadeado, com um código de quatro números. Eu, como não era adivinho, tentei ver se havia alguma coisa característica no cadeado. Foi aí que reparei que estava escrito na parte de trás do cadeado: “Horácio B.G”. A minha reação foi pesquisar no Google quando é que este havia nascido, pois normalmente as datas de nascimento são o código dos telemóveis. Nesse momento vi que Horácio Bento de Gouveia tinha nascido em 1901. Coloquei esse código no cadeado e este abriu rapidamente. Lá dentro tinha um portal roxo e branco, como nos filmes. Primeiramente coloquei a minha mão, para saber se era seguro, porém esta trespassou o que eu pensava ser o fim do cacifo. Estava tão pasmado que só mais tarde reparei que a funcionária estava a gritar que eu não podia tocar no cacifo. Contudo, nem tive tempo de responder, o portal fez um barulho estridente, parecido com um trovão e nesse instante fui sugado para dentro do portal. Passaram-se menos de cinco segundos e acordei numa cama que não

era a minha. Estava a tentar aperceber-me do que tinha acontecido, quando repentinamente ouvi uma voz aguda a aproximar-se:

— Ó Horácio, acorda, rapaz!

Se já estava confuso, fiquei ainda mais! Pensei para mim mesmo:

— Horácio? Eu não me chamo Horácio, o meu nome é Santiago!

“Entretido” nos meus pensamentos, a voz voltou, mas aparentava estar mais zangada:

— Horácio Ornelas Bento de Gouveia! Não te chamo mais vez nenhuma!

Olhei rápido para a minha volta e vi um calendário onde estava escrito seis de setembro de 1915. Com o chamamento e o calendário apercebi-me de que tinha acabado de viajar no tempo e tornara-me no próprio Horácio Bento de Gouveia. Levantei-me rapidamente, vesti uma roupa que tinha nas gavetas e fui até à sala onde estava um senhor e uma senhora que deduzi que eram seus pais. Tentei agir o mais normalmente possível e disse-lhes que não tinha fome e ia a pé para a escola. Saí pela porta e deparei-me com o mar do norte da ilha e a escola ao fundo da rua. Fui a correr para a escola, pois pensei que o portal de volta para casa podia estar lá. Cheguei à escola, procurei, procurei, mas não encontrei nada e fui obrigado pela funcionária a entrar dentro da sala. Duas horas dentro de uma sala com giz e ardósia, em vez de cadernos, lápis e *tablets!*...

Ausentei-me da sala e voltei para casa com um espírito falhado. Ao longo da minha rua, estavam a passar pessoas do campo, que estavam a pedir ajuda para levar sacos de batatas para o terreno. Já não tinha esperanças de voltar tão cedo a casa; por isso, limitei-me apenas a aceitar o facto de que a minha vida ia passar a ser aquela. Andei uns cinquenta metros com as batatas às costas e pousei-as no terreno dos senhores, quando de repente ouvi o mesmo barulho do portal, vindo detrás de uma árvore. Fui a correr, com todas as minhas forças e deparei-me com o portal roxo e branco dentro da árvore. Coloquei a minha mão e fui sugado de volta para a minha época.

Acordei numa cama igual à minha, ouvindo um despertador. Acho que nunca me senti tão feliz por ouvi-lo! Tinha sido tudo um sonho, mas estava mesmo atrasado para a aula de Inglês.

Santiago Passos Cruz, 9.º 3

E ASSIM SE PASSARAM 50 ANOS

Como era habitual, mais um novo dia de escola na HBG havia terminado e todos os alunos já estavam a ir embora para as suas casas, indo fazer trabalhos de casa ou não, indo dormir cedo, (bem, talvez nem todos!) Foi assim que Rosa e seu grupo de amigos, Mónica, Fabiana e João, decidiram, nessa noite, ficar a jogar até tarde e acabaram só por ir dormir perto da meia-noite, hora que, de acordo com os seus pais, era proibida e na qual aconteciam eventos catastróficos, capazes de apanhar quem mexesse com as regras do universo.

Mas, obviamente, os jovens não acreditavam em nada disto. Então, no dia seguinte, ao acordarem nos seus quartos, perceberam que estavam atrasados.

Rosa preparou-se para a escola. Deslocou-se para a cozinha, como hábito, para tomar o pequeno-almoço, mas, quando não viu a sua mãe em lado nenhum, ficou preocupada e começou a chamar:

— Mãe, onde estás? Pai? Onde foram parar?

Procurou na sala, na lavandaria, e, quando não viu ninguém, no seu quarto de dormir, assustou-se com o pó e o telhado a cair daquele quarto, o que, sem reparar, também estava a acontecer em toda a casa.

Foi então que procurou o seu telemóvel para ligar aos seus amigos e apenas achou uma tela transparente com um botão negro. Embora a medo, decidiu pressioná-lo até que um holograma surgiu por cima da pequena caixa e uma espécie de Siri renovada começou a dizer:

— Bom dia, Rosa. Hoje é dia 4 de janeiro de 2074, e não estás nada atrasada para a escola. Já são oito horas! — respondeu a voz eletrónica, ironicamente. Rosa respondeu:

— Como é possível!? Deve ser alguma brincadeira! Liga à Mónica já! — e assim o fez.

— Mónica, estás aí? Por favor, diz-me que... — e Mónica interrompeu, dizendo:

— Sim, eu sei... Como é que se passaram 50 anos? Já liguei à Fabiana e ao João. Somos os únicos afetados por este desastre. E agora?

— Estamos atrasados para a escola! É melhor irmos. Talvez os professores saibam de algo. Encontro-te na entrada — disse a Rosa.

— Se é que haverá entrada... — diz a Mónica antes de desligar. — Mas ok. Supostamente agora existem carros voadores e podemos usá-los. Portanto, vou buscar os outros e já nos vemos.

Depois de chegarem à entrada da HBG, tão mudada, conseguiram entrar despercebidos. Já não existiam seguranças nem funcionários, só robôs que zelavam pela segurança e entrada dos alunos na escola. Os seus colegas de turma já tinham morrido, os seus professores também... Tudo na escola estava mudado.

— Tenho uma ideia! Que tal procurarmos alguma pista na única coisa que não é tecnológica neste momento? — perguntou, confiante.

— Mas o quê? Não te ponhas com charadas, João! — declarou a Fabiana, já nervosa.

— Os livros! Os livros na biblioteca, é claro! — sugeriu ele e todos acharam uma boa ideia.

Seguiram em passo acelerado para a biblioteca, onde havia poucos livros, no meio de tanta tecnologia. Foi assim que, por de trás de uma estante, num lugar pouco iluminado, estava a seção dos livros mais antigos, ordenados por ano. Deste modo, encontraram um livro de 2024.

— O que é que acham que vamos encontrar de útil aqui? — pergunta Fabiana, já um pouco frustrada!

— Calma! Vamos abri-lo e ver... — diz Rosa, sacudindo o livro cheio de pó. Foi então que, no exato momento em que os amigos abriram o livro, foram teletransportados novamente para dois mil e vinte e quatro sem sequer se aperceberem.

Cada um dos seus amigos acordou no seu quarto, com o alarme, para se prepararem para a escola e todos acharam muito estranho o que havia ocorrido. Talvez fosse um pesadelo coletivo, quem sabe, mas do que tinham a certeza é que estavam muito agradecidos por terem voltado para casa, na sua própria época, e não terem perdido os seus amigos e familiares... Até dos professores sentiram saudades!...

No fim, aprenderam que devemos valorizar os nossos pais, amigos e origens, e até a escola onde estudamos. Tinham de aproveitar bem o tempo que tinham, porque a vida passa a correr (e, é claro, aprenderam a nunca mais ficar a jogar e ir dormir tarde em dias de escola!)

Emma Madalena Correia Camacho, 9.º 5

E SE NÃO TIVESSE ACONTECIDO?

Era 2019 e um homem muito sábio, depois de muitas tentativas, chegou finalmente à “receita” perfeita para construir o seu melhor protótipo. Ele sabia que era muito arriscado criá-lo, porque não era nenhum profissional, mas queria construí-lo mesmo assim, pois seria no âmbito escolar e serviria de apoio aos alunos. Faria muita diferença no processo escolar daquela geração. A chance de ser julgado era bastante grande, mas ele queria seguir em frente.

Acabado o projeto, o robô foi mandado para a escola Dr. Horácio Bento de Gouveia com o papel de “professor” para apoio nas áreas de estudo.

Ao início estava a trabalhar lindamente. Os professores até estavam um pouco ciumentos, mas ao mesmo tempo orgulhosos, pois as notas dos alunos estavam a subir cada vez mais.

Um dia, chegou ao ponto dos professores quase não terem trabalho para fazer, já nem fazia sentido a existência dessa profissão. Assim, toda a comunidade educativa achou por bem desligar de vez esse protótipo.

O robô foi então levado de volta a casa. O homem, triste, despediu-se para sempre, mas o seu amigo tinha algo mais para lhe dizer.

— Tem cuidado, meu homem sábio: uma doença que se espalhará pelo mundo está a chegar. Promete-me que, depois de dares fim ao meu trabalho aqui na Terra, vais ao encontro da escola e secretamente procuras uma sociedade escondida lá dentro. Não te posso contar muito mais, mas aconselho-te a que comeces a procurar pela biblioteca. Pode ser que a encontres lá... Eles sabem as respostas todas para as tuas perguntas, incluindo como travar essa doença antes que se espalhe.

O homem ficou incrédulo com o pedido, mas assim o fez. Foi uma despedida difícil, seguida de uma busca secreta na escola.

Enquanto ganhava coragem, seguia caminho para o local. Chegando lá teve que elaborar um grande e complexo plano, pois entrar na escola não seria fácil.

Esperou o anoitecer e quando, finalmente, conseguiu entrar na escola, seguiu um percurso específico para não ser encontrado. Logo que entrou dirigiu-se rapidamente para a biblioteca. Procurou, procurou, procurou... Até que encontrou um livro suspeito. Quando o puxou, uma porta abriu-se na estante. Entrou apressado e desceu umas longas escadas que pareciam que nunca mais acabavam.

Chegou ao fim dessas escadas e encontrou uma sala escura em forma de circunferência. Olhou para o fundo da sala e avistou um aglomerado de pessoas a observar algo. O homem caminhou a passo apressado e quando chegou mais próximo reparou que eram professores, mas estavam a elaborar um plano para travar uma doença viral.

O homem percebeu logo a que se referia o protótipo. Agora a missão dele seria ajudar os professores a travar essa doença.

Começou então por pedir esclarecimentos sobre esse assunto e então percebeu qual seria o procedimento para travá-la. Combinaram encontrar-se no dia seguinte, à mesma hora, no mesmo local.

Voltaram, como combinado, e começaram a longa investigação. Depois de muitas horas já estavam mais perto da resposta final.

Passaram-se dias nesta pesquisa e, finalmente, encontraram a resposta para todas as perguntas. Colocaram o plano em prática e deram início às experiências, de que somente dias depois saberiam o resultado e se tinha realmente travado a doença.

O tempo lá fora continuava a passar e foi então que chegaram ao ano de 2020. Era 2 de março e, finalmente, saberiam se as suas vidas continuavam, ou se as teriam de parar por um tempo, devido a essa enfermidade.

Eles alcançaram o objetivo pretendido! Não havia doença alguma, pois conseguiram travá-la a tempo. Todas as vidas continuaram o seu curso, as aulas continuaram normalmente e o homem voltou para casa contente, após ter salvado o mundo.

Carlota Silva, 9.º7

O NATAL EM FESTA

A noite já ia longa e fria na freguesia de Ponta Delgada. A lua iluminava a igreja e tudo em seu redor, enquanto o barulho do mar se fazia sentir na calmaria da noite. Aos poucos, ouviam-se alguns passos e, à medida que estes se aproximavam, juntavam-se os sons das pessoas a conversar. Mais uma missa do parto ia acontecer. A última desta época natalícia. Cada vez mais gente se ia juntando no adro da igreja e ouviam-se agora, também, os risos das crianças em animadas brincadeiras. Vindo do interior escutavam-se os últimos preparativos do coro, em jeito de aquecimento das suas vozes.

Os sinos começaram a dar as primeiras badaladas, anunciando o início da missa do parto. As pessoas começaram a entrar na igreja, enchendo-a rapidamente, no entanto, devido à enchente, houve pessoas que tiveram de ficar no seu exterior. Entre elas estava Horácio Bento de Gouveia, filho da terra, que mais tarde ficaria conhecido como poeta, escritor, professor e jornalista. Horácio mostrava-se interessado em tudo o que o rodeava naquele momento. Desde as conversas que ia acompanhando, passando pelos “comes e bebes”, as luzes e os enfeites.

Contudo, no meio daquela confusão, gostava também de aproveitar o outro lado da festa, o da reflexão e da paz. Assim sendo, optou por ir para as traseiras da igreja para pensar, enquanto ouvia o bramir do mar raivoso.

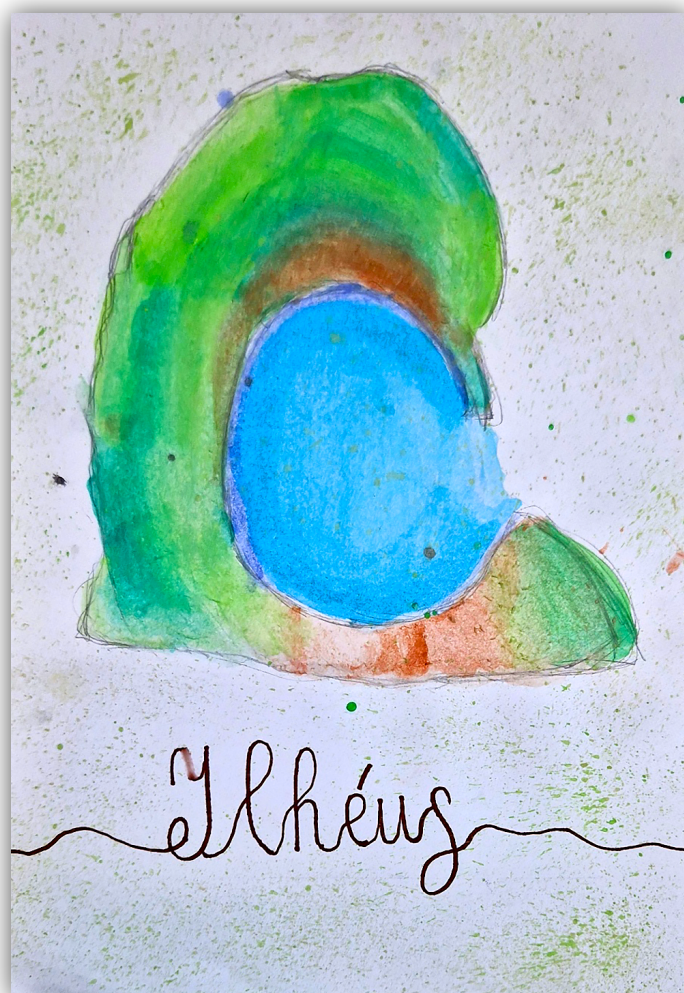
Posteriormente, voltou para o convívio e para a festa. Entretanto, a missa terminou e as pessoas aglomeraram-se no adro da igreja. Com o fim da missa surgiram os “morteiros e os foguetões, a estrela da manhã a boiar no céu (...); as bombas a estalarem pelas azinhas; o som das gaitas, pifes e harmónios a reboarem pelas montanhas fora (...); o repique do sino que enchia a noite”, tal como, anos mais tarde, Horácio descreveria na sua crónica “Natal de Ausência”.

Depois do convívio, com muita animação, comida, bebida e conversa, era tempo de regressar a casa. Calçada acima, Horácio ia parando nas casas de amigos e familiares para

dar mais “dois dedos de conversa”, provar os doces tradicionais, como o bolo de mel e as broas, beber um pouco dos licores caseiros e ver, uma vez mais, as lapinhas.

Rua acima, até chegar a casa, vivia a Festa!

Rodrigo Andrade, 7.º4, e Encarregado de Educação



A MEDALHA DA CORAGEM HBG

– Levanta-te, João! Vá lá, faz um esforço. – diz a mãe já triste e bem zangada.

– Hoje não quero ir à escola! Dói-me a barriga.

– Mas é hoje que precisas mesmo de ir, filho. Ainda por cima, é teste de português. O João, convencido que a cama é o seu porto seguro, levanta com mais força o cobertor e tapa-se novamente, para que pareça invisível. A mãe insiste, mas sem o sucesso diário e o avô Tomé sobe a escada muito lentamente com a mão fechada, visivelmente carregando algo que brilhava. Sentou-se à beira da cama de João e começa a contar.

– Era uma vez, numa aldeia muito pequenina chamada Vale do Funcho, um grupo de crianças muito felizes, brincalhonas e destemidas. Adoravam brincar a caminho da escola, pois sabiam que as portas eram de boas-vindas e os sons emitidos das janelas eram de segurança, paz e futuro. João começa a destapar o rosto sorridente, pois adorava as histórias do avô.

– E o que a escola tinha assim de tão especial?

- Tudo! – replica o avô – A escola estava cheia de aventuras todos os dias, tinha jardins encantados com árvores altas que sussurravam segredos e por ela passava um rio tão cristalino...E o rio gotejava nas pequenas pedras cantando canções suaves. Todos são convocados à hora certa, para as salas da Coragem.

– Salas da Coragem? As salas têm é mesas e cadeiras...

– Pois têm. Mas consigo também carregam uma insígnia que brilha como o sol. É uma distinção mágica que homenageia apenas os corajosos! Os olhos de João,

parecem aumentar a cada detalhe do avô que, com a sua mão trémula, segura uma medalha muito brilhante. O João, curioso, interrompe:

– Avô, o que tens aí escondido? O avô abre a mão e ao mesmo tempo olha o João com admiração ingénua e um sorriso gentilmente maroto.

– É a Medalha da Coragem HBG. Todos os que são corajosos ganham uma medalha destas. É uma distinção muito rara. Todas as crianças que completam uma tarefa muito especial no dia da Coragem recebem esta Medalha.

– A mãe também tem?

– Shiiu! Fala baixinho. Tem. Mas não te quer mostrar ainda. Precisas de ser corajoso. O menino, no mesmo instante, levanta-se, pula com muita energia na cama e grita a plenos pulmões:

– Mas eu sou valente! Eu sou corajoso! Eu tenho força, vê os meus músculos, avô! – exibindo o seu braço, em inocente valentia masculina.

– Coragem não é força. A coragem vem de dentro. E o avô Tomé encosta a sua mão no peito do João, sentindo o seu coração bater com uma velocidade comum aos garotos, mas perceptível pela emoção do momento.

– E quando é o Dia da Coragem?

– Mais importante do que saber qual o dia é saber qual a tarefa que precisas de completar para chegar ao Dia da Coragem. Se conseguires realizar essa tarefa com sucesso, também vais ganhar uma medalha como esta. E se conseguires mesmo, eu até te ofereço a minha e ficas corajoso duas vezes.

– Boa, avô! Vês, eu sou mesmo valente. Vou ser mais corajoso que os outros! Diz lá o que preciso fazer. Qual é a minha missão?

– Olha, João, primeiro és tu que precisa querer ser corajoso: tens de levantar-te todos os dias à hora certa, te vestires e desceres até à cozinha, para tomar o pequeno-almoço. Quando a mãe te disser que tens de escovar os dentes e te apressares, não podes nunca refilar. “Um homem que ganha a Medalha da Coragem HBG é humilde e obediente todos os dias.” - reforçou.

– Mas eu não gosto de ir à escola! Todos os meus amigos são mais valentes do que eu. Vão ganhar a medalha de certeza – lamenta, de braços cruzados e com lágrimas nos olhos.

– Os Corajosos recebem esta missão que te estou a dar o que não quer dizer que os teus colegas tenham recebido também. Naquela escola de que te contei há pouco nem todos foram convocados para a tarefa. Mas, os que foram, todos os dias

ficavam mais fortes, a sua coragem crescia e nunca faltavam à escola, para não perderem nenhuma etapa. A cada desafio vencido, a coragem deles aumentava. A última tarefa foi dada num trabalho de grupo: uma tarefa em equipa, em que só os corajosos a sério resolveram com sucesso um enigma. Juntaram todas as habilidades que ganharam durante o ano todo e conseguiram todos receber o prémio no dia da Coragem.

– Eu vou conseguir, avô! Estou já atrasado, preciso de me vestir e comer os cereais. A mãe vai ralhar comigo se me atrasar de novo. O avô Tomé continua, enquanto o neto se afasta:

– Não te esqueças que a bravura, a valentia e a coragem muitas vezes estão disfarçadas de bondade, amizade e solidariedade.

A mãe do João, encostada à ombreira da porta do quarto, escutava e deliciava-se com as reações do filho que ouvia o avô Tomé, enquanto calçava os ténis, para a aula de Educação Física.

O avô termina a história contando ainda com o entusiasmo de conquista:

– No Dia da Coragem, a aldeia do Vale do Funcho recebeu os corajosos com uma grande festa e a Medalha da Coragem HBG tornou-se o símbolo da honra e valentia na aldeia.

E beijando a testa do João em jeito de despedida, sussurra-lhe ao ouvido:

– Boas aulas, valente! Lembra-te de que a coragem reside no coração de cada um.

Débora Gonçalves, Assistente Operacional HBG



TABULEIRO DE XADREZ

Horácio vivia uma vida acomodada de parasita feliz. Morava num apartamento, mais pocilga que habitação. Sozinho. Um buraco escuro, com paredes descascadas de um branco amarelecido pelo tempo, com higiene degradável e um ambiente asfixiante que servia de habitat a insetos. Um galinheiro de cimento e alumínio. Só era audível o som de ratos a andarem sob o chão e, por vezes, de carros a passar que quebravam o silêncio do bairro. Só se alimentava de comida encontrada por aí ou encomendada, utilizando o dinheiro que os seus pais lhe mandavam. Parasita. Era o único residente daquele edifício prestes a ruir, espelho de um único habitante inexistente.

Ele via a sua vida como um tabuleiro de xadrez, sendo ele o jogador que sempre perde, com o Rei a ser salvo por torres de sobrevivência e cavalos de desdém. Bastaria um simples Peão para mudar-lhe a vida. Um Peão.

Horácio era deveras isolado, sem amigos, ninguém para falar, ninguém para conviver. Um milagre aconteceu num dia inesperado: fez um amigo! Bento era um indivíduo do bairro do Horácio e traficante de droga, vivendo numa situação ainda pior do que a daquele. Por vezes, dormia na rua, porque ele tinha posto a sua casa para alugar. O seu preço dependia dos dias em que o cliente lá ia morar. Muitos dos seus chamados inquilinos usavam a sua casa para se suicidar sob imensas formas, mas qualquer uma delas deixava sangue pelo chão da casa de Horácio, o que o tornava ainda mais deprimido. Pois, mesmo que não se acredite, Horácio curou a depressão de Bento.

Às vezes, Bento consumia a droga, o que o tornava agressivo, capaz de qualquer atrocidade. Horácio era, por vezes, agredido por Bento, quando sob o efeito da droga, as mesmas agressões que faziam Horácio ficar na sua casa por dias. Era o medo de sair. O que acontecia era semelhante a uma jogada de xadrez em que as peças da vida derrubavam peças de Horácio, como quando tombam para fora do tabuleiro.

Pois, um dia, Bento fez uma visita a Horácio daquelas que lhe mudou a vida por completo. O seu amigo, obviamente muito embriagado, contou-lhe que acabara de atropelar um peão, em voz de gozo e bocarra satisfeita.

Horácio ficou chocado, mas riu de boca fechada como se não conseguisse achar o assunto nada espirituoso. Não valia a pena conversar com Bento, pois podia estar sob o efeito do álcool ou até de alguma outra dependência. Mas ele atropelou – sabia-o! Sentia-o.

Após algum tempo, Horácio parou de pensar no assunto. Mal sabia ele que, quando acabou de refletir, ele tornou-se sério.

Chegaram à porta de Horácio dois polícias. A família do peão reparou que ele estava desaparecido há algum tempo, por isso contactaram as autoridades, para investigarem o que se passara. Os polícias perguntaram-lhe se por acaso naquele bairro se teria ouvido falar sobre alguém que tivesse sido atropelado ou sobre alguém que atropelasse outro alguém. Horácio afirmou que não. Instinto, para salvar a vida do seu amigo, mesmo quando ele fez uma das piores coisas que podia ter feito. Desculpando-se pelo incómodo, os polícias saíram. Mas, por muito que se desculpassem, Horácio ficou incomodado e a sua vida começava a girar à volta daquele peão. Horácio derrubou um peão da vida, mas a vida derrubou um dos cavalos de Horácio...

Tornou-se suspeito saber o que se passava naquele caso, porque, quando os polícias o interrogaram, ele estava desconfortável e respondia às questões tão rápido quanto possível, como se estivesse com pressa, nervoso. Ao receber as notícias das autoridades de que se tinha tornado suspeito, Horácio refugiou-se na casa dos seus pais, longe da sua. Lá não dormia, não comia, nada, e a meio da noite os seus pais eram acordados pelos seus gritos, como se estivesse a ser torturado. Horácio pensava eternamente sobre com que peça jogava contra a vida no tabuleiro.

Os seus pais levaram-no a um psicólogo, a ver se melhorava quer emocional quer fisicamente, porque não comia e não dormia, logo, estava debilitado. O apoio dos seus pais já não constituía um antídoto. Não fazia efeito. Horácio continuava com a insónia e começou a ter tendências anoréxicas. Tornou-se agressivo. Horácio, com toda a força que era pouca, passou a sua jogada e a vida só lhe derrubava mais uma peça.

Algum tempo depois, anunciou aos pais que o psicólogo tinha tirado férias e, por isso, ele teria de voltar para a sua casa. Por muito que tentassem o contrário, ele voltou para a sua casa, mais isolado do que nunca. Os seus pais rezaram pela vida do filho todos os dias, preocupados com a sua sobrevivência num ambiente atemorizante e desumano.

E só naquele dia é que, de facto, repararam na vida que Horácio carregava. A sua casa, o seu amigo, o seu fado.

Entretanto, já em casa, Horácio voltava a sentir-se isolado. Os seus pais enviaram-lhe sustento, mas para quê? Como podia ele comer com o seu amigo em risco de prisão, sendo ele o único suspeito, eventualmente, uns acreditavam, de saber o que aconteceu? Sempre que a polícia lhe batia à porta, ele não respondia. Silenciava, para pensarem que não estava ninguém em casa. Repetiu-o uma dezena de vezes. A mentira. Começou a viver como um rato. Com o mínimo som das baratas corria para saber o que era. Falava consigo próprio, como se fosse outra pessoa. Enlouqueceu. Começou a jogar toda e qualquer peça em todas as jogadas contra a vida, por desdém.

Pela cabeça passaram-lhe pensamentos sanguinários. Ficou com sede de sangue, para qualquer um. Saía de casa, raramente, para comprar machados, facas, armas ou serras, algo com que pudesse matar. Essa loucura fê-lo matar ratos, desde os que andavam pela sua casa a esmagar qualquer inseto que lhe cruzasse o olhar. Alucinava. Estava alguém em casa e ele pegava no seu machado, tentando matar o imaginário. Registou isso tudo num diário, com uma linguagem estranha e com uma caligrafia bizarra. No seu diário também havia desenhos de cadáveres e de formas de destruir humanos. Todos os seus registos tinham a palavra “vida” escrita de forma acentuada, às vezes com pingas vermelhas desenhadas escorraçadamente por entre as letras.

Horácio jogava as peças erradas em todas as jogadas, mas fazia troça da vida, pensando que era ela quem jogava de maneira errada. As peças de Horácio eram derrubadas uma a uma, em direção ao rei sem que ele dissesse se apercebesse.

Começava a falar consigo próprio, a gritar com toda a força dos seus pulmões de forma errática: “- Vida, porque achas que ganhas? Pois sou eu quem te vai ganhar!”.

Horácio criou um ódio eterno pela vida, por isso, ele quis comemorá-lo. Procurou qualquer contacto que tivesse com Bento, para poderem conversar sobre o

atropelamento. Horácio queria vingar-se de Bento, tão simplesmente por se ter tornado suspeito no caso do atropelamento, por isso, convidou Bento para jantar na sua casa.

Bento encontrou uma mesa arranjada, raríssimo na casa de Horácio. Reparou que Horácio estava com uma atitude estranha. Diferente da do amigo que ele achava que fora. Olhava para si com olhos facínoras.

Horácio serviu uma sopa de beterraba como entrada, bife com arroz de tomate e guardou uma surpresa para a sobremesa.

Conversaram, entretanto, sobre o caso do atropelamento, mas da forma mais calma que o Horácio conseguia, enquanto por dentro todos os seus dentes rangiam a segurar a raiva. À sobremesa, o pronunciou de um discurso:

– Então, Bento, apreciaste a refeição? Guardei o melhor para o fim. Lembras-te de eu te dizer que eu continuo suspeito por saber informações do teu atropelamento? Bem, indicando que não o sabes, fiquei deveras desequilibrado com o assunto, mais como doente. Agora já comemos. A sobremesa saber-te-á. Pelo menos a mim, sim. Adivinha... A vingança, a melhor das sobremesas dos desatinados, serve-se em prato frio.

Após pronunciar as últimas palavras do discurso, Horácio alvejou Bento com um tiro que lhe trespassou a cara. Mas, não tinha acabado. Havia ainda peças no tabuleiro. A Dama não ia ganhar. E a vida ainda estava a ganhar.

Dias putrefactos depois, como se providencial tivesse sido a ação de Horácio, a polícia forçou-lhe a entrada na casa, no pouco que lá havia a derrubar. Bento e Horácio no chão. Esvaídos.

A ida dos polícias deveu-se à descoberta da pista, descobriram que o psicólogo de Horácio teria sido assassinado e este era o seu único paciente. Horácio calou, para sempre, o seu psicólogo.

Horácio suicidou-se. Bastou-lhe um corajoso tiro em si mesmo na cabeça. O seu corpo levado para a morgue.

Por entre a seda branca do ataúde que o cobria encontrou-se um bilhete colado ao seu peito.

Escrito: “Xeque-mate”.

João Borges, antigo aluno HBG

CONTO INCOMPLETO

Certa manhã, Horácio Bento de Gouveia decidiu ir à procura de uma nova vida, repleta de aventuras e, pensava ele, com um final feliz.

Ultimamente, a sua carreira como escritor não estava a ser bem-sucedida. Então, com muita coragem e determinação, embarcou num cruzeiro com o objetivo de se desligar da sua realidade e procurar novas inspirações.

No entanto, a sorte não estava a seu favor, visto que o cruzeiro enfrentou uma terrível tempestade, o que fez com que o pior acontecesse.

De repente Horácio apercebe-se de que, devido ao trágico acontecimento, havia perdido a única razão pela qual tinha embarcado naquele cruzeiro - os rascunhos do seu conto.

No meio da confusão, ao ir para o barco salva-vidas, Horácio depara-se com uma mulher encantadora, de cabelos dourados como os fios de sol, olhos radiantes como as estrelas e uma pele suave e luminosa que encantava quaisquer olhos.

Ambos entraram no pequeno bote que, levado pela devastadora e forte tempestade, acabava por desembarcar numa serena e deslumbrante ilha deserta, iluminada pela luz da lua que se refletia sobre o pleno e sereno mar.

Depois de investigarem a ilha, aperceberam-se de que não iriam sair de lá tão cedo. Logo, construíram juntos uma vida temporária e, com o decorrer do tempo, ambos ficaram a conhecer-se um pouco melhor.

À medida que os dias iam passando, Horácio acabou por reconhecer que começar um novo conto seria uma bonita maneira de expressar os seus sentimentos

e angústias. Começou por inspirar-se na deslumbrante dama que há pouco tempo tinha conhecido, Amélia.

No decorrer do conto, decidiu também compartilhar alguns dos momentos mais especiais presenciados ao longo destes ousados dias e, além disso, faria com que o tempo acelerasse.

Horácio descrevia e comparava a beleza inigualável de Amélia ao mar cristalino, falava sobre a diversidade de plantas que balançavam de um lado para o outro a um ritmo calmo e relaxante, bem como das pequenas ondas do mar que rebentavam na areia como suspiros suaves da natureza.

Revelava também a sua gratidão por Amélia, com quem agora compartilhava desafios, derrotas e aventuras e, principalmente, as dificuldades de viver numa ilha deserta, onde era quase impossível sobreviver, devido às altas temperaturas que se faziam sentir e à escassez de comida.

Foram muitas as vezes que a encantadora mulher perguntara desoladamente se alguma vez conseguiriam sair dali e Horácio animava-a e enchia-a sempre de esperança.

Contudo, a cruel realidade interveio, quando a Amélia adoeceu, transformando o paraíso num inferno triste e melancólico. Passavam-se os dias e as tentativas de socorro eram constantemente fracassadas, o que diminuía a possibilidade de saírem realmente dali com vida.

Esse período foi o suficiente para que Amélia piorasse e, a cada dia, eram perguntas repetidas:

– Quanto tempo falta para sairmos daqui? Abandonaremos este lugar desimpedidos...? Teremos um final feliz?

Num dia de chuva, a ilha, que testemunhara momentos de afeto terno, tornou-se o palco de uma despedida.

Durante os últimos suspiros de Amélia, ela disse as suas últimas palavras a Horácio:

– Horácio, ...já não tenho forças para viver... - dizia, chorando.

Sabendo que ela não ia voltar à vida, fez-lhe uma última pergunta:

– Quando nos voltamos a ver?

– Talvez noutra vida - disse Amélia esboçando uma leve gargalhada.

Segundos depois, Amélia já não estava naquele mundo.

E numa noite serena, dias depois, Horácio partiu silenciosamente como uma estrela cadente que se despede e depois se (re)encontra no firmamento.

Há contos que por mais completos que sejam, serão sempre incompletos no sentir...

**Madalena Sousa, Constança Silva, Maria Leonor Quintal,
Leonor Rodrigues e Afonso Oliveira, 8.º 1.**

~

~



LIVROS TROCADOS

Certa noite de inverno, o vigilante noturno da escola Horácio Bento Gouveia estava a fazer a sua ronda, como todas as noites. Porém ele sentia que algo estava diferente nesse dia, um pressentimento, e pôs-se logo mais alerta.

Fez a mesma coisa que todas as noites: verificou a garagem, os campos da escola, o imenso exterior, deu uma olhadela ao polivalente e ao auditório e, depois, subiu até ao quinto andar e foi verificando as salas de cada piso, até chegar ao segundo. Passou pelas casas de banho e pela sala dos professores, mas, a cada passo que dava, o ruído aumentava mais, e mais, e mais, até estar em frente à biblioteca e ouvir diversas vozes, umas mais grossas que as outras e outras mais estridentes.

As vozes eram várias e o ruído podia ser comparado ao som das conversas de um jantar de família. O vigilante reuniu toda a coragem que tinha dentro de si e entrou na biblioteca abruptamente. Este ficou de boca aberta com o que se lhe deparou: as personagens dos livros estavam vivas e de pé em frente dele, personagens estas de todos os tipos de livros. Isto era um acontecimento nunca antes visto por ambas as partes, a das personagens e a do vigilante. Era um encontro sobrenatural. Receoso, o vigilante foi-se aproximando destas figuras nunca antes vistas.

— O que é que estão a fazer? A escola está fechada, não podem estar aqui! – diz o vigilante confuso.

— Mas nós vivemos aqui desde sempre! – diz uma das personagens trajada com uma coroa e um vestido longo.

— Eu trabalho aqui há anos e nunca vos vi ou ouvi. – afirma o vigilante, ainda incrédulo.

— Nunca nos viste porque vivemos dentro dos livros e nunca nos ouviste, porque não costumamos sair para conversar. Só nos reunimos para tratar de assuntos importantes! – explicou outra personagem vestida como um explorador dos tempos dos Descobrimentos.

— Então o que há de tão importante para estarem a fazer esta barulheira? – pergunta o vigilante.

— Normalmente, dentro dos nossos livros, vivemos as nossas histórias dia após dia; porém, elas estão com falhas: a ordem dos capítulos não é a mesma, as nossas roupas estão diferentes, até as palavras estão a trocar de sítio! – diz um homem de bigode farto e bata de laboratório – Isto está a ser causado por uma confusão na organização da biblioteca. Os livros de Ciência estão na prateleira dos de História, os contos de fadas na prateleira dos dicionários, livros de gramática na prateleira das aventuras... Uma confusão completa! Estes miúdos trocam tudo!

— E por sermos apenas personagens, não conseguimos organizar os livros sozinhos! – exclamou outra personagem ao longe.

— Eu vou vos ajudar, porque esta barulheira não pode continuar!

E assim foi. As personagens guiaram o vigilante e, juntos, conseguiram estabelecer a ordem dos livros outra vez.

Para recompensarem o vigilante pela sua ajuda, as personagens de cada história levaram-no a conhecer os seus livros. Quando o vigilante deu por si, estava no meio de uma história medieval, mais tarde, numa de cientistas malucos, noutra sobre uma guerra e assim foi a noite toda, a explorar a magia dos livros.

Quando teve que regressar a casa, despediu-se de todos os livros e das suas personagens e, ainda incrédulo, saiu da escola... Mal podia esperar para chegar a casa e contar tudo sobre a sua noite inesquecível à sua mulher.

Maria Santos Siva, 9.º3



COISAS E COISAS QUE TAL, EM 30 E TAL ANOS DE HGB

A Diferença

Há mais de trinta anos, num teste de avaliação, uma das perguntas era estabelecer a diferença entre nómadas e sedentários. A brilhante resposta de um aluno foi: Nómadas – *não assossego*; Sedentários – *assossego*.

O Outro

Chegou estafada à Sala de Diretores de Turma e pediu humildemente se se podia sentar e tirar os sapatos, porque os joanetes não a deixavam em paz. Arfou um bocado para ganhar fôlego e disse: *venhe saber ei notas dui mês netinhes, o Nelso e o outre que eu nem siquer sei dizer o nome*.

Falta só...

O toque de saída há muito soara, o toque de entrada já tinha tocado. Estava eu numa aflição, para chegar a outra sala e dar teste a outra turma e ele continuava sozinho agarrado com unhas e dentes ao seu teste.

Num quase grito:

– Entregue-me o teste, eu tenho que ir para a turma X!

E responde-me o empenhado e carismático estudante:

– Espere um segundo, Professor! Falta só pôr os tracinhos nos tês...

O Ouro

Um aluno pergunta-me:

– Professor, viu aquela notícia em que os americanos dizem que há ouro na Madeira, mas que está a tal profundidade que é impossível extraí-lo?

Antes que eu tivesse tempo de responder, interrompe-me outro aluno:

– E quem pôs o ouro lá?

Os Fords e as bananas

Dois velhos Ford Escort, ambos avermelhados, costumavam parar nas traseiras da velha HBG, muitas vezes, lado a lado. Uma nossa colega quis surpreender outra com um cacho de bananas da sua fazenda e conseguiu surripiar a chave do velho Escort. Abriu o porta-bagagem e meteu lá dentro as bananinhas. No dia seguinte, ansiosamente perguntou:

– Então, gostaste da surpresa?

– Qual surpresa? – perguntara-lhe a outra, espantada.

– As bananas no porta-bagagem do teu carro!

– Não tinha banana nenhuma no meu porta-bagagem!

Inquérito para cá, inquérito para lá e a descoberta óbvia: as bananas tinham sido colocadas no Escort igualzinho ao lado (as chaves daqueles velhos carros não eram muito...personalizadas). Quando encontraram o colega do Ford gémeo, ele confirmou o achado do bananal e continuou:

– Mas eu já comi a maior parte e o resto distribuí pela família (pois, abrir o porta-bagagem e encontrar um cacho de bananas é a coisa mais banal deste mundo, acrescento eu...).

A invenção da vela

– Miguel, tu que és professor de História diz-me o nome do inventor da vela – desafia-me a colega, cujo filho era velejador.

– Não se sabe o nome do inventor, respondi-lhe. E ainda acrescentei:

– Foi no Neolítico, no tempo em que ainda não havia escrita. Sabe-se que foi na zona da Mesopotâmia e é tudo...

– Sim, mas qual é o nome do inventor? Tu é que não queres dizer!

E a coisa continuou com uma insistência sem fim, o mais até que eu, farto, agitei:

– Já me lembrei do nome! É Buga-Uga!

– Buga quê? Espera, que eu vou buscar uma caneta para anotar...

O Baile das 5

Todos os dias, pelas 5 horas, era o mesmo bailarico. O marido, impaciente, esperava na porta da frente do velho Polivalente, tamborilando freneticamente o volante, durante minutos e minutos até se fartar, a dar a volta e tamborilar no volante na porta das traseiras, durante minutos e minutos, até furioso voltar à porta da frente e assim sucessivamente... (enquanto a nossa colega com toda a calma e bonomia do mundo retocava o batom, dava dois ou múltiplos de dois dedos de conversa, endireitava o cabelo, corria para a porta da frente onde, claro, já não estava o marido e voltava o rodopio *ad aeternum*).

Le sport plus populaire en France

Na velha HBG, havia umas salitas no 1º andar dos Blocos, onde íamos de vez em quando bilhardar, corrigir testes, etc e tal. Numa dessas salas, uma professora de Francês, interpela-me:

– Miguel, vê se percebes o que este pequeno respondeu à pergunta em epígrafe. Deparei-me com a mais enigmática das respostas: Le sport plus populaire en France est le *infodex currieu*.

Nobres e pentes

Ou foi mau encornanço, mau copianço ou estupidez natural, mas há muito anos uma aluna respondeu-me que os portugueses levavam nobres para trocar na costa ocidental africana e quem apoiava D. Afonso V nas suas conquistas eram os pentes...

Luís Miguel Jesus, Docente de História



A ESCOLA SEM MUROS

Desde que o mundo é mundo, o Homem, “o bicho da terra tão pequeno” (Camões) tem ânsias de eternidade. Ainda que a sua vida seja efémera, o seu legado não o é, desde que seja entregue nas mãos das novas gerações. Compreensão, aprendizagem, conhecimento e questionamento andam de mãos dadas, tal e qual na sinalética que avisa a proximidade da escola. O pedagogo, o escravo que levava a criança à escola, na Grécia Antiga é hoje o professor, a professora de tantas disciplinas, todas elas com nomes diferentes, que se complementam e articulam na formação de cidadãos cosmopolitas.

Esta introdução serve para realçar a sabedoria rebelde da minha mãe, que fugia de casa para ir para a escola feminina. Terminou os estudos na terceira classe, porque a quarta era paga e o meu avô não via a necessidade de gastar dinheiro na educação da filha, logo mulher, logo mãe, logo dona de casa. Saber ler, escrever e contar para quê, para quem? Para mim e para os meus irmãos que só com estudos teríamos uma vida melhor! Mãe guerreira, mulher sábia que exigia o mesmo respeito por ela e pelos professores (e pelo padre), ainda mais, porque tinham sempre a razão do seu lado. A conversa repetia-se:

– Porque tenho de ir à escola?!

– Porque eu estou te estou a mandar! Ai de ti, se recebo alguma queixa!!
Respeita os professores e estuda para seres alguém na vida!

Sou alguém na vida (Obrigada, Mãe!). Trabalhei muito e sou professora. Acredito que posso mudar o mundo, um aluno de cada vez. Em novembro, numa turma de quinto ano, um aluno perguntou-me, com altivez, a propósito da atividade de escrita, se eu sabia escrever bem qualquer texto. Eu sorri, mas não disse nada.

Vim para casa e enfrentei a folha em branco. Decidi dar voz à escola e responder à pergunta que tantas vezes fizera à minha mãe. O resultado foi este:

Sou feita de cimento e ferro, mas tenho alma e nome de gente. Sou a guardiã de sonhos, por isso não tenho género nem latitude nem longitude: estou aberta a todos e abraço o mundo. Amo a diversidade e a diferença, faço delas a minha bandeira e do respeito o meu brasão.

Sou o fruto da liberdade e o resultado de uma conta de somar. Tenho 45 anos e só conheço a primavera em flor, que corre pelas minhas veias, ignorando o grito de aviso: é proibido correr! São ensaios de voo que me fazem sorrir. Tenho um sorriso limpo e devo-o a milhares de mãos que todos os dias me fazem bonita. Todas são diferentes e todas abrem os meus olhos de manhã e fecham-nos à tardinha. Todos os dias deixam cair os seus problemas ao entrarem pelo portão e recolhem-nos no fim do turno, levam-nos de volta a casa. Trabalham ao som de um coro de vozes distintas que falam sobre tudo: são aqueles que dão lições de voo e, no seu íntimo, laboram para criar um mundo melhor. São os sonhadores que alimentam as minhas células e o gosto pelo saber. Há-os na H.B.G.

Ouçó-os há anos: mudam as vozes, mas permanece o travo amargo de quem foi rei e hoje é peão: rei, porque outrora ensinava os reis e era respeitado por ele e por todos; nos últimos anos, os peões tiveram de se unir e fazer ouvir a sua voz e com ela o merecido reconhecimento pelo seu papel valioso, até mesmo porque um peão pode ganhar o jogo...

É sempre primavera, mas há que cuidar dos ovos nos ninhos e das flores nas árvores e no caminho traçado para o amanhã, pleno de saber e sabor do verão: o voo é autónomo e firme, capaz de vencer tempestades e de dar a mão ao outro, seja quem for e de onde vier.

Tenho cabeça e coração e ambos determinam quem sou e que linhas sigo, depois do debate de ideias, leis e matérias novas que sugiro ou chegam até mim, enquanto decisões que me transformam ou renovam, que me acrescentam ou retiram traços do meu rosto. Eu enfeito-me com flores e roupas coloridas, pormenores que me destacam na paisagem e me tornam única e diferente. A diferença é a génese da inclusão, a semente do espírito crítico e o átomo da sociedade da qual eu faço parte e do mundo melhor que almejo ajudar a edificar.

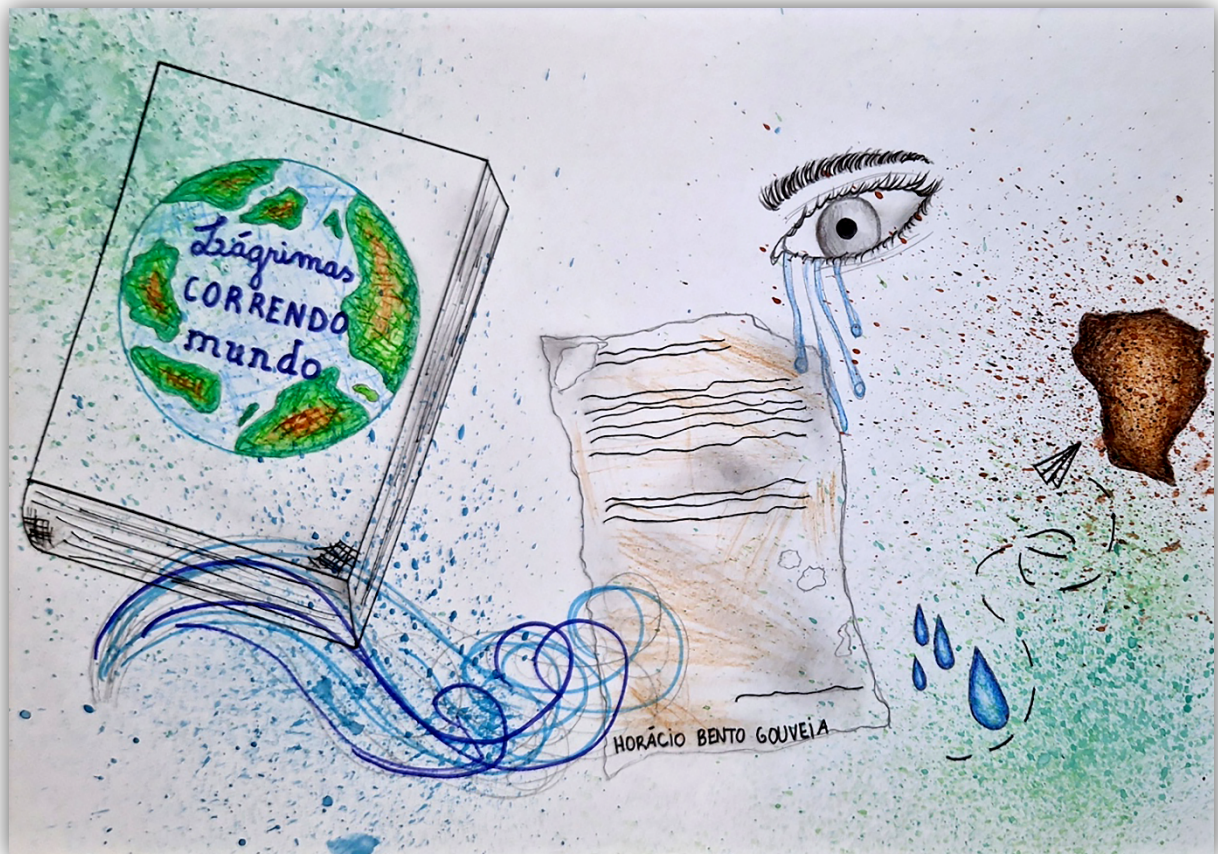
Sou testemunha paciente e irrequieta com um toque de rebeldia. À noite, quando quase todos dormem, visito os jardins e a horta, o recreio e a biblioteca, jogo

à macaca e ao avião, inspiro o ar doce e verde de esperança, só paro no portão. Para além dele, pairam no ar sonhos por cumprir, a energia do vento e o som do mar. Estão reunidas as condições favoráveis ao voo. É por ele e para ele que todos colaboram, mantêm o meu sangue a circular e a primavera no seu esplendor. Obrigada a todos aqueles que me tornam na chave que abre as portas do futuro.

Estarei aqui, se precisares ou quiseres visitar o “tempo em que tudo era possível”.

Até amanhã.

Magda Saraiva, Docente de Português



AMIZADE INESPERADA

Certo dia, numa noite bem escura e na rua chamada hoje de Avenida da Liberdade, outrora caminho do Pilar, vagueava perdido um cão arraçado, de porte pequeno, de pelo de cor caramelo escuro, com olhos esbugalhados, assustado, com fome, com aquele ar de quem não via comida e água fazia já algum tempo.

Coincidentemente, na mesma rua passava um professor que lecionava na Escola Horácio Bento. Conduzia o seu automóvel, como habitualmente, acompanhado pelos seus filhos. O trajeto era o obrigatório em dias de rotina.

O refletir dos faróis fortes na berma da estrada fê-los perceber que lá estava o então cão perdido ou abandonado à sorte. Ali não podia ficar. Sabiam-no.

Com a euforia das crianças e após vários pedidos ao pai, para que parasse o carro, o professor parou e foram muito a medo ao encontro do cão assustado, mas que, imprevisivelmente, até deles não fugiu. Por não ter coleira, pensaram que seria um cão abandonado. Em redor não havia ninguém a quem perguntar se era um cão conhecido da zona ou se até ele estava a gostar da sua liberdade.

Do rafeiro, encolhido e ao ver crianças felizes, o seu olhar rapidamente se transformou num abanar de cauda. Notou-se a efusão, aquela que somente quem ama caninos conhece. Então, com o consentimento do pai, embora estivesse aquele apreensivo, mas muita vontade de agradar aos filhos, meteram-no no carro e seguiram viagem. A discussão que agora se gerava era sobre que nome lhe dariam. Sem mais palavras, percebeu-se pelos olhos húmidos que a adoção estava iminente.

Pelo caminho e bem antes da chegada a casa, não sem a habitual algazarra infantil, Horácio já era o nome escolhido, pois só fazia sentido, uma vez que aquele fora encontrado precisamente junto à escola com o mesmo nome onde o pai lecionava.

Foram muitos os dias que passaram até à completa adaptação do Horácio. Na primeira noite o professor não pregou olho. Claro está, esteve sempre em sobressalto com o cão que chorava muito no seu grande quintal. O dia seguinte foi um dia muito difícil para trabalhar. Seus colegas de profissão só se riam. Sorte a deles, pois o professor levou tudo na brincadeira, como de costume, tal era o seu perfil gentil.

Na noite seguinte, o professor decidiu colocar Horácio dentro de casa, não fosse haver mais uma noite mal dormida. Arranjou um cantinho no interior, fez-lhe uma cama para ele dormir e tudo parecia correr de acordo com este ato de amor. Mal podia imaginar que tudo ia mesmo correr bem. Na verdade, acordou apenas uma vez, mas foi com Horácio a saltar-lhe para a cama. E ele que não precisava de pés quentes... Ainda pensou em afastá-lo, mas não aguentou aqueles olhos de ternura, como se estivesse a suplicar por carinho e aconchego.

Era muito brincalhão o Horácio, mas não sabia distinguir ainda o certo do errado. Nada parecia escapar aos dentes festeiros e comunicativos. Sapatos mordidos, almofadas destruídas, plantas partidas, vasos virados, cortinas rasgadas... A grande confusão contrastava com o corrente ambiente calmo e sereno da casa.

Muita aparente tranquilidade teve para com o seu novo amiguinho. Os seus filhos, esses só lhe pediam calma, capacidade para perdoar, ensinar e deixá-lo ficar lá em casa. No final de contas, ele era um professor, logo, teria oportunidade de ensinar o que nunca aprendeu.

No entanto, a certa altura, houve inclusive um episódio num desses dias de rebeldia do Horácio. Já quase impotente o pai alertou, não revelando verdadeiramente o que lhe dizia o coração, que o daria logo que possível a outra pessoa. Não imaginava ele que um dos seus filhos, sem hesitar o colocou dentro da mochila no dia seguinte, para levá-lo para a escola e mantê-lo debaixo de olho. Não foram muitos os passos que deu entre a casa e a estrada, para que Horácio desse sinal e se denunciasse.

Fez-se pausa na decisão. Explicou então ao filho que nunca imaginou tamanho apego e que a sua impulsividade fora conversa de momento, de desesperada cabeça quente. Não, nem ele agora conseguiria livrar-se do seu fiel amigo. Acariciou o filho e mimou Horácio que lhe lambeu a palma da mão. Agradecidos era como ambos se sentiam.

Foi uma viagem a três. Deixou o filho na escola e levou o Horácio de volta para casa. Era preciso ir trabalhar.

Nas horas livres o professor visitava a escola aproveitando para passear o Horácio, fazendo questão que este conhecesse e brincasse com uma gata também adotada que já ali havia, considerada a mascote dos Serviços Administrativos. Chamava-se Princesa.

A Princesa, como o próprio nome indica, tinha todas as atenções viradas para ela, pelo que inicialmente estranhou a presença do Horácio. O latir e aqueles dentes deveriam incomodar qualquer princesa...

E professor que é professor arranja forma de até mudar vidas. As suas visitas assíduas com novo inquilino Horácio à sua segunda casa começaram por resultar. Relutantes cheiravam-se, miava a Princesa e enrolava-se o galante Horácio no chão. Não demorou muito para que aos poucos se aproximassem e tolerassem a companhia um do outro.

Por incrível que pareça, tornaram-se realmente bons amigos. Por fim, já brincavam um com o outro em desafios que só eles conheciam, partilhando até a comida destinada à Princesa. Ela, de olhar e pelo altivos, desviava o olhar conivente. Ele, charmoso, agradecia-lhe, rolando sobre si mesmo em carícias que aprendeu.

A amizade que os unia era superior a qualquer taça de comida. Na escola aprenderam o melhor que a escola tem.

Esta amizade perdurou até ao final das suas vidas.

Do professor esta foi a amizade que sempre conhecemos para com todos os da escola onde trabalhava.

Equipa dos Serviços Administrativos HBG



É ISTO QUE PROCURAS, ANA!

Reza a lenda que a escola Dr. Horácio Bento de Gouveia esconde vários segredos, e que uma simples menina de 9º ano conseguiu desvendá-los. Mas isto é só uma lenda, certo? Bem, era uma lenda até descobrir que essa menina era a minha filha, a Ana. Ela queria saber mais sobre a sua avó, que infelizmente não tivera possibilidade de conhecer. Por isso, pôs mãos à obra e começou a “escavar”.

Estávamos no ano de 2009, quando, certo dia, ela decidiu ir à biblioteca da escola. Encontrou um livro qualquer sobre um homem que se dizia importante para a história, que se chamava Horácio Bento de Gouveia. Na hora, ela até gozou dele: “Horácio? Aquele que se acha um máximo? Bento? Andou a roubar a água da Igreja?”.

A Ana continuou a ler até perceber que este nome havia sido dado à escola onde andava. Ficou até com um peso na consciência com aquela reação tão parva. Então, fechou logo o livro e guardou-o no seu respetivo lugar na prateleira. Foi nisto que se apercebeu de um outro livro com uma lombada banhada em ouro, muito brilhante, que até lhe ofuscava os olhos. Foi aí que se apercebeu de que algo não estava certo. Retirou-o da prateleira, sentou-se na mesa mais escondida e começou a ler.

Este livro tinha 559 páginas e um título que a deixava confusa: *“É isto que procuras; Ana!”*. No princípio só falava de como a escola tinha sido feita e do tal de Horácio, mas quando chegou à página que tanto queria... PIMBA! Chegou a senhora funcionária a dizer que a escola ia fechar. A Ana escondeu o livro dentro da sua mochila e foi para a rua.

Enquanto esperava pelo autocarro, voltou a abrir o livro, na hora em que a voz de uma senhora meiga e gentil lhe soa na cabeça a dizer: “Isso também acontecia na minha altura, querida netinha!”. No momento, a Ana ficou baralhada, até se aperceber de que aquela senhora que a chamou de “netinha” estava a referir-se

àqueles “homenzinhos” que ficam com aquele olhar provocador que intimida até as mulheres mais compostas. Ela teve sorte, pois o seu autocarro havia chegado. Passou a viagem toda a pensar no livro que encontrara e naquela vozinha que lhe chamara de «neta».

Logo que chegou a casa, cumprimentou-me a mim e ao pai dela. Nem sei como não me apercebi de que algo estava errado. Ela fugiu para o quarto e continuou a sua “busca pela verdade”. Procurou, procurou, tornou a procurar, quando viu uma foto da sua avó, ficou paralisada, pois havia um homem ao seu lado, mas não era o avô José Maria e sim o tal de Horácio Bento. Eles pareciam bem próximos. Já era muito tarde. Então a Ana deitou-se e tentou dormir, mas aquele assunto estava a dar-lhe cabo do juízo:

— Que raio!... O que é que o Dr. Horácio Bento fazia ao lado da minha avó?

Era um novo dia e a exploradora estava com sede de conhecimento, como o seu professor costumava dizer. Ela vestiu-se rápido e foi de boleia do pai para a escola, para ter tempo de dar mais uma vista de olhos. Do que ela não estava à espera era de descobrir que o “Mister” Gouveia tinha sido o primeiro amor da sua avó e que, no fundo, ela gostara dele até o seu último dia na terra.

— Espero que ela tenha embarcado na Barca do Paraíso... Aquele diabo era mesmo um diabinho, até me arrepio.

A Ana estava tão concentrada que não ouviu o toque, tendo faltado à primeira hora, mas para ela aquilo valia a pena. A minha filha sempre sentiu uma forte ligação à avó, sem mesmo nunca ter podido ouvir o seu riso. Ela ficou feliz por saber que sua avó fora feliz, mas também triste, por não saber o porquê de os dois terem terminado, até que a mesma voz do outro dia voltou a dizer “Oh, minha querida, ele tinha tantas capacidades de estudo. Eu não o podia prender cá!...” Foi aí que a Ana entendeu que amar também é deixar ir. Percebeu finalmente que aquela voz era da sua avó e que ela amara aquele homem e soube deixá-lo seguir em frente, com os seus sonhos. Ela adorou o facto de estar ligada para sempre à sua avó e de ter tido o privilégio de saber como era feliz antes de falecer.

Ana Maria Bettencourt, 9.º7





OUTROS TEXTOS

HORÁCIO BENTO E A IDENTIDADE MADEIRENSE

Sei, por conversas familiares, que não se passaram muitos anos desde que Mário Albuquerque, meu avô paterno, devido à sua exuberante personalidade e amizade com Horácio Bento de Gouveia, inspirou uma das personagens de um dos seus livros mais conhecidos, penso que o livro seja o *Torna Viagem*.

Recordo-me também que o meu pai, por vezes, levava a minha avó Estefânia e a mulher de Horácio Bento, Dona Amélia, à sede da Cruz Vermelha no Funchal, onde eram voluntárias, juntamente com a Dona Olga de Brito, que legou os seus terrenos, onde hoje estão implantados o infantário e o Lar da Cruz Vermelha, na zona da Fortaleza do Pico. Outras vezes, era o meu pai quem levava as três inseparáveis amigas a um chá.

Segundo me informaram, Horácio Bento era um homem natural da Ponta Delgada, São Vicente, onde hoje tem a casa museu.

De vasta cultura, amante das coisas boas da vida, urbano e cosmopolita, para além de escritor perolífero, desenvolveu a atividade docente, no Liceu do Funchal, e jornalística.

Para além dos seus romances de ficção, *Ilhéus*, 1949, *Lágrimas Correndo Mundo*, 1959, *Águas Mansas*, 1953, *Torna Viagem* 1979, *Margareta*, 1980 e o último, *Luísa Marta*, escreveu inúmeras crónicas e alguns contos.

Ao longo de mais de seis décadas, a sua presença assídua na imprensa madeirense permitiu reunir um conjunto de textos, cujo tema central era uma análise detalhada das características identitárias da ilha, vivências, costumes e linguagem. Nesse sentido ainda hoje os seus escritos, continuam a ser um contributo fundamental para a afirmação da nossa identidade como povo.

Num mundo cada vez mais globalizado, onde a uniformização de comportamentos e gostos se tornou vulgar, a escrita de Horácio Bento constitui-se como um depósito de memória e uma imagem do *modus vivendi* madeirense, designadamente do seu dialeto, da sua gastronomia, da sua etnografia, das suas festividades e das suas características socioculturais, muitas vezes distintas de concelho para concelho.

Todavia, Horácio Bento reconhece, de forma lúcida, que a Madeira, devido aos contactos proporcionados desde há muito pelo turismo e imigração, nunca assumiu um regionalismo fechado nem uma postura de isolamento, procurando no contacto com o exterior, um potencial de afirmação e valorização da sua identidade.

**Miguel Albuquerque,
Encarregado de Educação**



A MINHA HISTÓRIA

Sou a Oma, avó da Victória.

Nasci no dia 1 de janeiro de 1953, nos Países Baixos.

No país onde eu nasci, fala-se a língua neerlandesa. Vivi numa casa grande, com um jardim grande e bastante bonito. No verão jogava ténis e no inverno hóquei em campo. Ia para a escola de bicicleta e só no inverno, quando nevava muito, ia de carro com o meu pai.

Quando acabei o liceu, fui estudar para Antuérpia, na Bélgica, no Instituto Superior para Tradutores e Intérpretes, Inglês e Português. A última língua foi uma escolha estranha, porque no ano de 1970 poucas pessoas dos Países Baixos sabiam algo sobre Portugal.

Eu sabia que o nome da Capital era Lisboa, que o rio se chamava Tejo, que havia um clube de futebol chamado Benfica, além de que havia um excelente jogador chamado Eusébio.

Só mais tarde, já na faculdade, soube do Fado, das guerras coloniais, da ditadura no Brasil e dos descobrimentos portugueses.

Participei numa manifestação, em Bruxelas, contra a importação de café do Brasil.

Em 1973, obtive uma bolsa de estudo (Instituto da Alta Cultura) para ficar três meses em Lisboa. Assim, fiz um curso de verão, na Faculdade de Letras, na capital de Portugal e adorei. Voltei à minha faculdade, em Antuérpia e, no ano seguinte, ganhei uma bolsa de estudo da Fundação Gulbenkian, desta vez para a Universidade de Coimbra e agora para um ano inteiro, Língua e Cultura Portuguesa para Estrangeiros. Comecei com o curso Elementar, no segundo ano Complementar e, no terceiro ano, o Superior.

Conheci o Opa (avô da Victória), em Coimbra.

Casámos, tivemos quatro filhos e agora netos. Gostamos muito de viajar, conhecer novas culturas, de nos mantermos interessados nos nossos trabalhos e de manter amizades.

Contudo, estudar, ficar informada, acompanhar a atualidade e o crescimento dos netos, faz também parte da minha vida.

Nunca deixar de aprender é o que se faz na Escola Horácio Bento Gouveia, por onde passo muitas vezes, e onde vejo jovens alegres e ávidos a quem auspicio suceder-lhes um futuro feliz!

Oma, Avó da Victória Rodrigues, 8.º 1



O DR. HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA

Já lá vão muitos anos. O que podia ser uma breve história?

Desde criança, sonhava ser professora primária e, felizmente, realizei o meu sonho.

Aos dezasseis anos de idade completei o 5.º ano (atualmente o 9.º ano) no Colégio da Apresentação de Maria, no Funchal.

Após o 5.º ano, havia duas opções: completar o sétimo ano e seguir para a universidade (Lisboa, Porto, Coimbra, entre outras poucas opções) ou ficar na Madeira e tirar o curso do Magistério Primário no Liceu Nacional do Funchal (atualmente, Liceu Jaime Moniz). Fiquei na Madeira. Fiz a devida preparação para o exame de admissão do curso e finalizei com boa classificação.

Em setembro de 1961, iniciei o curso. Tínhamos várias disciplinas: Pedagogia, Psicologia, Didática A, Matemática, Didática B, Música, Educação Física, entre outras.

Foi na disciplina de Psicologia que conheci, pela primeira vez, o Exmo. Sr. Dr. Horácio Bento de Gouveia, professor desta disciplina.

Era baixo, magro e com aspeto calmo e sereno. De vez em quando, esboçava um sorriso! Não me lembro de vê-lo zangado.

Nas aulas, enquanto explicava qualquer assunto, tínhamos de estar atentos, porque falava baixo e movimentava-se no estrado (junto ao quadro preto de ardósia), ora para a direita ora para a esquerda.

Quanto às notas (classificação especificamente dos textos) ele tinha os seus próprios critérios. As notas oscilavam entre os 11 e os 13 valores. Exigente. O aluno tinha de mostrar interesse nas aulas, redigir bem (sem erros ortográficos, com imaginação e criatividade).

A imagem que tenho do Dr. Horácio Bento de Gouveia é a de que era uma pessoa muito culta.

Vestia fato escuro, em tons acinzentados, e andava sempre com um livro ou dossier na mão direita e a mão esquerda no bolso das calças.

Era natural da Ponta Delgada, concelho de São Vicente.

Em sua homenagem foi construída a Escola com o seu nome (HBG), situada próximo do Hospital Dr. Nélio Mendonça. Tenho orgulho em que o meu neto cá estude.

**Maria Lurdes Rodrigues,
avó do Simão Rodrigues, 8º1**



HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA

Não sou pessoa para fazer o retrato de alguém sem o desfigurar. Todo o criador prescinde dum molde e serve-se da terra com que foi feito Adão. E por isso que escrever sobre Horácio Bento de Gouveia, que não conheci na sua bela casa da Corte do Norte, na Madeira, me parece desleal se não foi, de certa maneira, imaginado. Foi um escritor muito amante dos lugares onde nasceu e viveu.

Da poesia desses lugares, da transfiguração que eles mereceram à sua pena. Eu fui à Madeira há muito tempo, ainda a colina verde onde se plantavam as vinhas estava na sua original geografia. Era um lugar encantado e que se diz lendário pela carga de recordações que nele pesam. Não sei porque Horácio de Gouveia viu nele um desses pontos de referência para o sonho dum homem que acaba por converter-se em poesia. Não sei porque Excalibur não está presa numa pedra da Corte do Norte e se espera que um jovem rei a venha arrebatá-la. "De Horácio Bento de Gouveia fica muita coisa por dizer" - foi o que concluiu um amigo dele. Mas o mesmo se pode dizer de todos os homens, cifrados nos seus mistérios e cuja vida real nos parece concluída e nunca o foi.

(...) Quando o meu romance da Corte do Norte foi lançado no Funchal, uma senhora meio indignada disse-me que a Corte do Norte não era nada daquilo. Também um marinheiro de Nelson disse a Turner que ele não soubera pintar a batalha de Trafalgar. Esboçara clarões, simulara as chamas, mas a batalha, vista pelos olhos do combatente, não era aquilo. Os artistas não Sabem de coisas aparentes. Como eu não sei do coração de Horácio Gouveia. E, provavelmente, ninguém sabe. Para mim, o nome dele enche-me de superstição.

Horácio, como Nelson, que era Horácio de primeiro nome, teve também as suas batalhas, os seus amores, as suas regueiras. Também de Nelson não se sabe nada. Está em Trafalgar Square e podia estar diante do mar da Corte do Norte, todo constelado de medalhas, que era a mesma coisa: desconhecido, lenda, passado.

Há qualquer de contraditório no estilo de Horácio Gouveia. Enquanto a letra das narrativas é obediente à época, lamartiniana, d'annunziana, ou o que seja, a vontade moral é muito diferente. Dir-se-ia que devia preferir temas arrebatados e devastadores, como os que encontra nas cenas dos naufrágios, nas figuras dos velhos marítimos, como o Japão cuja linguagem respeita e até admira. "O que há é que o mar está comendo a terra." Palavras ceras, sem aquela lamparina de azeite da cultura que às vezes mais escurece do que alumia. Ele sabia falar do Inverno como se fala dum parente: as nuvens negras a correr para os lados de Porto Santo dão-nos a presença da tempestade antiga. Horácio lia a Maria Moisés, de Camilo, tinha gostos elevados, de crente na Literatura. Os telhados cobertos de folhas secas abafavam o ruído da chuva: o mar acastelava-se de espumas e desciam das Lombadas riachos novos e o ilhéu Preto aparecia branqueado pelas ondas, brilhando como se tivesse cravada nele a Excalibur! E logo a Corte do Norte, com os seus solares despedaçados, ganha um fulgor romântico. Bem dizia a senhora do Funchal que eu não sabia nada da Corte do Norte!

As crónicas da juventude de Horácio Gouveia são seguras, eloquentes; escondem a louçania da idade com uns panos roxos de paixão, como era do gosto da época. Era e é. Não há escritor novo que não se adiante à sua idade e se ponha a sofrer por imitação do sofrimento e a divagar sobre o código das estrelas que não viu de perto. Eu considero Horácio Bento de Gouveia um bom escritor de crónicas, um Sterne das Ilhas, perplexo diante duns olhos pretos como Sterne foi diante do sorriso duma luveira. Boémio nas suas próprias memórias, é conduzido por essa impertinência romântica, tão britânica quanto própria do estudante exilado da sua paisagem marítima. Com a vida já assoreada pelas obrigações da carreira e da família, a pena torna-se um controlo dos sonhos que não tiveram experiência de bandoleiro que é o escritor. Remete-se às luzes da razão sem deixar de cultivar o sentimento. Mas será que o sentimento suporta ser cultivado?

É um bom selvagem, esse respirar do coração tremendamente inconstante e inacabado. A obra de Horácio de Gouveia é obra dum coração inacabado. Dorme no tombadilho do Lima, embrulhado na capa preta, preso ao farol da Ponta do Pargo, mas submerso no título de poeta que o acompanhará sempre (...).

LUÍS, Agustina Bessa, in Prefácio de *Escritos da Juventude - 1919-1930 - 1.º Centenário do Nascimento de Horácio Bento de Gouveia*, Investigação e compilação de Maria de Fátima Gouveia Soares, Funchal: Editorial Eco, 2001. (Texto lido por Helena Borges e Miguel Drumond, do 7.º 5, em 23 de maio de 2023, no Teatro Municipal Baltazar Dias, no âmbito da comemoração dos 40 anos da morte de Horácio Bento de Gouveia).

FIM

ÍNDICE

	Pág.
FICHA TÉCNICA	2
NOTA DE ABERTURA	3
PREFÁCIO	4

CONTOS

1. O MISTÉRIO DE HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA	8
2. UMA TARDE NA H.B.G.	10
3. VISITA À TURMA DO 7.º 6	12
4. UMA AVENTURA NATALÍCIA NA HBG	14
5. O RAPAZ E O PEIXINHO DOURADO	16
6. HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA E O FEITICEIRO	18
7. O LIVRO PERDIDO	20
8. O HORÁCIO E O LIVRO DE HORÁCIO	23
9. A MINHA RAPARIGA, TAL COMO ERA ANTES	25
10. A VIAGEM NO TEMPO	27
11. E ASSIM SE PASSARAM 50 ANOS	29
12. E SE NÃO TIVESSE ACONTECIDO?	31
13. O SONHADOR DA HBG	33
14. UMA AVENTURA NO SÓTÃO DA HBG	35
15. ESCRITOR POR AMOR	37
16. A SORTE DEPENDE DA VONTADE	39
17. ALGO DE ERRADO NÃO ESTAVA CERTO	42
18. OS NOMES FICAM PARA MIM	44
19. O LIVRO MÁGICO	47
20. UM HOMEM, UM ESCRITOR, UMA ESCOLA	50

21. AVENTURAS DE ANTIGAMENTE	53
22. O REI DEMÓNIO E A MENINA	56
23. O DR. HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA	58
24. A GRANDE INSPIRAÇÃO	60
25. UMA VIAGEM BEM AVENTURADA	62
26. A SOCIEDADE SECRETA DA ESCOLA HBG	64
27. A BIBLIOTECA DOS DESEJOS	66
28. MARGARETA	69
29. O ORGULHO E COMPANHIA DA ESCOLA	72
30. O ABSURDO	75
31. O CLUBE	78
32. CONTO PARA A COMEMORAÇÃO DOS 45 ANOS HBG	81
33. <i>JE ME SOUVIENS</i>	83
34. A VIAGEM NO TEMPO	86
35. E ASSIM SE PASSARAM 50 ANOS	88
36. E SE NÃO TIVESSE ACONTECIDO?	90
37. O NATAL EM FESTA	92
38. A MEDALHA DA CORAGEM HBG	94
39. TABULEIRO DE XADREZ	97
40. CONTO INCOMPLETO.	101
41. LIVROS TROCADOS	104
42. COISAS E COISAS QUE TAL, EM 30 E TAL ANOS DE HGB	106
43. A ESCOLA SEM MUROS	109
44. AMIZADE INESPERADA	112
45. É ISTO QUE PROCURAS, ANA!	115

OUTROS TEXTOS

HORÁCIO BENTO E A IDENTIDADE MADEIRENSE118

Miguel Albuquerque

A MINHA HISTÓRIA.....120

Oma/Avó da Victória Rodrigues

O DR. HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA122

Maria Lurdes Rodrigues/Avó do Simão Rodrigues

HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA124

Agustina Bessa Luís



A LEITURA ESTIMULA O RACIOCÍNIO, MELHORA O VOCABULÁRIO, APRIMORA A CAPACIDADE INTERPRETATIVA, ALÉM DE PROPORCIONAR UM CONHECIMENTO AMPLO E DIVERSIFICADO SOBRE VÁRIOS ASSUNTOS. BASEADA NA FICÇÃO OU NA REALIDADE, DESENVOLVE A CRIATIVIDADE, A IMAGINAÇÃO, A COMUNICAÇÃO, O SENSO CRÍTICO E AMPLIA A HABILIDADE NA ESCRITA.

A ESCRITA, SUA ALIADA, PROPÕE LIBERDADE À MENTE PARA CRIAR E VIAJAR POR ENTRE PALAVRAS E MUNDOS. A ESCRITA PERMITE SONHAR DANDO AZO A NOVAS LEITURAS.

O DESAFIO LANÇADO AOS NOSSOS ALUNOS DO 3.º CICLO NA DISCIPLINA DE PORTUGUÊS E À COMUNIDADE EDUCATIVA DA H.B.G. DE ESCREVER UM CONTO DOS REUNIDOS NESTA COLETÂNEA É O TESTEMUNHO DE UM EMPENHO ÚNICO, DE COMPROMETIMENTO E SENTIMENTO DE PERTENÇA A UMA INSTITUIÇÃO. OS DOCENTES TRANSFORMARAM A MOTIVAÇÃO E O SENSO DE RESOLUÇÃO EM INSPIRAÇÃO. DIFÍCIL FOI SELECIONAR APENAS 45 DELES DE ENTRE OS MAIS DE 400 PRODUZIDOS. NO ANO EM QUE A ESCOLA CELEBRA OS 45 ANOS DE EXISTÊNCIA, O MOTE EXIGIA A MENÇÃO OBRIGATÓRIA, SOB QUALQUER FORMA, A HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA OU A HBG. A ATITUDE PROATIVA E O QUE É O RESULTADO DESTES DELICIOSOS FRUTOS NESTE CONTEXTO DESAFIADOR SÃO MOTIVO DE ORGULHO PARA TODOS NÓS.

CARO LEITOR, QUE ENCONTRE POR ENTRE ESTAS FOLHAS UM CONTO PREFERIDO OU VÁRIOS. UM BOM CONTO NÃO ESGOTA, APENAS SE REFUGIA NUM NOVO E FUTURO CAPÍTULO E EM CADA UM DE NÓS.



CADA CONTO TEM AGORA DUAS ALMAS:

A ALMA DE QUEM O LEU E A ALMA DE QUEM O ESCREVEU.

© VIAGEM LITERÁRIA – 45 ANOS – 45 CONTOS – H.B.G. GR300 PORTUGUÊS 2023-2024